

Sacrifício

Lora Leigh

Série Bound Hearts Volume 5



Capítulo 1

—Fácil, Red. Foda sim, querida, lá vamos, tome-o todo – Red, ou Kimberly Madison, como a conheciam na elite política de Washington D.C., estava estendida em uma mesa de nogueira, suas mãos atadas pelas correias dos lados, com suas pernas elevadas por Sax enquanto ele lentamente introduzia seu pênis em seu escuro e bem lubrificado ânus.

Sua cabeça golpeava sobre a dura superfície; as gotas de transpiração dedilhavam seu rosto, seus peitos cheios e deliciosos e seus eretos mamilos. O suor corria em riachos para sua cintura, formando um pequeno atoleiro no diminuto botão do umbigo e fazia brilhar suas coxas, unido aos espessos sucos que se acumulavam desde sua nua e ruborizada vagina.

Sax a fazia estender amplamente suas coxas, sujeitando-os com seus musculosos braços enquanto lentamente fodia à pequena ruiva ao tempo que ela gritava e se retorcia contra ele, rogando pela liberação. Era uma visão que Jared Raddington estava seguro que arderia para sempre em sua mente.

Ele não tinha esperado isto quando aceitou ingressar no Clube, e sem dúvida alguma não o tinha esperado quando abandonou a fazenda Madison, furioso por que Kimberly partiu antes de sua chegada. Ela tinha estado fazendo disto um hábito nos últimos seis meses, desaparecendo justo antes de que ele chegasse.

Não estava seguro de por que tinha um interesse tão entristecedor nela. Não era o tipo de mulher que normalmente lhe atraía. Era pequena, media 1,65m contra seu 1,90. Era mas bem arredondada, não magra como uma modelo, e tinha peitos cheios, luxuriosos quadris e uma barriga deliciosamente arredondada. Podia imaginar a curva pálida de seu estômago decorada com um piercing, possivelmente de esmeraldas iguais a seus formosos olhos verdes. E por cima de tudo, podia imaginá-la em sua cama, seu pênis abrindo caminho dentro de seu ânus em vez da do Sax, sua mão açoitando a suave curva de suas nádegas, sua voz gritando seu nome e não o de outro homem.

Compridos e ferozes cachos vermelhos caíam a um lado da mesa, fios de grossa seda que deveriam acariciar seus quadris, mas que roçavam o chão em lugar disso. Cabelo que desafiava a um homem a tocá-lo, a acariciá-lo.

—Por favor, Sax – gritava ela enquanto lutava contra as ataduras. — Deixe ir. Não posso gozar assim. Por favor.

A escura carne masculina brilhou suarenta enquanto aumentava as duras investidas, e a bronzeada longitude de seu pênis se apoderava do pequeno e ajustado canal em duros ataques, separando as deliciosas curvas de seu ânus e enchendo-a com cada polegada de sua escura e acelerada ereção.

Jared sentiu cada músculo de seu corpo esticar-se ante a demanda primitiva de sua voz. Ela se encontrava no topo de um pico de agonizante necessidade, um pico do que ele queria fazê-la cair. A visão do pênis de outro homem dentro de seu ânus, estirando essa pequena entrada, atormentando-a com o prazer/dor de cada impulso o estava deixando louco. Desfrutaria ela de um ménage com a mesma fome brutal?

Jared se levantou de sua cadeira no rincão isolado que tinha escolhido horas atrás quando entrou no Clube. Em sua primeira noite ali queria habituar-se ao lugar e a seus membros, mas não tinha esperado a assombrosa cena que lhe tinha revelado.

Kimberly tinha entrado tão linda para agradar, tinha pedido uma taça e tinha dado um passo para o escuro engenheiro da Delacourte Electronics. Pela primeira vez no ano que fazia desde que Jared a conhecia, não levava maquiagem, sua expressão mostrava uma honesta e nua emoção, inclusive embora fosse luxúria, e a fina capa de fria altivez que sempre mostrava ao mundo desapareceu. Esta não era a princesa de gelo que ele tinha conhecido. Esta mulher era selvagem, ardente, uma tentadora feiticeira que nenhum homem poderia resistir.

—Mais duro. Por favor, Sax, por favor —ela estava quase às lágrimas agora, rogando por sua liberação. Retorceu-se contra as ataduras que a sujeitavam, seus quadris retorcendo-se contra a dura penetração do grosso pênis que perfurava seu anus com golpes crescentes.

Seus clitoris estava inchado, aparecendo desesperado por cima das dobras de carne que o protegiam, o pequeno nó de nervos avermelhado e brilhando ansioso.

— O que acontece com ela? – Jared finalmente perguntou a outro dos membros que estava sentado junto a ele.

Ele pensava que a conhecia, tinha pensado que seduzi-la para saciar sua fome levaria tempo e sutileza. Equivocou-se. Mas suspeitava que a mulher que ele via agora não era a imagem total de quem e que Kimberly era, tampouco.

—Red? – A voz do Lucian Conover se suavizou ao olhar a cena. —Normalmente, muito estresse. Está acostumada a aparecer mais ou menos a cada três meses, normalmente depois do exame físico forçoso para demonstrar que ainda é virgem, e se permite um desafogo. É uma boa menina.

Menina? Tinha vinte e quatro anos e gritava agora por sua liberação, pedindo a outro homem que fodesse seu cú mais duro, mais profundo. Se fosse muito mais profundo lhe estaria fazendo ao bastardo uma mamada quando saísse por sua garganta. Era diminuta, logo que media 1,65 M., delicada e tão frágil como uma princesa de conto de

fadas. Ou isso tinha pensado ele. Nenhuma frágil princesa poderia tomar um pênis em seu anus dessa maneira e pedir por mais.

—Exame forçoso? —Finalmente encontrou sua língua o tempo suficiente para perguntar.

Conover fez uma careta.

—É a filha do Senador Madison. O testamento de sua mãe estipula que ela tem que ser virgem em sua noite de núpcias para conseguir qualquer que seja sua maldita herança. Evidentemente, o querido papai a quer —se raivou. Conseguiu uma ordem judicial para lhe fazer exames trimestrais que provem que ela ainda reúne os requisitos para herdar antes de seu casamento, quando for que isso seja. Se ela não passar no exame, o bom do senador herda tudo.

Jared apertou seus dentes pela informação. Ele sabia que Madison era um bastardo, mas até isto era mais do que ele tinha esperado do homem. A tensão na casa Madison sempre era elevada quando Kimberly estava ali. Ela poucas vezes falava mais que umas palavras em sua presença, e freqüentemente chegava tarde e se ia cedo a qualquer função que estivesse preparando. Ele ainda não entendia por que sua mãe se casou com aquele bastardo. E embora soubesse sobre os exames, não tinha estado completamente seguro de que existia.

—Maldito seja, Sax —gritou ela. — Não posso suportá-lo.

Jared mal controlou seu próprio estremecimento. Sua voz ressonava com um escuro desejo que ele sabia que outro homem nunca saciaria.

Estava sendo torturada por sua própria sexualidade. Podia ouvir as escuras ânsias de sua voz, a carnalidade que fazia com que suas entranhas se esticassem com sua própria fome.

—Ela necessita de estimulação no clitóris — suspirou Lucian. — Sax terá que atrasar-se até levá-la ao ponto em que ela goze fácil. O resto dos membros que estão aqui hoje, fora ele, estão casados. —Havia um fio de diversão em sua voz. — Exceto você.

O Clube não era um bordel. Era, tal como o nome implicava, uma atmosfera para homens cujos desejos básicos eram mais profundos que a maioria. Sabia-se que os homens casados ali nunca tocavam a outra mulher, mas os homens solteiros eram freqüentemente terceiras partes em ménages ocasionais com as esposas destes homens. Uniam-se devido a sua necessidade de dominar a sexualidade de suas mulheres, lhes dar a máxima liberação, os máximos prazeres. Era um clube de homens, mas criado como uma base de apoio para aqueles cujos desejos freqüentemente cruzavam a linha de depravação aceitável.

Isto não era um clube de troca de casais. Os membros casados do Clube, até agora, não tinham nenhum desejo por outras mulheres a parte das suas próprias. A fidelidade era uma das pedras angulares da existência do Clube. Ao igual ao prazer feminino.

Jared olhou fixamente para Kimberly então. Ela gemia, implorando, enquanto Sax lutava contra sua própria realização.

— O que ela necessita? —perguntou então, sabendo que se estava condenando a si mesmo.

—Não muito — Lucian se encolheu de ombros. — Golpeie sua vagina um pouco e gozará como se fosse Quatro de Julho. Depois, tomará uma taça, jogará umas poucas mãos de cartas e irá para um quarto para dormir.

Poderia ser o que ela normalmente fazia. Esta noite, entretanto, seu programa estava a ponto de mudar. Ele esbofeteria aquela bonita e pequena vagina, por agora. Mas seu pênis precisava de mais. Logo ele a foderia duramente.

Enquanto cruzava o quarto, Sax ergueu o olhar; a tensão de conter-se refletia claramente em seu rosto escuro.

—Ajuda-a — ele ofegou. — Foda-se, não vou agüentar.

O outro homem ofegava, tão perto de sua própria liberação que sua expressão se via dolorida. Entre as coxas do Kimberly seu pênis se impulsionava, dura e grossa, dentro dela. Felizmente, estava protegida por uma camisinha. Jared era o bastante honesto consigo mesmo para admitir que não queria a semente de outro homem dentro de seu corpo, em nenhuma parte. Não ainda. Não antes de que ele decidisse quem seria o terceiro na relação que estava decidido a construir com ela.

— Não. Não, não pare ainda. Por favor... - A voz dela se acalmou enquanto Jared rodeava a mesa.

Seus olhos se abriram, seu rosto empalideceu e então duros e violentos estremecimentos começaram a percorrer seu corpo enquanto ela explorava repentinamente, com o nome do Jared exalado como um grito rouco entre seus lábios ao tempo que Sax empurrava repentinamente mais duro e forte antes de deter-se, distorcendo seu rosto por sua própria liberação.

Jared se inclinou perto, uma de suas grandes mãos emoldurando seu rosto enquanto ela ofegava. Ele podia cheirar o aroma de sua luxúria, selvagem, doce e sutil, fazendo-o desejar aproximar-se, provar cada gota picante de sua necessidade. E o faria. Logo.

— O próximo pênis em seu traseiro será o meu – jurou com convicção. — Nenhuma mais, Kimber, não sem mim. Nunca mais...

Capítulo 2

Uma raiva estranha, desconhecida dominou Jared enquanto liberava Kimberly das ataduras dos pulsos e a tirava rapidamente da mesa. Conseguiu ficar em silêncio, apenas, apertando os dentes e lhe jogando uma bata por cima que recolheu de uma mesa próxima.

Mas ela o estava incitando. Antes de que ele pudesse envolvê-la ao redor de seus ombros, ela a tirou das mãos e a enrugou com deliberada provocação. Um lento, provocador movimento que o fez querer grunhir devido à necessidade que se elevava como uma besta faminta em suas vísceras.

—Bem, bem, bem e eu que pensei que o dito de que “os fazendeiros gostam de sujo” era somente um conto de velhas – disse ela debochando friamente. — Que vergonha, Jared. Só penso em quão decepcionado estará Papai.

Ele era consciente do silêncio da sala, dos olhos que os olhavam. Em circunstâncias diferentes, realmente não teria ligado a mínima, mas isto não era sexual. Para ser honesto, tinha vontade de colocá-la sobre seus joelhos e açoitá-la de um modo que não tinha nada que ver com o prazer, e muito afirmando seu controle sobre ela.

—Considerando que meu pai ajudou a fundar este pequeno clube longe do lar, não poderia dizer que ele poderia estar decepcionado – ele gracejou enquanto os olhos dela se alargavam surpreendidos. — Mas duvido que o teu sinta o mesmo.

Seus olhos se estreitaram, a cor verde escura brilhando com uma quebra de onda de cólera enquanto ele a agarrava por braço e começava a tirar da habitação. Lhe lembrando seu pai não garantia a ele ganhar nenhum ponto a seu favor, mas neste momento, não importava-lhe a mínima. Tinha jogado seu jogo durante um ano, e já era hora de mudar as regras, assim como o equilíbrio de poder.

—Não sou uma de suas estúpidas vacas —grunhiu ela enquanto tentava cravar seus saltos no chão e lutar contra seu agarre. — Maldição, deixe-me ir!

—Inclusive minhas estúpidas vacas sabem o suficiente para não discutir com o touro dominante, Kimber – apertou seus dedos ao redor de seu pulso delgado e a encaminhou pelas escadas. — Continue resistindo aí atrás e possivelmente te ensine por que sabem melhor.

Ela se deteve somente um segundo, mas pareceu resistir um pouco menos até que ele cruzou a soleira de seu quarto e fechou de repente a porta atrás deles. Que Deus lhe ajudasse, estava em tal estado de excitação que era tudo o que podia fazer para abster-se de lançá-la à cama e fodê-la até a exaustão.

Durante todo um maldito ano ela tinha estado fora de seu alcance, com seus provocadores olhos verdes rindo de suas tentativas de encurralá-la, seus lábios fazendo beicinho como em um satisfeito sorriso que dizia “ se atreva” cada vez que lhe advertia que não ia deixá-la escapar sempre.

O sorriso se foi, a risada em seus olhos se desvaneceu pela cólera, e as sardas de suas bochechas e nariz eram claramente evidentes sob a pálida carne de sua cara.

—Não tem nenhum direito de me arrastar assim – ela se enfrentou a ele com o cabelo caindo em desordem por suas costas, os cachos tentando a seus dedos a agarrá-los e aproximá-la a ele...

Direção errada, ele se repreendeu severamente a si mesmo. Pensamentos como este não lhe dariam respostas e provavelmente terminariam por prejudicar a sua causa agora, mais do que ajudá-la.

—Assumi o direito —grunhiu, cruzando os braços sobre o peito para obrigar-se a não tocá-la. — Como eu deveria ter feito um ano atrás.

Seu lábio superior se levantou em um grunhido silencioso que fez que seu pau reagisse com um feroz latejar de fome. Ela o tinha mantido tão malditamente quente ao longo dos meses passados que a ereção era quase constante.

—Oh recupere a si mesmo, Jared – ela agitou uma mão negligentemente antes de apertar o cinturão de sua bata com um puxão controlado. — A atitude de macho já não está de moda. Não sabia?

Mas ele podia ver a cólera tremer através de seu corpo, brilhando em seus olhos. Como também podia ver os pequenos e duros mamilos sob a seda de sua bata e o rubor de excitação em seu rosto. Poderia estar zangada, não tinha dúvida, mas não podia esconder sua luxúria tampouco.

— Isso nunca sai de moda, Kimber – lhe recordou com suavidade enganosa.— De outra maneira, as pequenas damas doces como você não teriam nenhum modo de desafogar-se.

Fechou com chave a porta, devagar, olhando-a com cuidado enquanto ouvia o estalo da fechadura. Seu pulso pulsava com renovada velocidade em um lado de seu pescoço, enquanto suas pupilas se dilatavam o suficiente para lhe assegurar que não estava acalmada. Mas tampouco estava assustada, ele podia vê-lo nesse obstinado e altivo gesto de seu queixo. Estava excitada. Seus peitos se elevavam e baixavam cada vez mais rápido, seu rosto estava avermelhando com um suave e delicado rubor que o estava deixando louco.

Maldição, se ela não fosse tão bela como o inferno... Não realmente bonita, mas malditamente bela com seu pequeno nariz coquete, enviesados olhos de gato e todo aquele glorioso cabelo vermelho dourado caindo ao redor de seus ombros. Ela o enfrentava como uma pequena deusa enfurecida, segura de seu próprio poder e sua determinação.

—Meu “fogo”, como você o chama, é problema meu – lhe recordou ela, em uma tentativa de voltar para sua fria altivez passada. — Não preciso de sua interferência.

É obvio que não a necessitava. Pelo que ele tinha visto no andar de baixo, ele era uma fraqueza que ela estava decidida a manter oculta. Mas tinha visto o calor, a fome – madição, a luxúria – que brilhavam naqueles olhos brilhantes verdes quando ele a agarrou despreparada, lutando por sua liberação. Ele tinha sido o detonador. A fome tinha sido por ele. A necessidade tinha açoitado seu corpo por ele.

Jared não estava mal preparado no campo da luxúria, ou das mulheres. Sabia desde seu primeiro encontro, um ano antes, que Kimber era diferente, especial. Ao menos, para ele. Tinha-lhe atraído como nenhuma outra mulher, apesar de seu escudo de distante desinteresse; tinha sabido que havia algo ali. E estava seguro agora.

—Necessitava de minha interferência no andar de abaixo —indicou enquanto colocava as mãos nos bolsos da calça.

Sua palma da mão coçavam com a necessidade de tocá-la, de atrai-la contra ele e de provar a textura sedosa de sua pele. O desejo estava violento em seu sangue, esticando seu corpo e lhe recordando quanto tempo tinha passado desde que tinha estado com alguma outra mulher. A necessidade por ela havia inclusive ultrapassado seu interesse em ter qualquer outra.

— Você me surpreendeu – ela encolheu os ombros tentando ocultar sua reação anterior. — Me despertou. Nós somos apesar de tudo, família.

Lhe jogou um perverso e zombador olhar com um deixo de amargura que inquietou sua alma. Quis envolvê-la em seus braços. Queria protegê-la da dor que podia ver em seus olhos. O impulso repentino de protegê-la, mais que de fodê-la, era assustador.

Jared bufou.

— Estou malditamente feliz de que não sejamos família, Kimber – lhe advertiu. — Porque se fôssemos, romperia mais de uma maldita regra antes de que a noite termine.

Algo cintilou em seus olhos. Pesar? Dor? Foi tão breve que ele não pôde averiguar a causa.

—Não estará rompendo nenhuma regra, Jared – sua voz era firme, o bordo de aço que sempre o desafiava a ver o longe que podia fazê-la dobrar-se ressonava em sua voz. — Qualquer calafrio que tivesse abaixo será a única que conseguirá de mim.

Aí estava a dor. Estava quase oculto, quase escurecido pelo limite frio da determinação. Ela não estava disposta a ceder uma polegada. Jared sorriu com lenta e fácil confiança. Isso estava bem, entretanto, porque ele tinha bastante mais que uma polegada para lhe dar.

—Ah, não acredito, Kimber – avançou para ela então, estreitando seus olhos enquanto ela tragava fortemente e começava a retirar-se. — Já vê, neném, esperei quase doze meses para averiguar exatamente qual era seu ponto fraco e como usá-lo em meu próprio proveito. Encontrei-o esta noite, e que me condene se deixo que escape de mim agora.

—Pare, Jared – algo em sua voz lhe fez obedecê-la. Ele deteve-se pouco mais de um passo dela, olhando-a silenciosamente. Esperando.

—Isto não pode acontecer – disse ela então, tentando cobrir o pesar de sua voz com necessidade de aço. — Tem que entender isto. O que viu abaixo é tudo o que quero. Tudo o que necessito. Algo que esteja oferecendo, não posso aceitá-la, não a aceitarei. Você não tem outra escolha além de ir embora. Agora.

Jared sacudiu a cabeça enquanto seus lábios se curvavam debochadamente. Deu um passo para ela, prensando-a contra a parede em que se refugiou enquanto suas mãos emolduravam seu rosto. Assombrou-o ver quão pequena e delicada que era seu felino rosto entre suas mãos. Seus dedos se deslizaram aos lados de seus cabelos enquanto a mantinha quieta frente a ele, com as pontas dos dedos acariciando a fresca e sedosa textura.

—Há opções, Kimber – disse. — E além disso, há determinação. Pode também deixar de lutar, porque não te deixarei ir agora. Meu nome estava em seus lábios quando seu corpo estremeceu na liberação. Vi a fome em seus olhos e o senti nos estremecimentos que atormentaram seu corpo. Não pode te ocultar disso mais do que eu posso.

—Não —ela agarrou seus pulsos com as mãos enquanto o olhava fixamente, seus olhos não mais cheios de cólera, dor ou pesar, só cansaço, e o cansaço perfurava o coração dele. — Não posso, Jared. Inclusive embora queira, inclusive embora o que há dito seja certo, não posso aceitá-lo. Porque se o faço, perderei tudo. Não há nada nem ninguém que mereça o risco que estaria assumindo.

Seu pai. Jared quis amaldiçoar o homem pelo tratamento injusto a sua filha, pela dor, a cólera e por aquele maldito cansaço. Mas ela ia ter que aprender que havia mais nos sonhos, mais nas necessidades, que a satisfação vazia que se permitia.

—Não te deixarei ir —disse outra vez.

Antes que ela pudesse responder, baixou sua cabeça, tomando seus lábios abertos em um beijo que surpreendeu a ambos. Chamas correram por seu corpo à velocidade da luz, fazendo que seus músculos se apertassem com fome enquanto sua ereção ameaçava arrebatando o zíper que a mantinha a distância.

E Kimberly estava afetada. Depois de seu primeiro ofego surpreso, suas unhas beliscaram seus pulsos, mas sua língua encontrou a sua com uma velocidade e uma fome que lhe fez estrangular um grunhido selvagem. Os dedos dele enroscaram entre os largos cachos de seu cabelo, sentindo-os enroscar-se ao redor de suas mãos enquanto ele inclinava mais para trás a cabeça dela e começava a beber da paixão que estalava por seu corpo.

Era como um narcótico, ambrósia, era o baile mais sensual, mais erótico de lábios e línguas que ele alguma vez tinha conhecido. Comeram-se o um ao outro, ambos escassamente preparados para os repentinos fogos que fizeram erupção através do outro.

Ela poderia lançar negações até que o inferno se gelasse, mas aqui não podia ocultar-se. Sob seus lábios, não podia mentir, não podia rechaçar o prazer que arrebatava por seus corpos como uma tormenta de fogo dos sentidos. E não lhe deixaria fazê-lo se o tentasse.

Jared obrigou a uma mão a soltar o cabelo dela, baixando-a a suas costas e levantando-a contra ele enquanto a pressionava contra a parede. Imediatamente, seus joelhos abraçaram seus quadris, um grito assustado estalou de sua garganta quando ele pressionou seu pênis contra a almofadinha quente, molhada de sua xoxota.

—Sinta isto – grunhiu contra seus lábios, olhando-a com ferocidade. — Está tão molhada que empapa minhas calças. Tão quente que me queima vivo. E esperas que eu aceite um não por resposta?

Sobressaltada, drogada com a paixão, seus olhos se alargaram enquanto ele encaixava sua ereção contra ela.

—Não – ela tragou fortemente, sacudindo sua cabeça em negação apesar do fluxo de acalorado líquido que umedecia suas calças.— Não posso, Jared...

—Ah, mas poderá – lhe assegurou ele misteriosamente. — Lhe advirto isso agora, neném. O próximo cacete que se deslize dentro desse seu pequeno rabo apertado será o meu. O próximo homem que te tocará, provará, sustentará, serei eu. Só eu, Kimber. Até que reconheça a febre que nos queima vivos a ambos, nenhum outro homem te tocará.

O feroz empurrão dela contra seu peito o fez retroceder. A contra gosto, liberou-a, vendo a fervente fúria pulsando em seu olhar enquanto ela o enfrentava.

—Não é meu dono – ela lutava por regular sua respiração, por deter o desejo que pulsava duro e quente dentro dela, como ele estava também. — Não te deixarei me ditar este caminho.

—Ah não o fará? —perguntou-lhe ele, quase estremecendo-se ante o sombrio, brusco tom de sua própria voz. — Muito tarde, querida. Eu conheço a sua fraqueza e a sua fome. E Kimber... – A observou mais de perto agora. — Conheço seus segredos. Não pense nem por um minuto que não usarei cada arma que possa encontrar para te ter. Seria um engano que não acredito que queira cometer.

Ela inalou profunda, duramente, o rubor da excitação desvanecendo-se quando compreendeu que agora ele muito provavelmente sabia muito mais do que ela queria que soubesse.

—Ainda sou virgem – se ergueu com orgulho enquanto em seus lábios se desenhava um leve sorriso zombador de triunfo. Mas seus olhos estavam escuros de dor. — E a não ser que incorra na violação, não ganhará, Jared. Nem você nem meu pai.

A amargura em seu tom tensionou o coração dele. Podia ver a suspeita em seus olhos, o medo de que ele de algum modo trabalhasse para ajudar ao triunfo de seu pai. Nada podia estar mais longe da verdade.

—Seu pai pode ir-se diretamente ao inferno. E não, Kimber, não vai o da violação – finalmente disse com cuidado. — Mas estarei dentro de ti. Cedo ou tarde, de uma ou outra maneira, prometo-lhe isso. Pode manter sua virgindade, mas que me condene se te deixo seguir fugindo. Não mais.

Afastou-se dela, sabendo que se não partisse agora, poderia chegar a fazer algo que ambos terminariam por lamentar. Seu controle estava mais instável do que nunca, sua fome mais profunda que a que poderia haver-se imaginado.

—Jared, isto não funcionará – lhe advertiu ela outra vez enquanto ele abria a porta do dormitório, detendo-se na entrada. — Tem que esquecer o que viu esta noite.

Ele se voltou, sorrindo um pouco como zombando-se de si mesmo agora.

—Tenho que fazê-lo, Kimber? - perguntou-lhe, com tom reflexivo. —Te direi algo: quando puder me olhar sem me deixar ver as lembranças em seus olhos, então falaremos do que posso ou não posso esquecer. E então discutiremos como infernos se supõe que tenho que deixá-la ir.

Porque apesar dos obstáculos aos que suspeitava ia se enfrentar possuindo-a, Jared tinha o pressentimento de que nunca conseguiria tirá-la da cabeça agora. E se não conseguia isso, como se supunha que ia romper os fios que se estavam tecendo em seu coração?

Capítulo 3

—Ela vai me deixar louco. Um ano. Persegui essa mulher durante um maldito ano e ela ainda continua fugindo de mim

Jared passou seus dedos agitadoamente por seu curto cabelo enquanto caminhava ao longo da cozinha de sua mãe dois dias mais tarde, incomodado sob o escrutínio dos olhos de lince de sua muito perspicaz mãe, Carolyn Raddington Madison.

Não podia tirar Kimberly da cabeça. Era frustrante, irritante, estava-o deixando louco pelo calor líquido que percorria sua corrente sanguínea e que mantinha seu pênis em um estado constante de ereção. Mas a pior era a dor de seus braços por querer sustentá-la. Merda, ele só desejava sustentá-la perto de seu coração, abrigá-la e protegê-la da dor que tinha vislumbrado em seus sombrios olhos verdes. Desejava ver risada ali. Desejava ver calor e paixão e sua necessidade, e felicidade.

Não podia dormir pela imagem dela jazendo atravessada naquela mesa, lutando por seu orgasmo. E sabia, lá no mais profundo das horas mais escuras da noite, que não era o orgasmo o que estava tratando de alcançar a não ser o sentido de liberdade e fuga. Era seu escape. Tão extremo como era, ir ao Clube e despir seu tentador traseiro para que a fodesse era o modo de Kimberly de liberar a pressão, desespero e necessidades que tinham tanto que a ver com o sexual como com o emocional.

—É certo, Jared, como diz, esteve fugindo durante um ano. O que é o que te deixa tão transtornado justo agora? — A voz de Carolyn era ligeiramente divertida e algo mais que um pouco curiosa.

Jared deteve seu passeio antes de voltar sua cabeça para olhar a sua miúda e conservadoramente vestida mãe. Seu suave cabelo castanho acinzentado estava elevado em um coque e sustentado na parte de atrás por uma fivela de prata que seu pai lhe tinha dado por seu décimo aniversário de casamento. Ao redor de seu pescoço levava as pérolas que lhe tinha comprado para um aniversário. Usava um simples aliança de casamento em sua mão esquerda; na direita ela ainda levava o simples anel de compromisso e a grossa cinta que tinha ganhado como esposa do Juiz Victor Raddington.

Era ainda uma mulher formosa, uma das mais formosas que Jared jamais tivesse conhecido. Com suas bonitos traços e olhos azul escuro, não era classicamente bonita mas havia um ar de tranqüila grandeza nela que sempre o consolava. Ao menos, a maior parte das vezes.

—Estou farto disso — suspirou finalmente com rudeza enquanto se voltava para ela e avançando para a mesa de cozinha de carvalho claro se sentava de novo em seu assento. — Não posso tirá-la de minha cabeça. Não posso deixar que siga escapando desta forma.

Ela estava se destruindo. Ele tinha visto muito, tinha vislumbrado a raiva amarga que a enchia momento antes de beijá-la. E esse beijo. Inspirou profundamente, ainda afetado pelas sensações que o tinham percorrido. Foi um fogo selvagem. Uma explosão dos sentidos, muito intenso para lutar, muito profundo para deixar-se ir.

—E como tem intenção de detê-la, Jared? — Sua mãe levantou sua xícara de café até seus lábios, mas ele viu um sorriso zombador afiar seus lábios. — Kimberly é uma mulher adulta. Não pode obrigá-la a uma relação contigo. Esses dias passaram faz muito, filho.

Ela estava se divertindo. Demônios, houve alguma vez um tempo em que não tivesse estado divertida quando ele e seu pai mostravam o que ela chamava sua “raridade masculina”?

Reclinou-se em sua cadeira, olhando-a silenciosamente durante um longo tempo. Estava casada com o Senador Madison, e embora não parecesse delirantemente feliz, parecia contente. Entretanto, as sombras ainda perduram da morte de seu primeiro marido. Um véu de tristeza que ele sabia que nunca se acabaria completamente.

Sua relação com Victor Raddington tinha sido tempestuosa, apaixonada e, sabia, profundamente amorosa. Ele tinha sido criado no refúgio desse amor, e mais tarde, sendo adulto, no tácito conhecimento do fato de que sua sexualidade não era o que os outros considerariam “normal”.

Seu pai tinha ajudado a fundar O Clube. Os sigilosos sócios eram figuras extremamente públicas que tinham criado o grupo e o tinham feito por uma necessidade de privacidade e amparo. Um juiz, um governador, um aspirante a vice-presidente. Suas sexualidades teriam sido uma mancha em suas imagens públicas.

—O que sabe sobre este Testamento com o que o pai a mantém sob controle, Mãe? — finalmente fez a pergunta que lhe estava comendo a mente. Tinha que haver uma resposta para isto, embora depois de sua reunião umas horas antes com o Senador Madison, não pensava que a resposta fora muito alentadora.

Carolyn jogou um olhar com certa surpresa antes de que uma tênue luz de entendimento aparecesse em seu olhar.

—Ela te contou sobre isso? – perguntou com curiosidade.

Jared sacudiu sua cabeça.

—Não com tantas palavras, mas isto é Washington, esquece que há poucos segredos.

Ela suspirou em reconhecimento.

—Foi estabelecido gerações atrás. Estabelece que ela deve casar-se com um homem que seu pai aprove e que ela deve ser virgem para herdar Briar Cliff, a propriedade que foi da família de sua mãe durante gerações – levantou uma mão quando Jared ia protestar. —É completamente legal, Jared, comprovei-o eu mesma. Seu pai lhe impõe um exame cada três meses para assegurar-se que ela cumpra os termos do testamento. É tudo completamente legal e inquebrável. Em cinco anos, as condições do testamento serão nulas e inválidas. Se não houver nenhuma filha, ou a filha perdeu sua virgindade ou não se casou com a aprovação do pai, assinada e comprovada pelos advogados do testamento, então Briar Cliff volta completamente para herdeiro masculino mais velho ou ao pai. Se nem o pai nem um herdeiro masculino sobrevivessem, então e só então, volta para a filha sem condições. Daniel está determinado a que ela se case com um homem que possa refrear suas paixões, não com alguém que a encorage.

A raiva estufou seu peito, apertando sua mandíbula enquanto ele voltava o olhar para ela. A amargura em seu olhar, a dor de sua voz começava a ter sentido agora. Ele tinha esperado, demônios, tinha rezado para que a informação que lhe tinham dado no Clube tivesse sido equivocada. Embora tinha suspeitado que não o era.

—E por que te casaste com esta... – ele cuspiu as palavras com um estalo de seus dentes – ...pessoa?

Um suave sorriso curvou seus lábios quando viu ele reprimir os termos mais explícitos que pudesse ter usado.

—Sério, Jared, meu casamento com o Daniel não tem nada que ver com a relação com sua filha. Embora eu era inconsciente dos conflitos entre eles então – sacudiu sua cabeça enquanto envolvia seus dedos ao redor de sua xícara, olhando pensativamente os restos de seu café. —Isto dói a ele, a distância entre ele e Kimberly, mas faz o que sente que é correto. E os termos do testamento não foi imposto por ele. Foi feito cinco gerações atrás por uma rigorosa, careta mãe que desaprovava completamente o que ela chamou desejos “pouco naturais” das mulheres de sua família. Ela estava decidida a que seus descendentes se comportariam com toda respeitabilidade, e o fez cumprir.

Jared inspirou asperamente enquanto começava a suspeitar os obstáculos que agora ficavam em seu caminho para possuir a mulher a que seu coração parecia unido.

—Se isto lhe doesse, faria algo para corrigir a situação, como lhe permitir a ela casar-se com alguém que lhe importasse antes que alguém escolhido por ele —refreou a fúria que queimava suas entranhas. —É consciente de que me considera inaceitável como marido para sua filha?

Por que se tinha incomodado em aproximar-se do Senador esta manhã, ainda não estava seguro. Formalmente, não tinha manifestado a intenção de casar-se com Kimberly, mas tinha estado curioso quanto às qualificações que o Senador aprovava.

Os lábios de Carolyn se afinaram com uma cólera cuidadosamente controlada. As notícias sentaram tão mal a ela como a ele.

—Entendo por que ele sente assim – ela o surpreendeu com sua declaração. — Espera, Jared – sacudiu a cabeça quando ele abriu sua boca para discutir. —Como você disse, isto é Washington, há poucos segredos que não sejam comentados com resplandecente detalhe. Os rumores do Clube, os Troianos, e seu modo de viver foram freqüentes o ano passado ou mais. Seu nome foi ligado a eles antes que fizesse parte disso. Daniel considera O Clube e seus membros, o epítome do que está determinado a evitar a sua filha.

Jared esfregou sua mão sobre seu rosto com chateio. Algumas pessoas não podiam manter suas bocas fechadas nem que suas vidas dependessem disso. Neste caso, um divórcio amargo e nada menos que alguém ex-álgebra soberba tinham revelado o segredo do exclusivo clube de homens a uma sociedade que absorveu os rumores.

—A sexualidade de sua filha não é seu assunto —grunhiu.

—Não mais que o teu é meu assunto – particularizou ela. —Mesmo assim, venho querendo te perguntar sobre sua associação no Clube durante vários meses.

Não havia censura de sua voz, só a aceitação que ele sempre tinha recebido dela.

—Sinto muito – ele só pôde sacudir sua cabeça, pesaroso. —Não pedirei perdão, conhecia os riscos.

Carolyn suspirou profundamente.

—Me diga, os rumores de que Kimberly é sócia ali são exagerados, ou verdadeiros?

Ela recolheu sua xícara como se a pergunta não tivesse sido deixada cair como uma bomba.

Maldição! A filtragem era pior do que ele tinha pensado. Tinha que encontrar a pessoa ou pessoas responsáveis por isto.

Jared a olhou atentamente. Algo entre eles, ele não tinha dúvida, ficaria entre eles, mas este era o segredo de Kimberly, não o seu.

—É tão parecido a seu pai – então ela riu discretamente. —Assumirei que ela o é, e assumirei que seu humor durante esta semana é devido a que se inteirou por ti mesmo – se inclinou para frente com sombria expressão, seus olhos azuis escuros e intensos. —Jared, essa propriedade significa tudo para Kimberly. Tudo. As últimas palavras de sua mãe foram uma súplica para que ela não rompesse a tradição que as mulheres de sua família mantiveram por mais de cinco gerações. Se ela perder sua virgindade, seu pai toma o controle dos benefícios da propriedade, a casa, tudo o que foi passado de mãe a filha, durante tantos anos. Em cada caso, a mãe foi forçada a casar-se com um homem escolhido por seu pai, um considerado capaz de refrear suas paixões e sua sexualidade. Essa promessa a está destruindo e, em muitas formas, ao Daniel também.

—Ele pode rompê-la – indicou Jared, consciente de que a cólera que pulsava dentro dele coloriu sua voz. —Ele a está destruindo.

—Ele acredita que está a salvando.

—Pelo amor de Deus – deixou sua cadeira com uma onda de energia nascida da fúria que pulsava em seu interior. —Quando voltamos para a Idade Média, mãe? Ela é uma mulher, não uma menina.

—Jared, não pode brigar contra isto – disse ela brandamente, com pesar. — Discuti sobre isto com o Daniel até que estivesse azul. Ele não cederá. Este é o único conflito que tivemos desde que nos casamos faz um ano. Ele acredita que está certo. Acredita que Kimberly deveria casar-se com um homem de paixões serenas, um capaz de controlar o que ele considera suas “selvagens inclinações”.

—Ele é um moralista dissimulado – cuspiu ele.

—Por que se preocupa? —perguntou-lhe ela, franzindo o cenho enquanto ele caminhava pela cozinha. — Entendo seu desejo por ela, Jared, mas houve outras mulheres às que desejaste e não podia ter tampouco. O que a faz diferente?

—Ela me deixa louco – grunhiu, colocando as mãos nos bolsos de suas calças enquanto encurvava os ombros pela tensão que lhe invadia. — Me faz querer lançá-la sobre meu ombro como um maldito troglodita, e ao mesmo tempo quero envolvê-la em algodão e proteger a de todos e cada um dos que pudessem lhe machucar. Quero-a feliz.

Sua voz, seu corpo, vibraram com essa necessidade, com a absoluta certeza de que ele poderia fazê-la feliz.

—E você pensa que casando com ela fará isso? – perguntou sua mãe com uma sombra de brincadeira. —Jared, Daniel nunca permitirá a Kimberly casar-se com um homem tão sexualmente intenso como você obviamente é. E ela perderá tudo pelo que está lutando se ela aceitar você.

—Ela é minha – ele estremeceu enquanto as palavras saíam dele. — Maldição, isso soou bastante arrogante, não? – riu com um pinga de auto-zombaria.

Mas não podia escapar da afirmação que acabava de fazer. Enquanto as palavras saíam de seus lábios, o conhecimento abrigou seu coração. Ela era dele, inclusive se não pudesse tê-la. Tinha visto a dor em seus olhos, a sexualidade que a atormentava, a pena que sombreava seus olhos. E muito mais. Viu sua necessidade de ser tocada, de ser abraçada, de deixar-se ir e compartilhar a paixão, o calor que crescia dentro dela.

—A ama, Jared? – perguntou sua mãe outra vez, sua voz firme agora, exigente.

Ele voltou seu olhar a ela, encontrando seus olhos com tanta determinação quanto dele mesmo.

Amava-a? Suspirou com cansada aceitação. Sim, amava-a, mais do que tinha acreditado possível amar a uma mulher.

—Mais do que imagina – disse finalmente, sua própria necessidade ressonando por seu corpo. —Mais do que você nunca saberá, mãe.

Por um momento a compaixão encheu os olhos dela. Tinha esperado durante anos que ele encontrasse uma mulher com que sentisse que poderia passar o resto de sua vida, e estabelecer-se em uma relação que o satisfaria, tanto como seu matrimônio com seu pai tinha satisfeito a ela.

—Então tem que tomar uma decisão – disse com cuidado. —Por toda sua vida Kimberly foi forçada a escolher, e sempre foi uma eleição que provocava outra ferida em sua alma. Pode lhe pedir que adicione seu coração e suas necessidades a sua carga?

Ele a olhou fixamente, restando a fúria que estalava dentro dele. Tragando forte, sacudiu sua cabeça com um movimento rude, negativo. Não podia obrigá-la a fazer semelhante eleição, e ambos sabiam. Mas não sabia se poderia obrigar-se a deixá-la ir, tampouco.

Carl Stanton tinha muito pelo que pagar. Tinha sido o desagradável divórcio de sua esposa que tinha provocado o primeiro dos rumores. Kia Stanton tinha desejado sair desse matrimônio, e quando Carl se negou, ela tinha deixado correr o primeiro rumor. Mas Kia já não tinha relação com nenhum dos membros, então como se divulgaram os rumores sobre sua associação e a de Kimberly? Mas inclusive mais inquietante, entretanto, era a ameaça de que a prévia associação de seu pai fora revelada também.

—Madison conhece a conexão de meu pai com O Clube? – perguntou-lhe então.— Está te causando problemas?

Mataria ao bastardo se ele tivesse se atrevido a abusar da miúda e frágil mulher que Jared sabia que era sua mãe.

Ela sorriu tristemente.

—Se esquece Jared de que este é um matrimônio de conveniência. Mas pelo que sei, Daniel não ouviu nenhum rumor que não devesse. Mas se o fez, não lhe serviria de nada. Não pode me fazer mal com isso. Mas este não é o ponto. O que fará agora?

O que mais ele poderia fazer?

—Deixá-la ir – sussurrou amargamente. — É a única coisa que posso fazer.

Capítulo 4

Ela podia ter sido uma espiã, pensou Kimberly, mas o treinamento adicional não se juntava com a castidade imposta. Poderia ser modelo, mas sempre pensou que isso significava dizer não à pizza, e perder os sete quilos extra que a atormentavam teria sido muito doloroso também. E ser a amante de um homem rico era simplesmente inadmissível; só se podiam fazer certa quantidade de compras antes de que isso também se tornasse bastante aborrecido. Além disso, igual a ser espiã, requeria a perda de sua virgindade. Todo o resto era aborrecido, assim ingressou na Academia de Polícia, indo dali a várias agências de segurança especializadas em proteção.

O trabalho não era realmente perigoso, e além disso levava uma arma. Gostava dessa parte. Especialmente quando as missões a faziam estar próxima de homens arrogantes com mais testosterona do que bom senso. Essas missões eram poucas e estavam bastante espaçadas, graças a Deus, mas de vez em quando apareciam suas feias cabeças. E logo estavam aquelas que realmente absorviam. As que sabia que poriam a prova sua paciência e seu treinamento. E esta era uma dessas.

Olhou fixamente seu chefe e um de seus amigos mais queridos, totalmente muda, retraindo uma risada incrédula. Isto era muito bizarro para ser real.

— Poderia repetir isso? — perguntou cuidadosamente, segura de que devia ter ouvido mal.

As grossas sobrancelhas cinzas do Richard Decker se franziram repentinamente.

—Você me ouviu, Kimberly – disse com cautelosa ênfase. —Será indicada à equipe de Raddington, apesar do aviso de que seu bem estar poderia estar em perigo também. Ficará perto de Jared Raddington, e a equipe lhes rodeará durante o tempo que tome averiguar se a ameaça é verdadeira ou imaginária. Irá a fazenda Raddington esta noite, e ficará ali até que esta missão esteja terminada.

Kimberly permaneceu rígida frente a ele, aspirando com cuidado pelo nariz enquanto apertava os dentes pelo esforço de reprimir sua sarcástica resposta. Se alguma vez se enfrentou a uma farsa, esta era uma. Como demônios tinha ocorrido?

—Richard, não acredito que seja uma boa idéia...

—Não cabe a você determinar isso – disse ele com serenidade. —A ordem vem mesmo do Congresso. Não há nenhuma outra opção.

Voltou a respirar profundamente. Inspirações profundas, recordou-se. Podia controlar a explosão que estava construindo-se em sua cabeça; tudo o que tinha que fazer era respirar. Pelo menos, isso é o que aquele arrogante perito de artes marciais de voz suave lhe havia dito.

—Então renunciarei – não era uma ameaça. Não seria a primeira vez que tinha se demitido de uma agência, e duvidava que fosse a última.

—Você poderia fazer isso – Decker assentiu lentamente, olhando-a tristemente enquanto ela permanecia de pé frente a ele. — É uma moça adulta, Kimberly, pode fazer o que quiser. Se quer seguir escapando. Ou, pode confrontar o fato de que haverá vezes que terá que ceder e aceitar o inevitável. Especialmente se seu pai for escolhido como o possível candidato a vice-presidente na próxima eleição, como se tem rumores.

Então os rumores eram certos. Justo o que ela necessitava.

—Não considero isso escapar...

—Bom, eu o considero, demônios! – grunhiu ele. —Pus meu traseiro na linha de fogo ao te contratar, se recordar bem. Não pensei que estava contratando um maldito desertor.

Ela quase recuou. Ele não levantou sua voz, mas Richard Decker não tinha que fazê-lo, seus olhos marrons escuros podiam te cortar ao meio se sentisse necessidade.

—É uma armadilha – argumentou ela, deixando a pretensão de subordinação enquanto a cólera alimentava o ressentimento que tinha estado crescendo dentro dela durante semanas. —Não é a primeira, nem será a última – disse falando do pai ao que tinha renunciado anos antes.

Sacudiu sua cabeça, lutando contra a necessidade de confiar na única pessoa que lhe tinha estendido as mãos em anos.

Richard Decker não era somente seu empregador; ele e sua esposa se transformaram em amigos dela. Tinham apoiado sua necessidade de independência de seu pai, e lhe tinham proporcionado um tranquilo, pacífico retiro em sua casa quando ela o tinha necessitado. Lhe dar as costas lhe comia a alma, mas os riscos eram muito grandes.

—Se te afastar desta missão, então pode dizer adeus a seu futuro em trabalhos de segurança. Nunca conseguirá que outra agência decente te contrate. E você sabe disso – ele se reclinou em sua cadeira, seus braços apoiados comodamente sobre os lados enquanto a olhava. —É isso o que você quer?

Ela resistiu o impulso de apertar seus punhos.

—Você sabe que não —disse acaloradamente, — Mas isto é insano, Richard. Não há nenhuma ameaça contra Raddington e contra mim, não mais do que há contra você. Isto é outro de seus pequenos complôs estúpidos, nada mais.

—E não podemos estar seguros disso – replicou ele. — Até que o estejamos, você pegará essa missão Kimberly, e o fará da melhor maneira que possa. Se não por outra razão, que seja por mim. Realmente não me agrada que meu chefe mastigue meu traseiro se você cair fora.

Culpa emocional. Ela odiava isto e ele sabia. Ele sabia e o usava contra ela de todos os modos.

—Isso é um golpe baixo – grunhiu ela.

—Mas eficaz – se inclinou para frente outra vez. —Levará Matthews, Adams, Lowell e Danford com você. Eles patrulharão os principais terrenos enquanto você cola em Raddington. Fique com ele. Só até que estejamos seguros.

Ficar com ele, perto dele, estar na mesma casa que ele. Kimberly quis gemer miseravelmente ante o pensamento. A semana passada já tinha sido um inferno, a excitação que normalmente zombava dela se tornou uma tortura. Sonhava com Jared, ansiando por seu toque, seus beijos. O vazio que ressonava entre suas coxas parecia ecoar em sua alma agora.

Ele não aceitaria um "não" por resposta por muito tempo. Acabaria tendo o que lhe tinha negado a qualquer outro homem nesse clube, e ela sabia. No processo, ele muito bem poderia roubar seu coração. Ela não podia permitir-se deixar a nenhum homem tocar seu coração.

Suspirou exaustivamente. Estava cansada. Dormir estava sendo mais e mais difícil de conseguir e sabia que ia ter que tratar o esgotamento que a ia reclamar logo. Outro ida ao Clube era inadmissível. Depois do último episódio com Jared ela sentia que o alívio que tinha encontrado ali não existiria agora.

—Bem – finalmente resmungou, sabendo que estava cometendo um erro, sentindo-o tão profundamente em sua alma que repercutiu por seu corpo. — Nós partimos esta noite. Algo mais?

Os olhos de Richard se estreitaram pensativamente.

—Há algo que não me contou, Kimberly? – perguntou finalmente. — Algo que poderia afetar esta missão?

Sim, ela queria foder tão desesperadamente com o cliente que inclusive nesse momento, sua vagina chorava faminta.

—Não —respondeu em vez disso. —Além da suspeita de que o Senador Madison está jogando outro de seus jogos, não me ocorre nada.

—Jared tomaria parte nisso? – ela pôde ver a necessidade automática de protegê-la em seus olhos. Richard e sua esposa tinham sido seus salvadores nos anos anteriores, mas como lhe havia dito antes, não havia nada que alguém pudesse fazer para salvar a sua relação com seu pai.

—Duvido que Jared esteja comprometido em algum esquema que meu pai estivesse tramando – acrescentou finalmente sacudindo sua cabeça ante a pergunta. —Nem sequer acredito que sua mãe saiba de todos os detalhes. O Senador não iria querer arruinar sua boa imagem – era tudo o que podia fazer para não desdenhar com desprezo.

—Inclusive eu não conheço todos os detalhes —grunhiu ele. — Os conhece alguém?

Ela riu debochadamente.

—O Senador e eu, e no que me diz respeito, esses dois são muitos.

O olhar do Richard era compadecido, mas isso fez pouco para conter os demônios que rugiam dentro dela.

—Eu te tiraria disto se pudesse —lhe disse brandamente. —Sabe que o faria, Kimberly. Mas não posso fazer nada.

Ela assentiu tristemente.

— Eu sei Richard. Não se preocupe, não farei nenhuma besteira por isto. Partiremo-nos esta noite.

Ele assentiu lentamente.

—Manterei contato se houver qualquer novidade. Como eu disse, neste ponto, a ameaça só está apoiada em informação de inteligência do Ministério de Defesa. Seu pai é um sujo filho de puta, Kimberly, mas está fazendo maravilhas em Washington quanto a defesa nacional. Isso o converte em um objetivo, e faz de você e Jared um objetivo igualmente. Não pode escapar disto.

—Há muitas coisas das que parece que não posso escapar – espetou ferozmente. — Mas não significa que tenho que gostar. Estarei pronta para partir agora, se não houver nada mais.

Richard suspirou pesadamente.

—Não, não há nada mais, Kimberly.

Ela assentiu brevemente, deu a volta e deixou o quarto. Conseguiu ocultar o ligeiro tremor em seu corpo até que chegou a seu jipe, mas enquanto seus dedos se apertavam sobre o volante, sentiu os pequenos estremecimentos repercutiu em seu interior.

Jared. Sufocou um gemido enquanto apoiava a cabeça contra o volante durante longos segundos e lutava por recompor-se. Por alguma razão, parecia que o destino procurava destruí-la. Podia ser forte longe dele, mas como infernos se supunha que ia ocultar a fome por ele que consumia sua alma se era forçada a semelhante proximidade com ele? E por que de repente se perguntava se a luta em que estava enredada com seu pai merecia sequer perder algo mais de um minuto de estar nos braços do Jared?

* * * * *

Jared estava de pé sobre o alpendre traseiro de sua casa olhando fixamente o crepúsculo de uma tarde de verão na Virginia. Recordava, fazia tempo, ver seu pai parado aqui enquanto discutia algum problema, olhando fixamente o bosque circundante franzindo suas escuras sobrancelhas como se as respostas que procurava se encontrassem ali.

—A verdade é que a vida de Kimberly está em perigo, Jared – sua mãe seguiu falando detrás dele. —Consegui convencer William Lance, o chefe do Serviço Secreto, de meu plano. Ele em troca convenceu ao pai dela de que este é a única maneira de ação que podem tomar para lhes proteger aos dois. Não pensei que iria querer deixar isto a estranhos.

A névoa se elevava ao longo das montanhas, notou distantemente. Como apazíveis mechas de pó de fadas, elevando-se ao longo da terra. Logo envolveriam a superfície enquanto a noite aparecia, trazendo um misterioso consolo na escuridão.

—Quão alto é o risco? —perguntou finalmente, mantendo sua voz cuidadosamente uniforme.

—Eles não estão seguros ainda. Mas você sabe como são estas coisas. Poderia ser um rumor; poderia ser um fato. Entretanto não pensei que desejasse correr o risco com a vida dela.

Nunca. Não podia haver nenhum risco.

—Quantos estão na equipe com ela? —perguntou tranqüilamente.

—Quatro, embora dois deles são duvidosos. Tentei que fossem eliminados, mas quando William se aproximou do pai dela com a idéia, ele a rechaçou. Seus antecedentes não são tão bons como eu queria.

Ele assentiu lentamente.

—Tenho a vários dos homens que estavam comigo nas Forças Especiais trabalhando aqui. Trarei-os para a casa e estabelecerei salvaguardas. Quanto aos homens da equipe de Kimber, necessitarei de seus antecedentes assim como qualquer relatório sobre eles.

— Eu tenho tudo comigo – disse ela, sorrindo docemente quando ele se voltou para encará-la. —Tem alguma idéia de quanto lembra a seu pai quando olha desse modo? – perguntou-lhe com carinho. — Ele resolvia seus problemas mais difíceis aqui, neste alpendre.

Sua voz ressonou com as lembranças.

—Ele solucionou muitos de meu aqui fora, também —suspirou ele. Maldição, poderia ter usado o conselho de seu pai agora.

Jared esfregou seu pescoço com cansaço. Havia voltado do Texas essa manhã para encontrar a sua mãe esperando-o com notícias de que a segurança de Kimberly possivelmente poderia estar em perigo e o plano que ela tinha posto em movimento para protegê-la.

—Sabe Madison que você está atrás do brilhante plano de William? – perguntou-lhe com desconfiança. Ele tinha a suspeita de que o Senador só sabia o que Carolyn queria que ele soubesse.

Ela riu serenamente.

—Daniel poderá não aprovar seu casamento com sua filha, mas está muito bem informado de suas capacidades para protegê-la —não era exatamente uma resposta, mas ele conhecia bem esse tom de voz. Não ia conseguir nada mais dela.

—E quanto sabe Kimberly? – perguntou.

—Que ela está para te proteger, e que a equipe deve proteger vocês dois. É simplesmente um assunto de proteger dois pássaros com um mesmo escudo por assim dizê-lo. Você está ciente da crise do orçamento do governo, querido. A eficácia ao menor custo é o principal.

Ele bufou ante isto.

—Quando chega? – necessitava tempo para estudar a informação que sua mãe havia trazido com ela e fazer seus próprios planos no lugar.

—Está deixando Washington D.C. esta tarde. Deveriam chegar à fazenda pela manhã. Kimberly está menos que contente com o encargo, conforme me falaram, mas estou segura de que se instalará tranquilamente.

Jared lhe jogou um olhar suspeito.

—Está segura que não há nada do que esteja esquecendo, mãe? – Carolyn Raddington era tão afiada como uma adaga quando a necessidade se apresentava, e ele podia vislumbrar claramente a áspera superioridade contida nos cultos, calmos tons de sua voz.

Ela o olhou com um brilho de risada em seus olhos enquanto seus lábios se curvavam nas comissuras em um sedoso sorriso.

—Te disse tudo o que sei, Jared – disse com doçura, lhe causando um estremecimento. Maldita seja, ele agora sabia que havia algo que ela se estava escondendo. A única coisa de que estava seguro é que, fora o que fora, seria informação pessoal, e não algo que ele necessitasse para manter segura Kimberly.

Ele a enfrentou, cheio de resignação. Manteve-se longe de Kimberly, tal como sabia que devia, e agora, por alguma razão, eles estavam sendo empurrados um ao outro, de um modo tal que manter as distâncias seria impossível.

A necessidade dela o comia vivo. Saboreava seu beijo em seus lábios, podia cheirar a doce essência dela no ar a seu redor. E de noite, quando deveria estar dormindo, estava acariciando a atormentada longitude de seu pênis em troca, lutando por aliviar a fome que o torturava. Não tinha voltado para Clube, mesmo que tivesse um trabalho a fazer ali. Não acreditava ter o suficiente autocontrole para refrear-se se encontrasse Kimberly ali de novo.

—Passará a noite aqui? – perguntou à sua mãe enquanto abria a porta da cozinha para ela e ficou de lado.

—Não esta vez – disse ela, sua voz tranquilizadora, compassiva. —Tenho que retornar à Washington D.C. de manhã. Tenho um almoço que não posso faltar.

Ele sacudiu sua cabeça. Sua mãe tinha seus dedos postos em tantas instituições e organizações benéficas como para que ele pudesse lhe seguir a pista. Era uma dínamo política, e ele esperava que Madison compreendesse a jóia que tinha nas mãos. Se Carolyn quisesse, veria o Senador ocupar presidência. Unicamente esperava que ela soubesse que demônios estava fazendo.

Acompanhou-a da dianteira da casa até a limusine que a esperava. Beijando sua bochecha, viu-a entrar na parte traseira do carro e olhou quando se afastava. Havia trazido as sementes de sua destruição com a informação sobre Kimberly e a ameaça que a punha em perigo. Que Deus os ajudasse a ambos, ele não sabia como demônios ia manter suas mãos longe dela.

Capítulo 5

—Matthews, você e Adams têm turno de dia, Lowell e Danford podem fazer as noites – informou Kimberly aos quatro homens, enquanto a governanta de Jared os escoltava a seus quartos. Os homens estavam no piso inferior, Kimberly estava no piso superior. Justo próximo da porta de Jared.

— Faremos isso, Kimberly – David Matthews assentiu solenemente, enquanto seus olhos de cachorrinho lhe sorriam. — Por esclarecê-lo, não deveríamos estar muito tempo aqui. Raddington não parece ser do tipo de que goste de companhia.

Kimberly bufou. Jared não tinha deixado de mostrar-se rude desde que tinham chegado aquela manhã.

—Não tenho nem idéia de que demônios necessita de nós um ex-soldado das Forças Especiais. Não tem pinta de haver-se tornado preguiçoso – grunhiu Tim Adams enquanto colocava sua mala sobre uma das duas enormes camas que enchiam o grande dormitório.

Os quartos dos agentes estavam conectados, de dois em dois, à parte traseira da casa. Estavam arejados e cômodos, mas não eram exatamente acolhedores. Jared evidentemente não era alguém que animasse a seus hóspedes a ficar de noite.

—Acostumará-se – ela se encolheu de ombros como se fosse indiferente, mas isso também lhe incomodava.

Jared era considerado um dos melhores soldados das Forças Especiais quando se retirou depois da morte de seu pai. Sua ficha era impecável, suas missões bem-sucedidas eram do noventa e nove por cento. Poderia capturar aos cinco guarda-costas enviados para protegê-lo, e provavelmente prender uma equipe cheia de assassinos com as informações que lhe tinham dado.

Em lugar disso, Kimberly se centrou nos quatro homens que lhe tinham atribuído. Era consciente de que Jared se aproximou de seu pai tendo em mente que se considerava um marido conveniente para Kimberly. O senador Madison tinha sido extremamente depreciativo quando transmitiu a ela aquela informação.

Como se eu o pudesse considerá-lo, havia dito a ela, com escárnio. Você necessita de restrições, Kimberly, não um homem tão anticonvencional como provavelmente você mesma é.

Anticonvencional. Ele não tinha nem idéia, pensou com orgulhosa satisfação enquanto se perguntava se teria alguma idéia de quão efetivamente havia se desviado das condições do testamento. O sexo anal poderia não ser o ato mais satisfatório, mas aliviava a fúria e a tensão que a consumiam.

Mas ele sabia do interesse de Jared agora, e ela conhecia como trabalhava o Senador. Um dos homens que estavam com ela tinha sido enviado não para protegê-la, mas para lhe informar.

—Mantenham seus olhos abertos, e me mantenham informada – disse aos quatro enquanto eles a olhavam. — Desfarei as malas e me encontrarei com vocês em baixo para o jantar. A governanta disse que é às cinco em ponto, sem atraso. Vamos tentar não perturbar muito sua rotina.

De fato preferia que não perturbassem Jared em absoluto; ele não parecia contente com sua presença.

Suspirando, atravessou o vestíbulo para as escadas traseiras e subiu rapidamente a seu próprio quarto. Estava no lado mais afastado, uma pequena suíte com uma enorme cama de casal que a olhava de maneira tão tentadora que ela não queria nada mais que afundar-se nela. Passou quase uma semana dormindo pouco e isso a estava deixando-a preguiçosa. Não podia se dar ao luxo de não ser totalmente engenhosa neste trabalho.

Fechou a porta atrás dela, jogando automaticamente a chave, e se moveu através da pequena sala de estar para o interior do quarto maior. O tapete verde escuro abrigou seus pés quando se tirou com um chute seus confortáveis sapatos e os pôs junto à porta.

Sua mala estava colocada sobre o grande baú de pau-rosa aos pés da cama, convidativamente aberta, e sua bata descansava em cima de sua cômoda roupa. Fechando a tampa da caixa, olhou silenciosamente ao redor do quarto. Os escuros móveis de madeira de cerejeira faziam parecer com que o quarto ficasse quente, cômodo. Este quarto estava feito para o prazer, para relaxar, e se sentia muito bem.

—Você gosta do quarto?

Kimberly saltou de susto enquanto se voltava, colocando-se frente à porta do outro lado do quarto que Jared tinha conseguido abrir sem fazer nenhum ruído.

Ela ficou sem ar ante a pontada de desejo que contraiu seu ventre e que enviou calor através da vulnerável carne de entre suas coxas. Podia sentir o espesso e quente suco saindo de suas dobras, preparando-a para ele, lhe fazendo sentir-se ainda mais dolorida.

Ele estava para comer-lhe. Apoiado contra o marco da porta, seus musculosos braços cruzados sobre o peito, seu olhar sombrio enquanto a olhava. Seus olhos cinzas estavam agitados, com a cor fluindo e inclusive trocando enquanto a tensão esticava o ar entre ambos.

—É bonito – ela esclareceu sua garganta, escondendo seu desgosto ante a grossa rouquidão de sua voz.

Era tão débil. Empurrou suas mãos dentro dos bolsos de seu jeans, lutando contra a necessidade de tocá-lo, de saborear seus beijos outra vez. Seu coração pulsava fora de controle, bombeando furiosamente o sangue através de suas veias, e ressonando no broto inchado de seus clitóris.

Inalando profundamente, tragou fortemente enquanto olhava como ele baixava sensualmente suas pálpebras. Podia ver a tensão sexual mover-se por seu corpo. Obscurecendo seus olhos, avultando o fronte de seu jeans.

—Sabe que isto não funcionará – lhe grunhiu ele. — Você, aqui, nesta casa. Se nem sequer pude evitar te pôr no quarto junto ao meu, quanto tempo acha que acontecerá que te tenha em minha cama, Kimber?

Imagens muito quentes relampejaram em sua mente. Seu duro corpo nu, perfeito, com os músculos brilhando de suor enquanto ele se colocava sobre ela, suas poderosas coxas movendo-se entre os dela...

—Eu não quis isto, nem para ti nem para mim – ela sacudiu sua cabeça com ferocidade, lutando contra a tentação. E isto era uma tentação. A necessidade de ir a ele, de aceitá-lo e esquecer o juramento que tinha feito fazia tanto.

Ela recordou seu beijo, escuro e embriagador, as sensações que açoitaram seu sistema, como seus lábios dominaram os seus, sua língua indo mais à frente para tomar posse de sua boca.

—Sei que não o quer, e sei o que ambos estamos arriscando – ele se endireitou, afastando-se do batente da porta. — É por isso que permaneci afastado de ti. É por isso que me afasto cada noite, em vez de te seqüestrar e te atar a minha cama onde possa te foder à vontade. É por isso que penso que esta é uma das coisas mais idiotas que tenho feito em toda minha vida.

Agarrou seus ombros, ignorando seu grito sufocado enquanto a atraía contra si, baixando a cabeça.

Estava agarrada. Necessitada. Deus, ele tinha um gosto tão bom. Muito quente e sedutor. As mãos dela agarraram sua cintura, seus lábios abrindo-se para ele enquanto sua língua pressionava contra eles, com um gemido vibrando em seu peito enquanto ela o encontrava com a sua própria.

Isto não era um beijo. Isto era uma posse. Isto era uma fome, uma tentação e um vício. E ela não podia conseguir suficiente. Queria envolver-se ao redor dele, perder-se no calor e no prazer que era Jared.

—Que Deus ajude a ambos – grunhiu ele, liberando seus lábios só para depositar pequenos beijos contra sua mandíbula e ao longo da linha de sua garganta.

Seus braços se envolveram ao redor dela, sustentando-a ainda enquanto se inclinava para ela, seus lábios tocando sob o decote aberto de sua blusa para passar sua língua sobre as suaves e inchadas curvas da parte superior de seus seios.

Ela inclinou sua cabeça, indefesa contra o prazer, com os músculos incapazes de segurar seu pescoço direito, enquanto um deleite sem igual a incendiava.

—Jared – se arqueou para ele, para seu toque.

Seus mamilos lhe doíam, palpitando pelo toque de sua boca. Isto era a loucura. Era muita tentação, mas era diferente a tudo o que ela conhecia. Não era um impulso, nem era um exercício para controlar a ira que às vezes crescia em seu interior. Era uma tormenta de fogo assumindo o controle de seu corpo e sua mente. Calor e excitação, e uma demanda que ele só alimentava enquanto lambia com sua língua a borda de seu sutiã.

—Você tem um gosto tão bom como acreditava – gemeu ele bruscamente. — Como doce madressilva e calor de verão. Que Deus nos ajude, Kimber, não acredito que possa controlar a necessidade de te tocar, de te saborear.

Ela tinha uma semana para recordá-lo. Uma semana para lamentar, para necessitar, para sentir-se dolorida pelo mais simples e pequeno toque.

—Jared – lutou por controlar sua respiração, por falar através da brutal excitação que crescia em seu corpo.

Não podia dizer mais, não podia fazer nada mais inteligente que emitir um longo e entrecortado grito de fome abrasadora que escapou de sua garganta enquanto os lábios dele tentavam apartar a um lado a taça de seu sutiã o suficiente para permitir que sua língua raspasse a endurecida ponta de seu seio.

Ela ficou nas pontas dos pés, com suas mãos sustentando sua cabeça, apertando-a mais intimamente, mais duramente contra ela.

—Mais – ofegou quando ele lambeu outra vez. Queria sentir seus lábios fechando-se sobre ela, lambendo-a, sugando a escura ponta em sua boca.

—Eu ia apartar me – grunhiu ele bravamente. — Não ia saborear, te tocar...

Ele a levantou contra ele, movendo-a à cama, recostando-a de costas sobre a colcha, e colocando-se rapidamente a seu lado. Seus lábios cobriram os seus outra vez e a tormenta dentro de corpo se alimentou da fome crescente de seu beijo.

Kimberly estava só vagamente consciente de seus dedos em sua blusa, tirando os botões das casas; suas mãos calosas eram sensualmente ásperas, demandando enquanto empurravam o material a um lado, e rapidamente soltavam o fecho de seu sutiã.

Não podia lutar contra os dois. Estava ansiando por isto. Este algo, seu toque, tinha algo que outros não tinham. Como se um só golpe de seu dedo fora um narcótico para seus sentidos.

—Filho de puta, seguro que irei ao inferno por isso – não houve pausa entre seus lábios e seus mamilos perfurados com piercings.

As costas de Kimberly se dobraram, arqueando-se fortemente contra ele enquanto um grito rasgava sua garganta. Os lábios dele cobriram uma das doloridas pontas enquanto seus dedos foram à outra. Ágil e quente, sua língua o raspou enquanto sua boca tomava, tirando o pequeno anel de ouro que perfurava o centro da alargada ponta.

Seus dedos se enredaram no outro. Tirou o anel de ouro, enviando fragmentos de calor desesperado e ardente por seu corpo enquanto os dedos dela agarravam o tecido da camisa, apartando-a, impaciente por sentir sua pele contra ela.

Isto era o tema de seus sonhos. Jared apoderando-se dela, forçando o prazer por seu corpo, sem lhe dar tempo a pensar ou a temer.

—Quero te tocar – gemeu, estremecendo-se pelas sensações deliciosas que rasgavam seu corpo. — Deixe-me te tocar, Jared.

Lhe grunhiu em resposta. Ela não sabia se isso era um sim ou um não.

—Agora – se apertou contra ele, tirando fortemente de sua camisa.

—Não, foder – elevou a cabeça de um avermelhado mamilo agarrando os pulsos dela, as colocando sobre sua cabeça com uma só mão enquanto a olhava fixamente com escuro e sexual olhar. — Não me toque, Kimber. Não agora. Não desta maneira. Acabarei por fazer algo que nós dois lamentaremos.

Kimberly lutou por respirar.

—Pode me ter – sussurrou. — Como Sax...

Ela não podia negar-se a ele. Estava muito faminta, muito selvagem por seu toque. Tinha acreditado que poderia manter-se a distância. Que podia negar sua necessidade e a luxúria dele, mas agora sabia que isso não ia passar. Isto não era simplesmente necessidade. Era um anseio, um vício.

Ele a olhou fixamente, seu peito subindo e descendo tão rapidamente como o dela, seu rosto ruborizado de excitação, de luxúria. Ela podia ver a batalha em seus olhos, a desesperadora necessidade de algo que ela oferecesse, e o conhecimento de que nunca seria suficiente.

—É tudo o que tenho, Jared – sussurrou com muita dor. — Tudo o que posso oferecer – mas não era assim, não realmente. Tinha o coração, e estava temerosa de ele já o possuir.

Ele baixou sua cabeça, apoiando a testa contra a sua enquanto a olhava aos olhos.

—Tem um traseiro bastante lindo – sussurrou com voz sugestiva, obscurecida pela luxúria. —Sabe quantas noites sonhei contigo Kimberly? O quanto permaneci acordado, faminto por ti?

Ela lambeu seus lábios, sentindo o desejo correr por seu corpo.

—Estou aqui – sussurrou.

Sua mão se elevou a seu rosto, seus dedos tocaram sua bochecha com um toque tão suave como um sussurro.

—Aqui está você – ele concordou. — E mesmo assim, está mais longe do que nunca estiveste.

Kimberly o olhou confusa enquanto ele soltava seus pulsos e se forçava a afastar-se dela. E realmente se forçava. Podia vê-lo em cada linha de seu corpo, na tensa e furiosa careta de sua boca.

—O que quer dizer? – sacudiu sua cabeça, tirando da borda de sua camisa para uni-los enquanto ele se levantava da cama e ficava de pé, olhando-a.

Rompeu seu coração o lhe necessitar como o fazia e o saber que nunca poderia o ter e de uma vez manter o juramento que tinha feito a si mesma e a sua mãe. Um juramento que pesava em sua alma mais e mais a cada dia.

Ele sacudiu sua cabeça brevemente.

—Tenho que ir fodidamente longe daqui antes de tomar algo que não quer dar. E isso faria mal a nós dois.

Antes que ela pudesse falar, ele se dirigiu rapidamente para a porta que unia os dois quartos, fechando-a firmemente entre eles.

—Mas eu quero lhe dar isso Jared – sussurrou ela tristemente. — Mais do que você imagina. E mais do que nunca imaginará.

Capítulo 6

Ele deveria ter ficado fudidamente afastado dela, como pretendia. Não deveria ter entrado em seu quarto e tão certo quanto o inferno existia que não deveria tê-la tocado. Mas o fez. Indefeso pela necessidade de prová-la, de tocá-la. Ela era um narcótico para seus sentidos, envolvendo-se ao redor dele como a chamada luxuriosa e apaixonada de uma sereia a que não se podia negar. Ansiava-a.

Jared não recordava se havia sentido alguma vez uma necessidade tão forte, tão imperiosa. Nenhuma mulher o tinha afetado desta maneira; nenhuma tinha posto a prova o controle que tinha mantido durante anos.

“Uma boa mulher merece qualquer sacrifício, filho”. A lembrança das palavras de seu pai ressonava em sua cabeça enquanto olhava o escuro bosque do alpendre traseiro. “Ela aliviará sua alma e bem na hora ela fará você arder dentro e fora. Por esse tipo de mulher vale a pena morrer, inclusive mais, é pelo que vale a pena viver”.

Ele sabia que seus pais não tinham tido sempre bons tempos juntos. A relação deles se viu atrapalhada pelos pais dela, e pela sexualidade extrema de Victor Raddington.

Jared ainda recordava a primeira vez que chegou em casa e tomou conhecimento. Tinha estado no colégio, estava bastante crescido e tinha voltado para casa de improviso. Topou-se com algo que inclusive agora desejava não ter descoberto, pelo simples feito de que eram seus pais.

Encolheu-se de ombros ante essas incômodas lembranças. Mas pensar nisso foi o que atraiu Kimberly a sua mente. Quão erótico seria abraçá-la, vendo como outro homem a tocava, realizando todas suas fantasias mais sensuais.

Ela era uma criatura extremamente sexual. Tinha-a visto no Clube, e a informação que tinha obtido mais tarde só tinha reforçado aquela impressão.

Seus pedidos quanto à conduta sexual com os membros do clube eram simples. Não queria jogos preliminares, não queria nem que a beijassem nem abraçassem; só queria que a fudessem. E ela mesma tinha feito cumprir essas demandas. Porque essas coisas a faziam fraca. Faziam-na desejar. E Jared sabia que ele a fazia desejar essas coisas, quão mesmas ela nunca poderia ter com os outros.

E agora ela estava aqui. Em alguma parte de sua de casa, de sua vida. Ele não tinha nenhuma outra opção, só ficar perto dela, protegê-la, e protegê-la do espião que Madison tinha colocado dentro de sua casa para vigiar Kimberly e lhe informar de qualquer má conduta sexual.

Moveu-se incomodamente, apoiando-se contra o poste, desejando poder aliviar a pressão em seu jeans só um pouco. Sua ereção o estava matando. Afastar-se de Kimberly era a coisa mais difícil que ele já teve de fazer alguma vez em sua vida, mas que Deus lhe ajudasse, estava morrendo por ela.

“Pode me ter... como Sax...” As palavras sussurravam em sua mente enquanto fechava seus olhos atormentados pelo desejo.

Como Sax. Ele poderia tê-la analmente.

A fúria pulsou em seu interior enquanto apertava os dentes lutando contra a necessidade de ter tudo dela. Ele queria tudo, e o fato de não poder lutar contra o escudo que havia entre eles o enfurecia.

Poderia lutar contra outro homem, ou contra qualquer perigo que a ameaçasse. Poderia seduzi-la, se fosse simplesmente teimosia, ganhar a discussão se fosse a cólera que os separava. Mas isto era algo que escapava a seu controle. Algo que a destruiria se lhe obrigasse a escolher.

Então ele tinha que escolher. Porque não podia suportar a dor que tinha visto em seus olhos, e a necessidade que sentiu estremecer seu corpo. Não podia aquietar a necessidade de abraçá-la, de lhe ensinar, somente com seu toque, o amor que sentia por ela. Um amor que sabia que lhe destruiria eventualmente, porque não podia tê-la completamente. Não agora. Nem nunca.

—Não está aqui para me aconselhar esta vez, Papai – sussurrou enquanto olhava para as montanhas que seu pai tanto tinha amado.

Sentia falta do homem cujo conselho tinha ido procurar tantas vezes durante seus anos de adulto. Sua morte, cinco anos antes, tinha deixado um vazio em sua alma que ressonava pesando em ocasiões como esta.

Seu pai o tinha educado com valores sólidos, com um sentido sobre a família e a honra que tinha rechaçado romper agora. Fatos era fato. Não podia possuir completamente a mulher que amava com cada pulsar de seu coração, mas poderia lhe dar um momento sem pressão, sem demandas. Um tempo para manter em seus corações nos longos e solitários anos que viriam.

Baixou a cabeça, agarrando com suas mãos seus antebraços enquanto cruzava os braços sobre o peito e começava a dar ligeiros golpes com a ponteira de sua bota contra a base do poste. Não havia nada mais que pudesse fazer.

—Sabe, não é uma idéia muito brilhante permanecer aí de pé a plena vista quando possivelmente tem um terrorista ou algum outro assaltante desconhecido esperando para te arrebentar o traseiro.

Ele sorriu abertamente enquanto Kimberly falava da porta traseira, com voz irritada e ainda obscurecida pela excitação. Perguntou-se se ela saberia como esse rouco som lhe deixava louco para comê-la.

Ele virou-se para ela ao tempo que ela saía ao alpendre, olhando-o com cautela.

—Sinto muito, às vezes meu controle não é o que eu gostaria que fosse – grunhiu com um tom de zombaria. — O que não diz muito sobre minha condição de Troyano, não?

—Os Troyanos – ela sacudiu sua cabeça ante o título que a mulher de Stanton tinha dado aos oito homens que tinha identificado como parte do exclusivo clube masculino. — Imagino que é mais parecido a eles do que qualquer de nós queria admitir agora. Mas isto não muda o fato de que não é indestrutível. Não deveria estar fora ao ar livre desta maneira.

—Minha nuca não faz cócegas no momento. Não estou preocupado – disse ele, maravilhado pelo prazer que simplesmente olhá-la lhe dava.

Queria vê-la vestida simplesmente com a luz da lua, ao alcance dele, com seu corpo brilhando pela umidade, e com o brilho de desejo em seus olhos. A fome que sentia só por isso lhe golpeou até o âmago de seu ser.

—Oh Senhor, outro homem cuja nuca coça – resmungou ela. — Te direi a mesma coisa que digo ao meu chefe: fazem rémédios para esse tipo de coisas.

Uma risadinha surpreendida escapou de seus lábios. Ela era tão atrevida e mordaz como o demônio. Gostava de muito disso nela. Tinha sentido falta de suas devastadoras réplicas, sua risada provocadora. Não se tinha dado conta de quanto até agora.

Ela se aproximou mais dele, seu aroma, limpo e fresco, com um pequeno rastro de pêssego, envolveu-o, lhe fazendo ansiar a prová-la outra vez. Queria abrir suas pernas amplamente e lamber toda a doce nata que seu corpo tinha para dar. Abarrotar-se de sua paixão, de seus gritos e de sua doce liberação.

—Venha aqui – a puxou para seus braços, ignorando seus protestos, agüentando o fôlego pela intimidade do ato.

Sabia que isto era um de seus tabus, ele sabia. Nada de abraços ou jogos preliminares. Essas regras que ele queria e podia romper.

Mas se surpreendeu quando, depois de manter-se rígida uns segundos, ela começou a relaxar-se contra ele, suas mãos colocando-se cautelosamente em sua cintura ao mesmo tempo que ele apoiava o queixo em sua cabeça. Suas mãos acariciaram seu traseiro, seus dedos começaram a trabalhar os músculos daí, enquanto em seus lábios se formava um sorriso.

—Me desculpe – sussurrou ela firmemente. — Não quero fazer isto mais duro para nós do que realmente já é. Ele riu contra seus cabelos. Se ficasse mais duro, transbordaria para fora de seu jeans.

—Só me deixe te abraçar – ele finalmente sussurrou profundamente, respondendo à necessidade de senti-la contra ele, à dor de protegê-la era como uma faca em sua alma. — Só um minuto, Kimber. Deixe-me te abraçar.

A noite os envolveu, silenciosa, tranqüilizadora. O som das rãs no charcos do pasto, o longínquo piar de uma coruja, o som do chicotear de uma árvore no pátio traseiro. A noite os envolveu, ocultou seus medos, suas fomes, e durante aqueles poucos e preciosos minutos, trouxe um pouco de paz aos dois.

Capítulo 7

Ele não foi a sua cama aquela noite, como ela esperava. Kimberly permaneceu acordada durante muito tempo, escutando se por acaso vinha, com seu corpo sensibilizado, preparado, dolorido por ele. Olhou a porta que conectava ambos os quartos até que seus olhos finalmente se fecharam de cansaço e o sono a venceu, enquanto sonhos pouco reparadores a atormentavam.

Na manhã seguinte ela se sentou com os olhos turvos e muito irritável com uma xícara de café, escutando como Matthews e Adams comentavam sobre o dia anterior. Não havia sinais de intrusos, nem um sussurro de perigo. Além de um cervo mastigando erva no pátio traseiro, não havia nada que assinalar.

—Cobrirei o lado de dentro hoje – disse Matthews pensativamente. —Adams se ocupará do lado de fora. Eu suponho que você estará presa ao Mr. Dark and Gloomy Raddington(Sr. Escuro e Sombrio Raddington)—riu ironicamente dela.

Kimberly elevou uma sobrancelha zombadora.

—Escuro e Sombrio? —perguntou-lhe, curiosa.

—Sim, desceu logo para tomar o café da manhã parecendo-se com uma tempestade cheia de trovões antes de se enfiar em seu escritório. Apenas nos disse uma palavra ou dois.

Ao menos lhes tinha falado.

Ela elevou seu ombro como se não lhe importasse.

—Possivelmente não goste da companhia.

Tim Adams bufou.

—Possivelmente nós sejamos a companhia errada. Pelo que vi a noite passada, ele gostava o bastante da sua.

Ela lhe olhou devagar, cuidando de manter seu semblante impassível.

—Me perdoe? – disse cuidadosamente, seu corpo tenso ante o insulto implícito na voz masculina.

Ele a encarou, com um olhar condenatório.

—Eu te vi no alpendre com ele a noite passada – ele espetou. —Estavam ficando um pouco íntimos e pessoais, não era assim?

—E você está ficando um pouco abelhudo, não é? – retrucou ela como resposta.

—Eu diria muito abelhudo – a voz de Jared era perigosamente suave enquanto entrava na sala. —Você deveria ter uma opinião sobre quão próximo estou ou não de minha meio-irmã? – perguntou ao guarda-costas suavemente enquanto se aproximava da mesa.

Kimberly lhe lançou um olhar e rapidamente ficou em pé.

—Deus, não há suficiente testosterona nesta sala? – grunhiu irritada. — Que demônios passa com vocês, meninos? – virou-se para Tim Adams. — O que eu faço não é de sua maldita conta. E você – enfiou o dedo no peito de Jared de maneira firme, lutando por ocultar um estremecimento quando esses frios e metálicos olhos cinzas a olharam – não é meu guardião. Não necessito que ninguém defenda minha honra ou o que diabos pensa que está fazendo.

Isto era simplesmente genial. Estava quase segura de quem era o espião de seu pai. Tim Adams era tão moralista como se pudesse ser. Seus pontos de vista sobre as mulheres e o que deviam ou não deviam fazer eram tão rígidos como os do Senador.

A expressão de Jared não mudou. Permaneceu tão dura como uma pedra e muito mais perigoso enquanto se voltava para Adams.

—Chamarei a seu superior eu mesmo – disse categoricamente. — Até lá, fica malditamente longe de minha vista, ou o lamentará – agarrou o pulso de Kimberly enquanto os olhos dela se abriam, surpreendidos. — E você, tenho que falar contigo.

Antes que ela pudesse lhe deter, ele estava a puxando atrás dele, de novo. Maldição, estava ficando cansada de que ele a arrastasse como na época medieval.

—Jared, alguém alguma vez já te falou que você é um pé no saco? – ela espetou enquanto ele a jogava numa sala e fechava a porta atrás deles.

—Alguém já te falou alguma vez que você poria a prova a paciência de um santo? – respondeu ele. — Deveria me haver deixado matá-lo. Eu teria adorado.

Ela revirou os olhos ante seu tom sanguinário.

—É um imbecil. Se os matasse a todos, não haveria homens para continuar a espécie – lhe informou sarcasticamente. — E qual é seu maldito problema, de todas formas?

—O bastardo esteve farejando por minha casa toda a noite – grunhiu ele. — Se lhe pegá-lo escutando em qualquer de nossas portas outra vez, poderia matá-lo.

A surpresa alargou seus olhos enquanto lhe olhava fixamente.

—Justo o que preciso – ela suspirou asperamente. —O ignore. Não seria bom lhe afastar da missão, porque suspeito que ao menos dois dos homens foram enviados deliberadamente para me vigiar. É o esporte favorito do Senador, fazer que me espiem.

O elevou seus lábios debochadamente.

—Não te darei minha opinião sobre o Senador – ladrou.— Não posso acreditar que minha mãe se casou com esse bastardo.

Kimberly fazia o impossível para tentar acreditá-lo ela mesma. Carolyn era uma simpática e protetora pessoa, além de ser incrivelmente inteligente. Era uma das uniões mais improváveis que alguma vez tivesse visto.

—É por isso que estava impossível esta manhã? – ela se moveu para o sofá e se sentou exaustivamente. Maldição, necessitava de mais algumas horas para dormir, ou um pote enorme de café.

—Não estava impossível – lhe informou ele rudemente. —Simplesmente sou precavido. Eu não gosto que pessoas fiquem sorrateiramente em minha casa escutando atrás das portas, Kimberly. Encarregarei-me dele a próxima vez que pegá-lo fazendo isso.

Kimberly suspirou ante seu tom de voz, enquanto acariciava com seus dedos os cachos preguiçosos que tinham escapado de sua grossa trança.

—Se encarregue dele, então – encolheu de ombros negligentemente.— É sua casa, não a minha.

Ele grunhiu ante isso, movendo-se para ficar frente a ela, olhando-a enquanto seus olhos trocavam do frio aço ao cinza tormentoso.

—Solte o cabelo – ordenou suavemente. — Lentamente.

Ela ficou sem fôlego, enquanto seu ventre se estremecia com uma instantânea excitação. Um rápido olhar a suas coxas mostrou que ele não estava de humor para discutir. Estava completamente ereto, seu pênis pressionando o zíper de seu jeans enquanto a olhava.

—E sobre os ouvidos nas portas? – perguntou sem respiração.

—Lhe deixe escutar – espetou ele. — Não vou tomar sua virgindade, mas maldita seja se eu deixar essa sua doce boca inocente durante muito mais tempo. Me diga, Kimberly, é verdade que nenhuma vez foi tomada aí? Nunca senti a necessidade de ter um pau duro pressionando entre seus lábios, pulsando com a necessidade de encher sua boca?

Oh Deus. Sua boca estava se enchendo de água com a necessidade que sentia agora enquanto seus lábios se secavam com nervosismo da excitação. Os lambeu rapidamente, contendo o fôlego ao ver como os olhos dele se obscureciam com esse movimento.

—Não o tenho feito – sacudiu sua cabeça, hipnotizada pelo reflexo da cor de seus olhos.

Nunca o tinha feito. Não tinha sentido desejo de fazê-lo, até agora. Agarrou com uma mão a almofada junto a ela, cravando as unhas no tecido enquanto o vulto nos jeans dele parecia fazer-se maior.

—Não seguirei suas regras – grunhiu ele. — Compartilhará minha cama. Te tocarei, te abraçarei, te beijarei onde me der vontade. Se não poder aceitar isso, Kimber, então melhor que vá de minha fazenda agora mesmo. Porque maldito seja se tiver de lutar contra a necessidade sabendo o quão quente e faminta você pode ficar.

Ela perdeu o fôlego. Ali sentada, lhe olhando, o fogo explodiu em seu corpo, percorrendo suas veias e fazendo que seus sucos se derramassem de sua desesperada vagina. Não pôde conter o suplicante gemido que escapou de seus lábios, ou a repentina e assustadora urgência de experimentar cada toque, cada sensação que ele tinha semeado no interior de sua mente.

—Desfaça essa maldita trança – grunhiu ele. — Agora.

A trança? Ela piscou durante um segundo em confusão, sua mente tão apanhada com as imagens dos dois unidos, de seus braços ao redor dela, de seu longo corpo protegendo-a, possuindo-a, que por um momento não soube o que ele queria dizer. Então voltou a piscar quando compreendeu, elevando suas mãos, passando os longos cabelos por cima de seu ombro enquanto tirava o elástico que deixava a trança no seu lugar.

Em uns minutos, seu cabelo se caiu sobre seus ombros, os compridos e ardentes cachos caindo a seu redor em selvagem desordem.

—Deus, é tão belo – sussurrou ele, sua voz espessa pelo desejo enquanto ela empurrava a massa de cabelos seus ombros nervosamente.

—Agora, fique de pé. Quero te ver nua. De tudo, Kimberly. Me deixe ver esse quente e pequeno corpo pelo que estive morrendo.

Ela podia ouvir a furiosa fome de sua voz, podia ver a luxúria brilhando em seus obscurecidos olhos. Levantou-se devagar, enquanto suas mãos foram para os botões de sua blusa e tentava permanecer firme.

Ele caiu sobre ela. Nunca se tinha dado conta antes, não realmente, do alto e largo que ele era, do incrivelmente forte e pesado. Ele poderia cobri-la como um cobertor; protegeria-a inclusive de seus próprios medos.

—Estou assustada – sussurrou de repente, embora seus dedos não se detiveram enquanto acabava de desabotoar a blusa. — Nunca fiz isto antes, Jared.

Não desta maneira. Antes, no Clube, ela conhecia as regras, sabia o que ia acontecer. Ela tomava banho, se despia e se preparava na privacidade de seu quarto antes de colocar um robe e descia à área do bar. Ali, pedia um uísque com gelos, tomava a bebida para criar coragem e se voltava para qualquer um que a esperava.

Havia poucas preliminares antes de debruçar-se na mesa e ser penetrada por um duro e ansioso cacete. Não havia beijos, não havia carícias preliminares e não havia antecipação.

Os dedos dele se detiveram enquanto desabotoava sua própria camisa. Aproximando-se mais, emoldurou o rosto dela com suas mãos, olhando-a fixamente e mantendo-a cativa enquanto depositava um suave beijo em seus lábios.

—Vou te comer inteira – lhe advertiu sensualmente. — Não vai ficar um lugar em seu corpo que não conheça meu beijo, ou uma simples célula que não chore por meu toque. Não há motivo para estar assustada, querida. Nenhum motivo para isso. Tudo o que vou fazer é te amar.

Capítulo 8

Ela poderia ter se afogado em seu beijo. Kimberly choramingou sob exigência sensual enquanto Jared a fazia reclinar-se contra seu semi desnudo corpo durante longos momentos, percorrendo com suas mãos suas costas e quadris enquanto seus lábios e língua possuíam os dela com segurança, como se tivesse um direito que ela sabia que nunca seria capaz de lhe negar.

Enterrou as mãos nos grossos e curtos fios de seu cabelo enquanto se arqueava mais perto dele, tratando se sentir cada polegada, cada duro músculo e cada forte contorno do feroz corpo masculino contra o que estava esmagada. Não podia aproximá-lo suficiente, não podia lhe sentir o bastante profundo dentro de sua pele.

Cada respiração que ela dava se enchia de sua essência, de sua paixão, até que sentiu que ia ser consumida por ele.

—Bom, neném – grunhiu ele rudemente enquanto apartava seus lábios dos dela longo momento depois, empurrando com suas mãos a blusa por seus ombros antes de deslizar seus lábios por seu pescoço e para baixo, encontrando as cremosas e inchadas curvas de seus seios fazendo que ela se arqueasse para ele. Era o céu e o inferno. Êxtase e agonia.

—Você está me matando – murmurou ela, sentindo os dedos dele na fivela de seu cinto, liberando-o rapidamente antes de atacar o fecho e o zíper de seu jeans.

Em uns minutos ele a tinha despido quase por completo, exceto pela úmida tanga violeta que vestia. Seus sucos saíam de sua vagina, empapando o pequeno triângulo entre suas coxas. Jared deslizou o dorso de seus dedos pela suave malha.

—Vou fazer com que você grite por mim – Ilhe advertiu, com voz rouca e profunda, mais sombria do que já lhe tinha ouvido. — Vou fazer você arder, Kimber, de mais de uma maneira.

Ela tremer de prazer simplesmente por sua voz. O tom grave raspou suas terminações nervosas e fez que se sentisse dolorida de um modo que nunca havia sentido antes. Nunca tinha conhecido esta assustadora compulsão, este anseio pelo toque de outra pessoa.

—Jared, isto me está matando – ofegou pelo excesso de sensações, tremendo enquanto os lábios dele provocavam a ponta de seu mamilo, esquentando-o com seu fôlego, quase roçando-o, jogando com ele.—Então você sem dúvida que terá morrido antes de que acabe, se isto está te matando agora – ela podia ouvir o tom de diversão confinando na beira de sua paixão. — Simplesmente relaxe, Kimber. Não tem que preocupar-se de nada aqui. Não tem nada que temer. Eu cuidarei de você, neném.

Ela se sacudiu, gritando quando os lábios dele agarraram o pequeno aro dourado que perfurava um de seus mamilos e puxou. Podia sentir o prazer açoitando seu corpo, chamuscando derramando-se em seu útero enquanto deixava cair as mãos sobre seus ombros, cravando as unhas nos duros músculos masculinos.

—Mmm – murmurou ele suavemente. —Como você está receptiva. Vamos ver agora o que mais você gosta.

Sua língua enroscou sobre a ponta enquanto sua boca cobria o pico de seu inchado seio, sugando-o no interior quente e úmido de sua boca provocando que uma estrangulada súplica surgisse da garganta dela.

Ela não podia suportar isso. Sua cabeça caiu sobre seus ombros, enquanto seus olhos se fechavam indefesos e ao mesmo tempo que ele a empurrava ao sofá, depositando-a em toda sua longitude e cobrindo-a com seu longo corpo. Sua boca não deixou de sugá-la ferozmente; sua língua não deixou de torturá-la rapidamente com flashes de êxtase contra o aro dourado que perfurava sua carne.

Ele deitou sobre ela, seu amplo peito nu, suas mãos provocando o fogo que rabiava por sua corrente sanguínea enquanto a acariciava. A calosa quentura de seus dedos raspava seu quadril, sua coxa, aproximando-se de maneira constante à dor agonizante entre suas coxas.

Quando a tocou ali, Kimberly se arqueou para ele, emitindo uma súplica espontânea que rompeu de sua garganta.

—Oh Deus, Jared – gritou. — Por favor, dói...

Ela queria gritar pelo assustador prazer, o vazio, a dor em suas terminações nervosas que parecia ficar mais e mais intenso a cada toque.

—Tranquila, neném – seus lábios sussurraram contra a concha de sua orelha. — Farei que a dor se vá, Kimberly. Em algum momento...

Seus dedos se moveram mais firmemente contra o úmido monte de sua xoxota, pressionando com sua mão o torturado clitóris e enviando explosões brilhantes de candente calor através de sua corrente sanguínea.

Em algum momento? Nesse ritmo ela estaria a ponto de dissolver-se pelo elétrico prazer antes de que ele o apagasse. Mas não podia protestar, não podia negar as intensas sensações que ele estava provocando em seu corpo.

—Maldição, sua xoxota é tão quente que está me queimando a mão – grunhiu ele, com voz torturada por sua própria excitação enquanto movia os lábios desde seus seios para baixo.

Kimberly ficou sem fôlego ao sentir a viagem dos lábios dele por seu estômago, seu abdômen, a língua lambendo sua carne, o calor de seus lábios chamuscando sua pele.

—Sabe o que vou fazer, Kimber? – perguntou ele suavemente enquanto chegava ao elástico de sua calcinha de seda.

Ela choramingou ante o ameaçador tom de sua voz.

—Vou fazer o que nenhum outro homem no Clube se atreveu a fazer. Vou comer sua doce xoxota até que grite por te correr. Até que me implore que alivie a dor que vai te consumir.

—Farei-o agora – gritou ela, segura de que não havia modo de que pudesse suportar mais prazer. —Estou implorando agora, Jared.

Ele deu uma risadinha divertida contra a seda que cobria seus clitóris, fazendo que se retorcesse pela sensação. Ela não ia suportar. Seu corpo já estava tomado pela febre da excitação.

—Logo – continuou ele. —Vou dar a volta e vou açoiar esse seu precioso traseiro até que fique brilhante e avermelhado, por me fazer esperar tanto tempo por ti.

Ela se estremeceu, seu ventre convulsionando-se e chegando quase ao clímax simplesmente pela ameaça em si.

—Você gosta desse pensamento? – perguntou-lhe ele, com uma voz muito gentil, muito profunda para ser nada mais que uma ameaça. —Posso te dizer que sim, neném. Sua calcinha está tão fodidamente molhada agora que logo começarão a gotejar.

Ela apertou as mãos em seus cabelos enquanto ele deslizava seus dedos sob o elástico de sua calcinha e começava a abaixá-la. Devagar, muito devagar, até que a seda revelou os inchados e dobras nuas a seu olhar.

Ele deteve-se então, esticando seu corpo sobre ela enquanto lhe olhava com nebuloso prazer.

Tinha o rosto avermelhado, os lábios inchados e sensuais; seus olhos eram como nuvens de tormenta, cheios de mais sombras de tons cinzas dos que ela pensava que existiam. Então, baixou a cabeça.

Suspensa em um fio de seda de torturoso prazer, Kimberly não pôde fazer nada mais que tremer violentamente enquanto a língua dele tamborilava sobre a escorregadia carne de sua vagina antes de insinuar-se na estreita abertura e deslizar-se através dela com devastadores resultados.

Era humilhante chegar ao clímax tão facilmente. Deveria ter tido suficiente controle como para, ao menos, saber que ia chegar o orgasmo. Em lugar disso, a altitude da excitação, o calor de sua língua e o prazer explosivo a desfizeram.

Arqueou-se para ele, rompendo com seu grito o silêncio do quarto enquanto tudo dentro dela detonava por uma lambida. Seus clitóris palpitou, pulsou e sua vagina derramou a grossa e escorregadia essência de sua liberação.

—Sinto-o – gritou, com a vergonha devorando-a inclusive embora a tormenta de seu corpo lhe tinha roubado a razão. — Oh Deus, Jared, sinto muito.

Sua calcinha foi rasgada de suas coxas e descartada enquanto ele se movia mais abaixo, pressionando para que ela abrisse mais as pernas, com sua quente respiração como se fora uma chicotada de sensações contra sua sensível xoxota.

Kimberly estremeceu com o excesso de sensações que ainda a atravessavam, bem como a fome. Não podia controlar a necessidade, o feroz batimento do coração de desespero ou seus próprios gritos ofegantes. Apesar de seu orgasmo, necessitava mais. Muito mais.

—Shh, neném, não acabamos ainda – a tranqüilizou ele, com voz firme, um rude grunhido que a confortou, que lhe assegurou que seu prazer simplesmente tinha empurrado mais alta a excitação masculina. —Está bem, Kimber. Agora, vou fazer que cresça de novo. Não acabei contigo e ainda duraremos o bastante.

Capítulo 9

Estava sendo torturada. Ele era um cruel e malvado sádico por fazer as coisas que lhe estava fazendo.

Acomodado entre suas coxas, com sua boca adorando-a, sua língua alternadamente acalmava e estimulava as dobras inchadas de sua xoxota. Sua língua pressionava dentro de sua vagina, lhe enviando a um orgasmo que a fez gritar pedindo clemência. Ela se arqueou contra seu abraço, lutando contra as mãos que a ancoravam ao sofá e rogando, lhe suplicando que aliviasse a tormenta que cavalgava sem piedade por seu corpo.

Quando ele finalmente se elevou de entre suas coxas, seus olhos estavam negros pela luxúria e seu rosto avermelhado. Kimberly estremeceu pelo esgotamento, com suas necessidades e o sangue trovejando por seu corpo. Como podia imaginar sequer a necessidade de chegar de novo ao clímax, ela não sabia. Mas o chicotear, o açoite de labaredas de prazer que sentia lambendo seu corpo lhe assegurava que estava mais que pronta para mais. Pronta e disposta, faminta e impaciente.

A respiração lhe entupiu na garganta enquanto as mãos dele se dirigiam à fivela de seu próprio cinto. Lambeu-se os lábios, baixando os olhos com o excesso de paixão que surgia através de seu corpo, e lhe olhou enquanto ele lentamente começava a desabotoá-lo. O couro caiu a um lado e suas mãos foram soltando os botões metálicos que se esforçavam por ficar fechados sobre sua ereção.

—Desejaria que pudesse ver seu rosto – sussurrou ele. — Excitada e úmida, seus lábios inchados e vermelhos e muito, muito bom para foder. É minha vez, Kimber. Está pronta para mim?

Sua vez. Quis gemer ao compreender o que estava por vir. Em lugar disso, olhou com ansiosa antecipação como ele baixava seu jeans e a cômoda cueca tipo boxer, revelando a larga e grossa ereção a seu olhar.

Seu útero se convulsionou em dolorosa excitação enquanto sua boca se enchia de saliva ao ver a escura carne. As veias grossas palpitavam pelo sangue, com a enorme cabeça brilhando pelas gotas de pré-sêmem, avermelhada com um vermelho raivoso e impaciente por atenção.

—Sente-se – grunhiu ele. —Quero te olhar quando me tomar com essa boca tão doce que tem, Kimber.

Ela se sentou devagar, semicerrando os olhos ante a demandante longitude de carne masculina enquanto se aproximava mais e mais de sua boca. Em uns segundos, estava golpeando contra seus lábios enquanto um rude e viril gemido masculino envolvia seus sentidos.

Seus lábios se abriram, sua língua se esforçou por acariciar a brilhante cabeça de seu pênis, provando a salgada e selvagem essência dele. Um gemido baixo saiu do peito dele enquanto as mãos dela se elevavam, os dedos de uma das mãos envolvendo-se ao redor da parte inferior do eixo enquanto a outra tocava tentativamente as tensas esferas da parte de baixo.

—Santo céu – gemeu ele, enfiando as mãos nos cabelos dela, apertando os fios até que pequenos dardos de dor começaram a percorrer sua cabeça. —É tão bom, neném. Tão bom.

Ela olhou para ele atordoada, equilibrando-se no topo de uma excitação como nunca antes tinha conhecido. Seu corpo inteiro doía pela necessidade de liberar-se, embora tinha passado a última hora experimentando um orgasmo atrás de outro. Entretanto, parecia que não podia tê-lo suficientemente duro, o suficientemente largo, para sossegar as chamas que rabiavam em seu corpo. Só se voltava mais quente... mais faminta.

—Deus, sim – sussurrou Jared enquanto ela abria a boca e tomava a cabeça de seu pênis no interior de seu calor.

Fechou seus lábios sobre ele, acariciando-o com a língua enquanto movia a mão sobre a dura e acerada carne. Ela olhava, em transe, enquanto o êxtase consumia o rosto dele, os masculinos olhos brilhando semicerrados enquanto lutava por respirar.

Kimberly deixou que sua língua golpeasse e acariciasse enquanto movia os lábios sobre ele. Aproximou-se dele, lhe sugando tão profundo como se atrevia, amando a som áspero de sua respiração, a maneira em que seus dedos se esticavam em seus cabelos por seu prazer. Era mais que simples excitação. Era destrutivo para seus sentidos, para suas emoções.

—Maldição, está formosa assim – grunhiu ele, apertando seus dentes enquanto a língua dela se movia contra a ultrasensível carne sob a cabeça.

Ele esticou as coxas ante essa carícia, flexionando o abdômen com um estremecimento convulsivo.

—É bom – espetou. —Me chupe mais profundo, neném. Um pouco mais forte... Diabos... sim...

Seu grande corpo pareceu estar atravessado com ferozes tremores. Ela podia sentir as duras flexões de seu pênis em sua boca e sua mão, podia ver o esforço que lhe custava controlar sua necessidade de liberar-se nos duros contornos de seu estômago.

—Kimberly – seus quadris agora empurravam sua ereção mais profundamente em sua boca, enviando um explosivo e flexível cabeça ainda mais perto de sua garganta. —Neném, estou chegando – advertiu roucamente, tirando com ambas as mãos o cabelo dela enquanto obviamente lutava por evitar introduzir-se muito profundamente em sua garganta. —Neném, não posso esperar. Deixe-me ir se não quiser isto.

Entretanto, as mãos dele não afrouxaram seu cabelo. Mantinha-a quieta para penetrar sua boca, movendo-se para frente e para atrás rapidamente entre seus lábios enquanto seu pênis parecia inchar-se contra sua língua.

Ela gemeu, um baixo e reflexivo som que assinalava sua própria necessidade de que ele se liberasse, do desejo de sentir a paixão que nunca poderia experimentar plenamente.

—Agora – ele se moveu mais rápido, fodendo-a além de seus lábios com um desespero que não fez mais que estimulá-la.

Esticou-se contra ele, sugando mais duro, lhe levando mais profundamente até o fundo, um quase enfurecido gemido escapou de sua garganta um segundo antes de que seu alívio começasse a emergir dentro de sua boca. Profundos e duros jorros de sêmen pulsaram da cabeça de seu pênis. Seu sabor era terrestre, primitivo, viciante.

Ela lutou por engolir até a última gota, seus gemidos elevando-se enquanto sua mão bombeava a carne masculina, lutando por lhe dar cada segundo de prazer que ele pudesse extrair da experiência, enquanto tremores de excitação se propagavam por seu próprio organismo.

Estava tremendo, exausta, mas seu corpo ainda doía. Uma dor oca e difícil de esquecer que ela temia que nunca conseguisse se livrar agora.

Kimberly lambeu seus lábios exaustivamente, provando sua essência enquanto ele se ajoelhava frente a ela. Suas mãos emolduraram seu rosto, seus olhos cinzentos olhando-a sombriamente enquanto com seus polegares acariciavam suas bochechas e em seguida seus lábios inchados.

—Você parece um narcótico – sussurrou ele. —Tão poderosa, tão malditamente viciante que me faz temer por minha sanidade.

A calidez explodiu por todo seu corpo. Seu toque, seu olhar, ambos estavam cheios de tão gentil diversão e de uma fome tão ardente que ela não sabia se devia rir ou chorar sobre o fato de que só estavam provocando a si mesmos mais dor.

—Jared... – as mãos dela agarraram seus pulsos, sentindo a força que havia ali enquanto ele se inclinava para frente, acariciando gentilmente os lábios dela com os seus.

—Será melhor que nos vistamos e saíamos daqui, antes de que seu espião force a fechadura – ele sorriu abertamente enquanto recuava e se afastava dela. —Filho da puta, se este quarto não estivesse quase malditamente à prova de som então teria que matá-lo.

Ela não pôde dizer nada. Kimberly sentia as palavras presas em sua alma, e as assustadoras e intensas emoções crescendo dentro dela. Lambeu-se os lábios, lhe saboreando uma vez mais, e tremendo quando sua vagina se convulsionou em crescente demanda.

Entretanto, ela seguiu seu exemplo, vestindo-se rapidamente, ignorando o tremor de suas mãos e as lágrimas que se prendiam em sua garganta. Exatamente como ela ignorava a crescente certeza de que sua vida, desde esse momento em diante, nunca voltaria a ser a mesma novamente.

Capítulo 10

Não levou muito tempo a Jared para encontrar sua presa. Depois de escoltar Kimberly a seu dormitório, onde ela jurou que ia tirar um cochilo, Jared foi à caça.

O saber que um dos homens nos que Kimberly deveria confiar não era mais que um Judas enviado por seu pai era mais do que ele podia agüentar. O Senador começava a lhe incomodar de um modo que Jared sabia que não era bom para ninguém.

Kimberly nunca deveria ter sido um peão em qualquer que fora a fanática visão de seu antepassado. O testamento já era suficientemente mau, colocando sobre sua cabeça a conservação de uma fazenda que deveria ter

sido dela sem essas condições extremas. Mas saber que seu pai, o homem que mais deveria se preocupar por sua felicidade e bem-estar, só se preocupava da conservação de sua castidade, isso deveria ser criminoso.

Kimberly não tinha nascido para refrear a sensualidade natural que queimava dentro de seu corpo. Era como uma chama, ardente e intensa, que ameaçava queimar ao homem que fosse o bastante afortunado para tocá-la. Como o fez Jared. Seu corpo se esticou com o conhecimento de que tinha liberado uma paixão dentro dela que ela nem sequer tinha imaginado que existia.

Em seus ouvidos ainda soavam seus gritos, suas súplicas de liberação. O aroma de sua excitação se pareceu com o orvalho, fresco e selvagem, doce e limpo. Seu corpo se pareceu a uma chama, ondulante sob seus lábios e língua, derramando a essência doce de sua necessidade em seus ávidos lábios. Estaria condenado se lhe tivesse feito pagar o prazer que ela tinha encontrado em seus braços.

Ele moveu-se silenciosamente pela casa, estreitando os olhos enquanto entrava no corredor a tempo de ver a porta de seu escritório fechar-se silenciosamente. Em questão de segundos tinha aberto a porta, golpeando-a contra o bastardo do outro lado antes de entrar e agarrar ao guarda-costas pela nuca e sacudi-lo como a um incômodo cachorrinho.

Por ser um guarda-costas, o bastardo era um simplório. Jared tinha visto mais experiência em vândalos da rua do que a que viu no idiota ao que tinha empurrado.

—Ei!... Maldição, qual é seu problema? – Tim Adams se voltou para ele, movendo seu corpo em posição de ataque antes que ele visse Jared.

Jared sorriu com antecipação. Podia ver o desejo do outro homem de saltar, de atacar. O tremor nos músculos de seu corpo, o brilho em seus olhos cor avelã e o enrubescimento de seu pálido rosto com um pouco atrativo cor corada.

—Vá em frente – disse simplesmente, com o corpo relaxado, preparado para qualquer movimento que outro homem pudesse fazer. —Te desafio.

Adams se esticou, evidentemente pensando antes de atacar o homem que ele devia proteger.

—Este é meu escritório – disse Jared simplesmente, em tom ameaçador enquanto o outro homem retrocedia. — Não tem nada que fazer aqui.

Os lábios de Adams se apertaram enquanto olhava fixamente ao redor da sala antes de fazer uma pausa no sofá. Não havia maneira de interpretar mal a umidade que ainda permanecia na almofada central, prova da paixão de Kimberly e de sua necessidade.

Jared viu como a fúria estava embutida dentro do homem mais jovem, seu corpo tremendo por isso.

—Sinto muito – disse ele finalmente sem sinal de arrependimento. — Me equivoquei de lugar.

Ele moveu-se para passar por Jared e escapar.

—Não acredito, júnior – Jared lhe agarrou pelo pescoço em uma chave que lhe fez ofegar por respirar, seu corpo tenso pela surpresa.

—Acredito que sabe como seria fácil te partir o pescoço agora mesmo - Jared manteve um tom agradável apesar da fúria que o invadia. —Alguém tão bem treinado como você, Adams, deveria saber melhor que ninguém que não se deve dar as costas ao inimigo. E acredite-me, acaba de se converter em meu inimigo – grunhiu na orelha do outro. —Agora me escute, e me escute bem. Kimberly não é teu assunto. Ponto. E não pense que você pode informar isto ao Senador e sair ileso. Não passará, filho. Inteirarei-me. E quando o fizer, matarei-te. Me entendeste?

Adams se retorceu, furioso, enquanto os ásperos sons de sua raiva e sua luta por respirar enchiam a sala durante longos segundos antes de que Jared afrouxasse seu agarre o suficiente para lhe permitir tomar fôlego.

—Você me entendeu, Adams? – repetiu a pergunta, mantendo sua voz suave, mordaz.

—Ele descobrirá – ofegou Adams. —Ela não poderá escapar.

Jared sorriu tenso.

—Enquanto permaneça virgem, ela pode escapar aonde demônios queira ir-se, verdade? – apertou seu agarre enquanto Adams lutava em vão para liberar-se. —Me responda, rapaz, antes de que te quebre o pescoço agora.

—Sim – grunhiu Adams.

—Exatamente – Jared deixou de apertar seu pescoço. —Mas ela o faça ou não, você não vai ficar espalhando histórias, entendido? Quer saber por quê? Porque sabe quem sou. Sabe o que posso fazer. E sabe que te matarei. Não é assim, Adams?

—Sim – uma raiva necessitada ressonou em sua voz.

—Bom menino – elogiou Jared zombeteiramente. —Agora, te assegure de recordar esta pequena lição, porque de seguro que odiaria ter que derramar sangue em minha casa. Minha governanta fica totalmente irritada quando tem que limpar merda. E nós não iríamos querer isso, não é verdade?

Jared o liberou devagar, olhando-o com os olhos estreitos enquanto Adams se afastava dele. O homem se voltou, seus olhos cintilando pela cólera.

—Você pensa que o Senador não sabe como é ela? – grunhiu Adams. —Pensa que ele não a obrigará a passar por um exame imediatamente depois do término dessa missão?

Jared sossegou a necessidade de matar ao outro homem. Esconder o corpo iria ser um problema, depois de tudo.

—Não importará – disse finalmente, com voz glacial. — Ela continuará sendo virgem. Ele não ganhará, nem você tampouco. Assegurarei-me disso. Agora saia de uma maldita vez de meu escritório antes que eu perca o controle e te mostre o quão longe que está me empurrando.

Evidentemente que não teve que fazer uma segunda advertência. Adams saiu praguejando do quarto, enquanto a praga que saiu de seus lábios ressonava detrás dele:

—Vá se foder.

Jared suspirou exaustivamente. Se só...

Capítulo 11

Kimberly admitiu que tinha pouca experiência com os machos desta espécie. E tinha ainda menos experiência no tipo de relação que parecia querer Jared. Sentia-se inexperiente e incapaz de poder lhe satisfazer devido à experiência que, começava a suspeitar, ele possuía.

No Clube ela se limitava a jogar. Uma visita a cada três meses, tombando-se rapidamente sobre qualquer mesa que estivesse à mão, e depois desaparecia. Não existia nenhum apego emocional, nenhum sentimento. E não tinha querido nenhum, não podia permitir-se nenhum.

Mas ela estava aprendendo que Jared tinha a intenção de jogar a esse jogo com outro tipo de regras. O mais espantoso era o fato de que, em vez de sentir-se acovardada ou ameaçada pelas intimidades que lhe tinha avisado que vinham, sentia-se excitada e nervosa, mantendo um difícil equilíbrio entre a incerteza e a euforia que deveria ter sido aterrorizante.

Enquanto saía da ducha mais tarde, ao anoitecer, e se secava lentamente, Kimberly admitiu que tinha problemas no que dizia respeito a Jared. E também se deu conta de que, durante meses, tinha representado um perigo para os objetivos que tinha mantido em sua mente durante os últimos seis anos.

Ela teve cinco anos para consegui-lo. Se permanecia virgem durante cinco anos mais, ganharia. Conseguiria algo que nenhuma outra mulher da família de sua mãe tinha sido capaz de fazer em cinco gerações. Riria dos decretos que tinham governado sua vida desde sua juventude e à cara de seu pai em particular.

Cinco anos mais.

Suspirou profundamente enquanto aplicava loção sobre o corpo, prestando minuciosa atenção às dobras dilatadas de seu sexo e a seus firmes seios. Seus mamilos se sobressaíram e se endureceram, sentindo como sua pele se sensibilizava ao recordar as carícias de Jared.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios; sacudindo a cabeça, obrigou-se firmemente a afastar suas mãos do corpo, agarrando bruscamente o secador. Era imprescindível secar essa larga massa de rebeldes e avermelhados cachos. Mas gostava da sensual sensação desse ato, o modo em que se deslizava sobre seu traseiro nu e se frisava ao redor de seus ombros. Sentia-se feminina, desejável. E quando os dedos de Jared se enroscaram neles, empunhando-os e atirando dos largos fios, sentiu umas descargas de prazer e sensualidade tão intensas que lhe chegaram até a última ponta de seus nervos como chamas incontroladas, aumentando as licenciosas sensações.

Ele era uma criatura que vivia para a sexualidade e o prazer. Um sorriso zombador surgiu de seus lábios ante a idéia. Jared entenderia por que se sentia tão bem ao estar nua ao sol, ou nadando nua no oceano. Ele poderia não fazê-lo, dado que era homem, mas entenderia sua necessidade de fazê-lo.

Franziu o cenho ante o pensamento. Por que tinha que preocupá-la se o entendia? Ele não compartilharia sua vida, ela não podia lhe permitir compartilhar sua vida. Cinco anos podiam ser uma eternidade se deixava que seus sentimentos pelo Jared se descontrolassem. Ou poderiam acontecer rápida e comodamente se mantinha seu coração livre.

Embora tinha a sensação de que seu coração já estava comprometido.

Afastou o secador e o pôs cuidadosamente sobre a pia; fechando os olhos, efetuou profundas e controladas inspirações; pensar nele a fazia mais consciente de seu próprio corpo e da satisfação que se estava negando a si mesma.

Ela tinha aceito, já fazia anos, que seria atormentada pelos mesmos desejos que seu pai afirmava tinham sido demônios no interior de sua mãe. Uma intensa sexualidade, uma necessidade de ser tocada, uma necessidade de sentir mais que uma simples carícia de seu amante.

Queria ser açoitada. Gostava de ter seu traseiro aberto, sentindo um cacete penetrando profundamente naquela entrada proibida. Ter seus mamilos endurecidos e as mãos presas. E imaginar-se experimentando aqueles atos com Jared fez que sua vagina se transbordasse de umidade.

—Eis aqui um olhar que poderia fazer um homem cair de joelhos.

Kimberly respirou asperamente ao girar-se bruscamente, cravando os olhos em Jared, sentindo como seu sangue começava a correr por suas veias e seu coração palpitava imitando o ritmo do batimento do coração de seus clitoris.

—Não sabe bater na porta? – perguntou, estranhando o tom áspero de sua própria voz.

Ele se apoiou contra o batente da porta, enquanto cruzava os braços sobre seu peito, e a observava agarrar um robe de seda azul do cabide situado ao lado da pia e se ocultava nela.

—É minha casa – se desculpou com um sorriso divertido enquanto ela fechada o robe.

—É o Senhor do Castelo, né? – perguntou ela com um sorriso, percorrendo com o olhar seu alto corpo, e sentindo essa indefesa feminilidade que nunca tinha deixado de infundir nela.

—Se posso consegui-lo, sim – seus olhos brilharam enquanto a sensual curva de seus lábios se fazia mais marcada.

Ela sacudiu a cabeça, sentindo como se algo em seu interior se relaxasse e aliviasse graças a seu sorriso.

—É muito arrogante para seu próprio bem – lhe advertiu então. —Um dia destes, alguém vai te fazer abaixar a bola, Jared.

Ele grunhiu ante isto, um som que mostrava descrença e uma alta confiança masculina muito grande em si mesmo.

—Pode tentá-lo se quiser, querida – lhe disse, com um sorriso satisfeito no rosto, enquanto seu olhar percorria seu corpo. —A luta poderia ser interessante.

Kimberly lambeu seus lábios enquanto lutava contra o nervosismo que tinha decidido atacar seu sistema. Os nervos ou o desejo incontrolado, nesse momento não estava segura do que podia ser; quão único sabia seguro era sua impossibilidade de lutar contra a atração que crescia entre eles.

—Pensa que poderá ganhar, não é? – ela perguntou-lhe enquanto se aproximava lentamente, vendo os olhos dele entreitados obscurecendo-se com a luxúria.

—Definitivamente – sua voz destilava tanta arrogância que não sabia se chiava os dentes de irritação ou ria do sutil desafio que deliberadamente lhe tinha posto diante dela.

—E o que é o que você aposta? – ela deteve-se diretamente diante dele, lhe olhando para cima, decidida a parecer tão calma e divertida quanto ele.

Entretanto, podia sentir as sutis correntes de tensão que se elevavam entre eles, fazendo que seus peitos se tornassem mais sensíveis e seus mamilos se endurecessem. Podia sentir como sua simples presença a afetava. Isso era estranho, era um sentimento de algum jeito estranhamente confortante, e ainda mais aterrorizante precisamente por isso.

Ele curvou os lábios em uma espécie de autozombaria, enquanto seus olhos brilhavam com risada arrependida.

—Qualquer maldita coisa que eu possa conseguir – grunhiu enquanto tentava alcançá-la, trocando bruscamente sua expressão de divertido desejo a dura e imperativa luxúria.

Antes de que ela pudesse fazer nada mais que ofegar seu nome, ele estava arrastando-a através da porta até seu quarto. Pôde vislumbrar os escuros e pesados móveis, refletidos pela débil luz do abajur situado na cabeceira da cama, antes de que a agarrasse e a derrubasse no grosso colchão da cama.

Kimberly ficou rapidamente de joelhos, estreitando seus olhos ao lhe ver desabotoar a camisa de algodão azul escura que vestia. Seus dedos, extremamente bronzeados, trabalharam rapidamente sobre os botões, liberando o tecido antes de deslizá-la por seus musculosos ombros.

Não tinha nenhuma intenção de lutar contra ele. Nem de atrasar o que prometia o brilho de seus escuros olhos cinzas. Os lábios dela se abriram e sua língua saiu para umedecê-los quando as mãos dele se dirigiram ao cinto do jeans.

—Vai me violentar? – perguntou com voz rouca enquanto seu coração pulsava fora de controle.

Os lábios dele se curvaram mostrando esse sorriso que tinha conseguido derreter seu coração durante o último ano. Sabia ele, perguntou-se, o que aquele sorriso o fazia com ela?

Esquentava seu coração, conseguia que lhe desejasse e a fazia parecer a mulher mais linda sobre a face da terra. Um sorriso que considerava só dela, simplesmente porque não lhe tinha visto sorrir desse modo a mais ninguém.

—Violentar, devastar, comer viva – grunhiu ele. —Não tem nem idéia, Kimberly, de quão impaciente que estou por possuir esse seu doce e pequeno traseiro.

Suas palavras não deveriam lhe haver provocado um aumento brusco de calor em seu útero, mas foi exatamente o que fizeram.

Então o fôlego dela lhe congelou na garganta quando ele desabotoou o jeans e começou a baixar-lhe por seus esbeltos quadris, revelando a completa extensão de seu desejo. Seu pênis estava totalmente erguido, enchido pela necessidade dele por ela. Ela observou encantada como os dedos de sua mão a rodeavam, acariciando-se devagar, enquanto ele afastava com um chute seu jeans e avançava para a cama.

—Tire o seu robe – seu tom era profundo e misterioso. Um proibido friso de emoção palpitava debaixo, fazendo com que sua garganta se esticasse em resposta.

Seus dedos tocaram no cinto durante um segundo antes de que o frouxo nó se desfizesse, permitindo que sua borda se abrisse o suficiente para deixar entrever atrativamente as dilatadas curvas de seus seios.

Seus mamilos estavam doloridos e ardiam necessitando de alívio. O peso dos anéis de ouro que os perfuravam era mais pronunciado, uma pequena e erótica dor que lhe recordava o passo de seus dentes por esses pontos tão sensíveis.

—Tire isso – ordenou ele de novo, observando-a com os olhos entrecerrados.

—Tire-me isso você – respirava tão asperamente, que falou tão logo que pode pronunciar as palavras.

Aquele sorriso. Cintilou de novo, ligeiramente torto, um pouco infantil.

Ele se divertia. Esse descobrimento foi quase tão forte como o desejo. Divertia-se com ela. Alguma vez se tinha divertido alguém com ela? Estava segura de que se divertiram, mas nunca tinha sido consciente de que o fizessem, como o era agora.

—Um desafio – pareceu aceitar. Penso que posso com ele, Kimber... – a agarrou pelos tornozelos, arrastando-a até a borda da cama com um rápido movimento. —Mas poderá você?

Ela esperou sentir outro desses duros e famintos beijos que destruíam sua consciência. Esperou que a consumisse. Entretanto, destruiu-a.

Ele apoiou a testa dele contra a dela, olhando-a fixamente aos olhos, lhe permitindo ver como trocavam de cor, a descontrolada emoção que lhe embargava, sua mesma essência, enquanto levava as mãos a seus ombros e muito devagar começava a retirar a seda de seu corpo.

—Jared... – um arrepiou percorreu seu corpo, fazendo que ela tremesse com o que viu, com o que sentiu.

Piscou tentando afastar as lágrimas, sem compreender por que vinham a seus olhos e por que sentiu uma sacudida no centro de seu ser.

—Seus olhos estão se escurecendo, neném – sussurrou ele bruscamente. —Posso ver como o desejo cresce dentro de ti, como a necessidade aumenta o grau de sua paixão. Sabe o que isso me faz? O duro que me põe saber que posso deixar esses olhos verdes quase negros pela necessidade?

A seda escorregou por suas mãos enquanto ela elevava os braços, caindo sobre seus quadris ao mesmo tempo que levava as mãos ao rosto dele. Seus dedos tocaram os lábios dele. Tremendo. Estavam quentes, não úmidos ou lisos, mas sim como quente veludo contra as pontas de seus dedos.

Ela gemeu, e seus lábios se separaram em um silencioso choro enquanto os masculinos olhos se obscureciam em resposta. Tempestuosos. Como se fossem o turbulento centro de uma tormenta a que ela temia não sobreviver.

Ela estremeceu-se quando as mãos dele também se moveram, tomando o dilatado peso de seus peitos e esfregando os dedos contra seus endurecidos mamilos, enviando uma labareda quente que chegou até as profundidades de sua vagina.

Estava se queimando viva. Podia sentir o sangue que corria por suas veias, fervia com a intensidade das sensações que cresciam dentro dela. Uma simples carícia não deveria lhe fazer isto, exclamou silenciosamente para si. Não deveria envolvê-la, não só no prazer, mas também em uma emoção que a aterrorizava.

—Poderia te tocar para sempre – seus lábios se moveram contra seus trêmulos dedos; a respiração dele como uma carícia que sentiu em sua própria alma.—Parece ser de cálida seda e cetim, tão sedutora como o próprio pecado, Kimber.

A cabeça dele inclinou-se para baixo então, dirigindo seus dedos para seu queixo e girando-a para um lado para procurar seus lábios e lhe dar um beijo tão suave, que pareceu a carícia das asas de uma fada contra os seus.

—Me toque, neném – sussurrou ele contra seus lábios, em uma cálida súplica. —Me toque, Kimber, como se nunca nos tocássemos novamente...

Como ele estava a tocando.

Capítulo 12

Cada toque era outra camada de emoção, de prazer. Era um acordo tácito, uma recordação que Jared sabia que nunca se libertaria.

Ele olhou-a nos olhos; as escuras profundidades verdes pareciam fundir-se pela crescente paixão e o calor e a fome que enchiam seu corpo. O rosto dela estava ruborizado, seus lábios se inchavam mais cada vez que ele os mordiscava.

—Vai me provocar até que eu morra? – perguntou-lhe Kimber com voz rouca. Ele se inclinou para ela e deslizou as mãos por seus ombros e suas costas. Havia ele alguma vez tocado algo ou a alguém tão suave como Kimber?

—Será um prazer – grunhiu, tentando não sorrir para ouvir sua suave explosão de risada.

— Não era isso o que eu queria dizer – lhe esclareceu ela, gemendo ao sentir seus dedos explorar a plenitude exuberante de seus quadris. —Já me provocaste o suficiente, Jared. Necessito-te.

Ele podia ouvir a fome que rugia em seu próprio corpo, aquecendo a voz dela. Sim, ela o necessitava, tal como ele a necessitava, desejava-a, ansiava-a. Ela era o ar que ele respirava agora, o batimento de seu coração. Deixá-la ir o destruiria.

—Suba – ele a pegou pelos quadris para ajudá-la a deitar-se na cama. —Esta é minha fantasia – lhe disse ásperamente e pegou a correia afixada no centro da cabeceira e chegava no meio da cama. —Dê-me suas mãos.

A larga correia de couro tinha duas alças de velcro nos extremos que lhe permitiriam deitá-la de costas ou de barriga para baixo sem preocupar-se em reajustar a posição das amarrações.

Ele viu como seus olhos se acendiam com selvagem excitação e seus mamilos se endureciam enquanto um suave gemido escapava de sua garganta.

—Oh, sim, você gosta disto, não é, neném? – ele sorriu, levantou-lhe os braços e atou seus pulsos. —Também gosto muito, Kimber. Te ter indefesa debaixo de mim, incapaz de lutar contra suas necessidades ou as minhas. Te ver arder deve ser a coisa mais linda do mundo, neném.

E o era. Jared não podia pensar em nada mais apaixonante, mais excitante, que a luxúria de Kimberly. Queria alimentar essa luxúria, desejava ver quanto podia fazê-la arder.

Olhou-a dar um puxão nas amarras e deu-se conta de que, a diferença das do Clube, não havia maneira de soltar-se destas. Retorceu-se contra elas, seu corpo se arqueou ao sentir que a luxúria começava a afligi-la.

—Vamos – sussurrou ele e deslizou sua mão entre seus peitos até os contornos arredondados de seu abdômen. —Fique selvagem para mim, Kimber – a animou enquanto seu sexo clamava alívio entre seus quadris. —Você está bem e segura aqui. Ninguém pode vê-la, ninguém tomará nada que você não possa dar. Isto é só para ti, neném, tudo para ti...

Sabia que a luxúria de Kimber era só para ele. Viu o desespero começar a brilhar em seus olhos quando tomou os artigos que tinha colocado sobre a cômoda da cabeceira da cama. O tubo de gel lubrificante, o pequeno vibrador em forma de borboleta que ataria ao redor de suas coxas para colocá-la sobre a inchada saliência de seus clitoris, e o controle remoto com o que ativaria os diferentes níveis de estimulação já estava programado.

—Agora, vamos abrir estas bonitas e pequenas coxas – a obrigou a separar suas pernas, sorrindo quando ela resistiu e depois se apertou contra ele sem deixar de lançar pequenos gemidos quentes que acendiam suas próprias paixões.

Jared se moveu entre suas coxas para mantê-los apartados, enquanto suas mãos lhe apertavam a entreperna e introduzia os polegares em sua brilhante vagina. As dobras sedosas se abriram e mostraram a tenra carne rosada com o néctar de sua paixão.

A boca dele salivou ao ver o suave fruto da paixão feminina. Aproximou suas mãos e com os polegares abriu os lábios exteriores, para ver como a pequena fenda revelava o interior rosado e cremoso.

Kimber se retorcia debaixo dele, seus quadris se arqueavam ao tentar forçar mais sua ardente carne ao seu contato.

—Fique quieta – grunhiu ele, levantando a mão e deixando-a cair firmemente sobre sua macia xoxota.

—Oh, Deus. Jared... –gritou seu nome e seus quadris empurraram mais alto, estremecendo-se mais de prazer que de dor.

O suor pontilhava seu rosto, seus peitos, seu pequeno e suave ventre.

—Você gosta disto, não é, Kimber? – deu-lhe outra palmada na delicada carne, gozando com seu luxurioso grunhido de necessidade feminina.

Os dedos dele se deslizaram pela fenda enquanto ele se acomodava na cama, guardando com cuidado seu grosso pênis que latejava dolorosamente.

—Separe mais suas pernas, Kimber, ou poderei me esquecer do pequeno trato que fizemos, estou morrendo por te provar aqui. Tenho que conseguir, neném – lhe advertiu, mantendo seu tom de voz rude e perigoso.

Ela se arrepiou com o som, mas separou as coxas, abrindo mais suas suaves dobras. A pequena entrada para a sua vagina o tentava, acelerando sua faminta respiração. Ele não podia enchê-la com seu pinto, mas certamente a foderia com sua língua até deixá-la louca.

—Se levante – colocou uma mão sob suas nádegas, reforçando sua exigência ao tomar uma grossa almofada dos pés da cama.

Era do tamanho de um travesseiro, mas mais firme, o que assegurava que os quadris dela se mantivessem elevadas para que ele pudesse fazer o que tinha em mente. Empurrou-o debaixo de seus quadris, deixando a parte inferior de suas nádegas sem nada que atrapalhasse seus desejos.

Olhou-a fixamente enquanto levantava o tubo de lubrificante e esvaziava o gel em seus dedos. Ela quase que não conseguia manter os olhos abertos, já que sua excitação aumentava cada vez mais. Seus olhos estavam semicerrados e lutava para respirar enquanto a tormenta de prazer rugia no interior de seu corpo.

—Está pronta para mim, neném? – sorriu-lhe, sentindo emoções que nunca tinha pensado que conheceria com outra pessoa. Emoções que seu pai tinha descrito que ele tinha sentido com sua mãe.

Ternura, paixão, uma fome selvagem que nenhuma outra mulher seria nunca capaz de saciar. Ele tinha nascido só para Kimberly. Mesmo que soasse tão banal, mesmo que estivesse contra sua rígida filosofia de guerreiro com a qual sempre tinha vivido, ele sabia que esta era a verdade. Ele vivia para amá-la.

—Jared... – ela gritou seu nome, fazendo que seu pênis derramasse um sedoso jorro de sêmen devido à excitação que detonou em seu corpo.

A voz de Kimber era rouca, desigual, a fome sexual parecia algo vivo dentro dela enquanto sentia a língua dele deslizar-se pelo estreito canal de sua vagina e seus dedos introduzir-se na franzida abertura de seu ânus.

Ele percebeu que os músculos tensos de seu ânus se flexionavam para rodear seus dedos enquanto lambia as trementes dobras de seu sexo, cujo doce e sedutor néctar envolvia seus sentidos.

Ele percebeu que os músculos tensos de seu ânus se flexionavam para rodear seus dedos enquanto lambia as trementes dobras de seu sexo, cujo doce e sedutor néctar envolvia seus sentidos.

Ela tinha um gosto doce e picante, seus fluidos de seus sucos só estimulavam mais sua luxúria, fazendo-o ansiar mais e mais os gritos sedutores que saíam da garganta dela.

Sua língua rodeou seus clitoris, seus lábios sugaram ao calor de sua boca e o acariciou com movimentos suaves e firmes. Levou-a ao limite da razão e então, devagar, trouxe-a de volta, fazendo uma careta ao ouvir seus pequenos gemidos suplicantes. Seus dedos lenta, muito lentamente, começaram a afundar-se dentro do broche flexível de seu ânus, sentindo-a aberta para ele, o tecido sensível expandindo-se primeiro ao redor de um dedo e depois de dois.

Seus quadris se apertavam contra essa empalação, empurrando-se mais profundamente, enquanto que seus dedos, enredados no cabelo dele, oprimiam-no contra o tenso botão de seus clitoris.

Ele grunhiu contra sua carne, sentindo-a estremecer-se com o iminente orgasmo um segundo antes de que ele deslizasse mais abaixo. Sua língua lambia a convulsiva entrada de seu traseiro antes de começar a introduzi-la lentamente.

Com um suave empurrão e então outro, ele encheu a entrada, pressionando contra os apertados músculos e sentindo-a agitar-se debaixo dele. Seu clímax explorou através dela, enviando doces fluídos dela a sua boca tanto que o apertado tecido que rodeava seus dedos começava a tremer em resposta. Ela se sacudi, ardendo como uma chama ao estourar de prazer.

Jared não lhe deu tempo de relaxar depois da tormenta que a possuía. Antes de que ela pudesse descarregar-se em outra explosão, já estava ajoelhado estendendo uma grossa camada de lubrificante sobre seu pênis, depois colocou os pés dela sobre seus ombros e introduziu seu pênis na entrada traseira e começou a empurrar.

Kimberly ainda estava perdida em seu orgasmo e se estremeceu quando sentiu o grosso sexo de Jared pressionando contra seu ânus. O fogo correu por seus terminais nervosos, ali onde o prazer e a dor convergiam, inundando seus sentidos e empurrando-a mais alto, apesar ao orgasmo que ainda sacudia seu corpo.

Kimber quase não se deu conta de que ele pôs a camisinha antes de começar a entrar nela, mas de maneira nenhuma afetou as sensações que a atravessavam.

Um feroz calor encheu seu ânus quando a cabeça do pênis o abriu e começou a penetrá-la cada vez mais profundamente. Ela podia sentir cada veia, cada grossa pategada que empurrava dentro dela, acariciando o sensível tecido, enviando descargas elétricas em uma sensação dilaceradora através de seu corpo para explodir chispando de fome no interior de seu sexo.

As mãos dela agarraram os pulsos dele, onde ele sustentava as coxas dela abertas, seus pés ainda descansavam sobre os amplos ombros enquanto ele a olhava atentamente. Podia sentir a tensão percorrendo seu corpo e o dele, enquanto lentamente, pategada a pategada, ele a enchia até sobressaltá-la.

—Deus, estou pior que um menino com sua primeira mulher – ofegou em cima dela enquanto seu sexo latejava imperativamente na apertada abertura de seu ânus.

—Jared – a insuportável onde de prazer/dor que sentia era mais do que podia agüentar, embora os abundantes fluidos que emanavam de sua vagina a desconscientizavam, fazendo-a inclusive sentir-se mais excitada, mais

quente. Necessitava mais para chegar ao clímax agora; necessitava sensações agudas, dolorosas, para voar ao mais distante gozo.

—Eu sei, neném – Jared gemeu e levantou o vibrador em forma de borboleta da cama.

Com movimentos rápidos, peritos, ele atou as correias a suas coxas antes de colocar o pequeno e poderoso dispositivo sobre seus clitóris.

—Te prepare, neném – lhe sorriu ao ver seus olhos muito abertos e inocentes. Ela não tinha nem idéia para aonde ia voar.

Ele flexionou seus quadris, tirando seu sexo do apertado ânus antes de acender o vibrador em seu nível mais alto e voltou a penetrá-la. Sabia que os agudos pulsos elétricos que atacariam o sensível nó a levariam gritando ao clímax enquanto ele montava seu ardente canal traseiro.

E aconteceu como esperava. O corpo inteiro de Kimber ficou rígido durante um segundo quando seus músculos anais se apertavam ao redor do membro invasor. Então, quando o orgasmo a rasgou, lançou um grito que estremeceu a alma de Jared. Uma e outra vez ela apertou e sacudiu o seu pênis como se o ordenhasse ritmicamente, destruindo seu controle até que ele se inundou dentro dela uma última vez e derramou sua semente na cobertura de látex que ele quase não se recordava haver colocado.

Com respiração agitada, tremendo pelo orgasmo, derrubou-se sobre o trêmulo corpo de Kimberly, e gemeu de pesar ao forçar-se a sair do orifício apertado e eliminar a capa de látex.

Fracamente, liberou as correias da borboleta e a tirou do corpo trêmulo, para seguir depois com as demais sujeições. Apartou a correia e tomou gentilmente Kimberly entre seus braços. Acariciou suas costas tentando acalmar seu tremor; sentindo os pequenos gemidos que ela emitia freqüentemente.

—Você está bem? – depositou um beijo na parte superior de sua cabeça, ainda ofegando.

—... morta... – resmungou ela. —Fique quieto e me deixe descansar em paz.

Ele riu em voz baixa. Um som áspero, esgotado, que não pôde evitar.

—Descanse, neném – grunhiu, sacudindo o cobertor para cobri-los antes de derrubar-se contra os travesseiros.

Logo despertaria para que se desse uma ducha, mas agora só queria isto: Kimberly dormindo a seu lado, ele abraçando-a fortemente, seu aroma enchendo seus sentidos. Seus olhos se fecharam, seu corpo relaxou contra o dela e a seguiu rapidamente no sono.

Capítulo 13

Acompanhar Jared na fazenda poderia ter sido impossível se ele não tivesse estado disposto a permitir-lhe. Pela tarde, ela se arrastava de esgotamento e tudo o que tinha feito era o seguir de um lado a outro enquanto ele fiscalizava o que, estava dando-se conta, era uma vasta operação.

Haveria ali algo que ele não fizesse?

O primeiro que fez aquela manhã foi encontrar-se com um pobre fazendeiro a quem convenceu de que o esperma de um touro que Jared possuía valia mais dinheiro do que Kimberly ganhava em um mês. Ela tinha se sentado e tinha escutado com assombro como se fechava o negócio, como se assinava o cheque, e um tolo equivocado se ia com um tubo de ensaio de soldadinhos de vaca conseguidos a um preço que deveria ser ilegal.

—Seu grande assaltante – acusou Jared baixinho enquanto o pequeno homenzinho partia feliz com um imenso sorriso no rosto.

—Tem alguma idéia de quanto paguei por esse touro? – ele arqueou uma sobrancelha enquanto a olhava fixamente com divertimento. —Acredite-me, querida, o senhor Cunningham fez um bom negócio, e ele sabe disso.

Kimberly bufou.

—Vi um montão de vacas enquanto vinha para cá, Jared – disse ela, lutando por conter sua risada. —Ele poderia ter parado, masturbando algum algum touro e voltado para casa sem perder uma fortuna. Não me espanta que as fazendas se estejam afundando por toda o país; os tipos como você não estão deixando que as pobres criaturas se criem de modo natural.

Ele lhe golpeou com força o traseiro, rindo enquanto ela pulava fora de seu caminho e lhe respondia com um sorriso descaradamente zombador.

—Mulher, é uma ameaça – disse com um grunhido, aproximando-a a seu peito e lhe dando um beijo rápido nos seus lábios. — Vamos, tenho que checar os cavalos antes voltarmos para casa para o almoço. Tenho uma tonelada de papelada me esperando.

Kimberly ainda esperava pelo almoço. Apoiou seu pé sobre o poste inferior do curral e o olhou enquanto falava com o capataz. Seu rosto bronzeado pelo sol mantinha uma expressão atenta, seu sensual e pleno lábio inferir se

esticou, a sombra da barba aparecia em seu rosto, lhe dando um aspecto perigoso, sexy. Ela desejou poder arrastá-lo para uma cama, passar suas mãos sobre seu corpo, e lambê-lo da cabeça aos pés.

Ela quase conseguiu fazer a tarefa essa manhã. Infelizmente, ela tinha começado pela grossa longitude de seu pênis, e se tinha afastado do caminho pelo poder e as promessas daquela dura carne.

Apoiou suas mãos sobre a grade superior da cerca, descansando seu queixo sobre elas e se perguntou que diabos ia fazer agora. Estava a ponto de apaixonar-se por ele. Demônios, não, não estava a ponto. Já se tinha apaixonado por ele; estava apaixonada fazia mais de um ano mas tinha se recusado a admitir.

Foi seu sorriso o que primeiro invadiu seu coração? Aquele pequeno e estranho sorriso curvado que ele parecia só ter para ela? Ou foram seus olhos, dessa cor cinza tempestuosa em um minuto, e no seguinte de uma suave e amável ardósia? Não, era tudo dele: suas brincadeiras, sua suavidade, as várias maneiras que encontrava para fazer de seus encontros especiais, de lhes dar um ar divertido não importava quão louca a deixasse. Havia algo sobre ele; tão duro e perigoso como pressentia que poderia ser, igualmente podia ver o suave interior de seu coração.

O toque do celular em sua cintura a tirou rapidamente de seus pensamentos e a trouxe de volta à realidade. Tirou o pequeno aparelho de sua capa, checkou quem a chamava e fez uma cara de aversão antes de responder.

—Estou numa missão – disse friamente. —O que você quer?

Houve um momento de silêncio na linha.

—Típica resposta —a voz de seu pai era tão virtuoso e recatado como sempre. —Alguma vez não está numa missão, Kimberly?

—Não se for você me chamando – afirmou ela.

—Deveria estar aqui em casa, onde possa ver que está adequadamente protegida – se lamentou ele. —Eu saberia melhor o que esperar de você para ter um modo de agir mais razoável. Felizmente, o filho de Caroline pode ser um perverso, mas tem um treinamento que falta a você.

Cara, isso era verdade. Kimberly sorriu abertamente ante o conhecimento sensual, embora sabia que seu pai falava de um assunto completamente diferente.

—Sim, estou viva. Jared está vivo. Os maus elementos ainda não ganharam. Algo mais?

Havia dias em que ela sentia uma enorme culpa pela animosidade que mostrava ao homem que deveria ter sido seu pai. Mas a atitude cáustica dele e seu tom nunca conseguiam a dissuadir desse sentimento.

Ela escutou através da linha telefônica como remexia os papéis, sentiu a tensão que de repente o invadiu.

—Fique fora da cama dele, Kimberly – sua voz, quando falou novamente foi fria, dura e gelada. —Nunca aprovarei esse matrimônio e duvido seriamente de que um homem do temperamento de Jared esteja disposto a esperar os cinco anos requeridos. Não cometa o engano de pensar que pode jogar com ele tão facilmente como creia que pode jogar com todos outros.

Por que isto ainda lhe doía? Por um momento, ela se assombrou com a fatia onipresente de dor que golpeava seu peito cada vez que ele revelava seu desprezo por ela.

—Recebeu o relatório do doutor a semana passada? – perguntou antes de responder a sua acusação

—Certamente – grunhiu. — O relatório me foi enviado diretamente.

—Então assumirei que é consciente de que ainda sou virgem – disse ela docemente. —Até que o relatório diga o contrário, o que faço e com quem o faço não seu é de sua conta. Correto?

O tom descaradamente falso e doce de sua voz devia ter deixado o rosto dele vermelho, e fazer com que os olhos cor avelã se saltassem de suas órbitas. Ela sentiu uma labareda de satisfação com aquele pensamento.

—Pensa que isto é nada mais que os testes? – ele grunhiu. —É tão corrupta como...

—Não o diga – não podia suportar ouvir isso. Não agora. —Eu desligarei o telefone no segundo em que o faça. Se não ter nada referido a minha missão para me dizer, desligarei o telefone tão rápido que não saberá o que te golpeou.

—Ele compartilha suas mulheres, Kimberly, compartilha-as com seus amigos e Deus sabe com quem mais. Nenhuma minha filha fará parte disso.

Ela desejou não ser sua filha. Isso teria feito as coisas muito mais fáceis para ela.

—Quando estiver preparado para ser um pai, mais que um barômetro moral, me avise.

Desconectou a chamada devagar enquanto olhava fixamente através do curral de Jared. Ele a estava olhando com as sobrancelhas franzidas, o que não facilitou quando lhe enviou um sorriso rápido. As acusações de seu pai revoaram por sua mente, lhe recordando quem e o que era Jared. Um membro do Clube. Um homem cuja sexualidade era tão avançada, tão afastada da de qualquer outro homem, que o mero pensamento disso fazia com que seu pulso se acelerasse.

Sim, se ele a possuísse, a compartilharia. Escolheria um terceiro, tal como outros membros do Clube faziam, e a compartilharia, acariciaria cada uma de suas fantasias e lhe daria liberdade para desfrutar de algo que a maior parte das mulheres só podiam sonhar.

Isso o fazia amá-lo menos? Isso a fazia amá-lo mais. E também a fazia sofrer, porque não importava o que ela pudesse sonhar, ou o freqüentemente que se assegurasse a si mesma que cinco anos não era muito tempo, sabia bem. Poderia ser toda uma vida.

—Kimber- ele estava de pé ao outro lado da cerca agora, olhando-a preocupadamente, suas sobrancelhas franzidas em um gesto de preocupação. —Está tudo bem?

—Sim – ela tragou fortemente enquanto continha suas lágrimas e o conhecimento de tudo o que estava negando. —Ainda tem fome? O almoço era uma hora atrás, Jared. Acredito que vou morrer de fome, já se passaram horas do café da manhã.

Soube pelo estreitamento de seus olhos que não lhe tinha oculto nada. Pela primeira vez em sua vida enfrentava a alguém a quem não podia enganar.

—Kimber – ele a alcançou através da cerca, sua mão tomou sua bochecha e só então ela sentiu a leve umidade que caía de seus olhos.

Seu sorriso se desvaneceu.

Lambeu seus lábios, olhando-o com pesar, consciente da crescente emoção que começava a encher o ar.

—Quero muito —finalmente sussurrou. —Como sempre, simplesmente quero muito.

Ela deu a volta afastando-se dele e se precipitou através do curral, dirigindo-se para a casa. Não podia confrontá-lo mais. Não podia confrontar o passado, nem o futuro sem ele, ou as exigências que de repente se açoitavam sobre ela. Não podia confrontar Jared, ou nunca sobreviveria à opção que tinha jurado manter.

Capítulo 14

Jared observou enquanto Kimberly se aproximava da casa. Podia ver a tensão em cada linha de seu corpo, percebendo como o desespero florescia em seu olhar. Colocou suas mãos nos quadris, sacudindo a cabeça impotentemente.

Tinha aprendido a ter paciência durante o serviço militar. Tinha aprendido a sentar-se e a esperar pelo que queria, o que necessitava. E embora esperar por Kimberly ia contra cada instinto possessivo que tinha, faria-o. Mas isso não significava que desejasse vê-la sofrer.

A tensão sexual e a cólera que havia dentro dela eram seu pior inimigo. Inclusive com suas visitas ao Clube, ela não tinha aprendido ainda a controlar a força e a cólera, ou como minguar estes sentimentos.

Um sorriso se formou em seus lábios enquanto pegava o celular de seu cinto e fazia uma ligação com discagem rápida para contatar com o Clube.

—Me deixe falar com o Ian – disse quietamente quando Thom atendeu.

Ian Sinclair era o dono do Clube. Um lugar que transmitia toda a fogueira sensual do homem. Ele seria o perfeito terceiro para o que Jared estava pensando.

—Jared, está vadiando —a voz do Ian soou áspera, um profundo trovão preguiçoso que não fez nada para dissimular ao perigoso inimigo que poderia ser.

Jared bufou.

—Não muito. Mas disso já falaremos depois. Necessito um favor.

—Um favor? – a diversão aparecia na voz de Ian. —Isso soa interessante.

—Não tem nem idéia – suspirou ele. —Necessito um terceiro.

O silêncio encheu o outro lado da linha. Havia uma regra bem estabelecida que dizia que Ian não participava como terceiro. Como principal possivelmente, mas a dominação que possuía raramente lhe permitia sentar-se no assento traseiro de nada.

—Por quê? – perguntou finalmente.

Jared lhe explicou a situação brevemente, mantendo seu tom de voz neutro, sua necessidade oculta. Mas maldita seja se Ian não era o perfeito para unir-se a sua aventura com a sexualidade de Kimberly. Era moderado, controlado e, apesar de sua aparência, um homem compassivo.

De novo o homem se manteve calado. O silêncio se esticou entre eles durante longos minutos.

—Filho da puta – resmungou finalmente. —Me lembre quem irá concorrer contra o senador nas próximas eleições.

—Deixe a política fora disto – suspirou Jared. —Tem o respaldo financeiro da mãe, assim não acho que nem sequer pensar em perder aqui.

Ian grunhiu. Não havia outra maneira de descrever a maldição que passou através da linha telefônica.

—O sexo anal ou oral fica muito além do principal, Jared – suspirou.

Jared o sabia bem. Tinha estado caminhando com uma ereção tão dura que eventualmente o ia matar. Não importava quantas vezes tivesse tomado seu ânus ou sua doce boca, sabia que não conheceria a verdadeira satisfação até que conseguisse foder sua pequena e quente xoxota.

—É a única opção dela agora mesmo, Ian – resmungou.

—Bem, deixe-me ver se o entendi perfeitamente – suspirou Ian. —Nada de sexo vaginal, e ponto. Suponho que sabe que nós dois vamos ter um severo caso de testículos moles por deixar essa preciosa xoxota sem tocar.

Jared sorriu abertamente.

—Sim, isso mais ou menos o define. Anda, Ian, pode descarregar seu testículos em qualquer outro momento. É de Kimber de quem falamos. Ela necessita isto.

Ela era um membro do Clube, e uma mulher, e isto lhe dava certa prerrogativa com Ian. Isso significava que ele mesmo a tinha selecionado pessoalmente, convidado e aprovado que formasse parte do grupo. Ele provavelmente sabia mais sobre esta situação do que Jared.

—Por que eu sabia esta chamada chegaria? – finalmente perguntou Ian, com uma grossa nervura de diversão. —O que fará com os guarda-costas? O dormitório não é o lugar adequado para isto, Jared. Se buscas intensidade, terá que acrescentar um nível extra de perigo enquanto a mantém na segurança de sua casa. Se não, eu sugeriria levá-la ao Clube.

—Não. Usaremos a sala de estar daqui – Jared sacudiu a cabeça ante a alternativa. —Tenho alguns homens de minha antiga equipe. Arrumaremos os detalhes, só esteja aqui.

—Venda-lhe os olhos, isso endurecerá as margens de sua segurança – a voz de Ian se tornou mais profunda, o que indicava seu interesse e excitação. —Estarei ali às dez.

O pênis de Jared se sacudiu dentro do confinamento de seu jeans. Ian sabia mais sobre como aumentar a excitação e os instintos submissos de uma mulher do que o que a maioria dos homens sequer podiam considerar.

—Terei tudo preparado – sorriu devagar, prevendo a tarde que vinha a seguir. —Te vejo às dez.

Ele desligou antes de girar sua cabeça para olhar fixamente para a casa. Ali estava Adams caminhando escondido de novo. Matthews e Danford o olhavam com cenho franzido das suas posições. Isto deixava ao quarto homem na casa, muito provavelmente vigiando Kimberly.

Bastardos. Lowel e Adams estavam acabando com sua paciência e se eles não tomassem cuidado terminariam encerrados sob chave no porão. Fez uma pausa ante este pensamento. Não era uma má idéia, na realidade. Em Matthews e Danford sim podia confiar. Os outros dois eram o problema.

Sim, o porão começava a lhe parecer melhor a cada momento.

* * * * *

Kimberly podia sentir a tensão crescendo dentro dela. Era pior que antes. Como um grande desejo arrepiante que não podia identificar e que não tinha nenhuma esperança de saciar. Seria assim como se sentiram suas antepassadas? Essas mulheres às que lhes tinha impedido de saciar essa crescente sexualidade que a atormentava.

Uma maldição, assim eles o tinham chamado. Serviu-se de café fresco em uma xícara respirando asperamente, tentando acalmar o tremor em seus dedos enquanto levava a xícara à mesa da cozinha. Era pior que uma maldição.

Olhou fixamente pela janela, observando como Jared trabalhava ao redor dos celeiros. Magro, musculoso. Movia-se com uma graça que raramente tinha visto em outros homens, e a hipnotizava.

Por que ele era diferente? Por que tinha podido transpassar sua defesa e roubar seu coração?

Afastou-se dele, rodeando com suas mãos a xícara enquanto baixava a cabeça, fechando os olhos.

Desejava agora muito mais do que nunca tinha sonhado. Antes de saber dos termos do testamento, antes da traição dos exames, tinha decidido que nunca suportaria a dor que sua mãe tinha sofrido. Sua virgindade era uma questão de orgulho. Seu autorespeito e sua determinação por conhecer uma vida completamente oposta a de sua mãe tinha sido freqüentemente o que a tinha mantido firme.

Depois do choque dos exames, tinha contra-atacado da única maneira que conhecia. Satisfeita, triunfante, tinha aprendido que podia ter o bolo e também comer-lhe. Podia apaziguar as luxúrias que cresciam em seu corpo e apesar disso seguir fazendo os exames trimestres que seu pai exigia.

E isso tinha sido suficiente. Até Jared.

—E agora? – sussurrou, voltando de novo seu olhar para a janela, para o homem. —O que faço agora? – porque ela sabia que já não era suficiente, e que nunca o seria de novo. Agora, queria-o todo.

—Kimber – a voz de Jared a fez conter o fôlego horas mais tarde, quando saiu do banheiro, apertando o cinto de seu roupão.

Ele estava parado em frente dela, apoiando-se contra os pés da cama, seu olhar escuro, com as pálpebras pesadas, seu jeans muito ajustados em sua virilha.

Kimberly se deteve no meio do quarto, olhando-o sombriamente.

—Sinto muito pelo que aconteceu mais cedo – sussurrou ela. —Às vezes eu... —agitou sua mão, fazendo careta por sua incapacidade para explicar as emoções turbulentas que a ultrapassavam.

Um sorriso gentil curvou os lábios dele.

—Está bem – disse suavemente. —Não estou chateado, mas realmente penso em te castigar por isso.

Ela o olhou fixamente, surpresa.

—Perdão? – seu coração começou a pulsar com enorme velocidade em seu peito enquanto ela interpretava a escura expressão de seu rosto.

Agora ele parecia dominante, perigoso. Um tremor sacudiu seu corpo, fazendo-a estremecer ao dar-se conta disso.

—A casa está vazia e assim estará pelo resto da noite – começou a explicar ele, sua voz profunda, latejante devido à excitação. —Manterá sua virgindade, Kimberly, mas o resto de ti me pertence. Incondicionalmente. De acordo?

Ela engoliu em seco.

—Como? – ela lambeu os lábios nervosamente.

Ele sacudiu sua cabeça firmemente.

—Não importa como. Tudo o que preciso é seu consentimento. Rendição incondicional, Kimberly. Pode sacrificar seu controle por esta noite? Não importa o que aconteça, não importa o que te peça.

Ela podia sentir seu corpo respondendo ao calor de seus olhos, à excitação e exigência de sua voz. Seu clitóris lhe doeu como nunca o tinha feito em seu passado. Podia sentir sua vagina umedecendo-se, derramando seus sucos através das dobras de sua carne.

Seus peitos se incharam, seus mamilos ficaram duros e sensíveis sob a seda de seu robe.

—Todo o controle? – perguntou fracamente.

Nunca tinha ousado tentar tal coisa antes.

—Todo o controle, Kimberly – ele não exigiria menos que isso.

Ela lutou por respirar normalmente, mas a crescente excitação o fazia impossível. Seus peitos subiam e baixavam asperamente, o sangue bombeava com ferocidade através de suas veias.

Colocou as mãos profundamente nos bolsos de seu robe, olhando Jared atentamente. O que ele tinha em mente? Não lhe faria mal, ele não violaria sua virgindade. Que mais haveria pelo que ela poderia precisar render seu controle?

—Nada de explicações, Kimberly – ele antecipou sua pergunta. —Confie em mim ou não. Não há meio termo.

—Confio em ti – não havia nenhuma dúvida nisso.

Ele sorriu outra vez, um sorriso torcido, carinhoso, que fez que os músculos de seu estômago se contraísse em resposta.

—Venha aqui – lhe ofereceu sua mão, embora não houvesse fraqueza em seu pedido. Era uma exigência.

Ela deu um passo lentamente, tomando sua mão, esperando que ele a puxasse para seus braços. Surpreendeu-se quando a deteve centímetros de seu peito.

—Vou vendá-los os seus olhos – disse firmemente. —Os manterá tampados, não importa o que aconteça. De acordo?

Nunca lhe tinham enfaixado os olhos. Nunca se tinha despido sem a segurança que implicava a visão. Estremeceu-se ante a exigência, mas assentiu de acordo.

Jared tocou sua bochecha com as pontas de seus dedos antes inclinar-se para tocar os lábios dela com os seus.

—Enfaixarei-te os olhos aqui, e então te levarei a outra sala. Sua palavra de segurança é “sacrifício”; dizendo-a, sacrificará um prazer, neném, como nunca antes conheceste.

O que poderia ter planejado?

Kimberly assentiu a contra gosto, trêmula enquanto ele recolhia a máscara negra da cama e a colocava em sua cabeça. Só lhe cobria os olhos, o elástico se ajustava comodamente na nuca e bloqueava toda a luz.

—Nunca fiz isto, Jared – estendeu sua mão para ele, agarrando desesperadamente seu antebraço enquanto se perdia em um mundo de escuridão.

—Eu sei, neném – sussurrou ele. —Só deixe ir. Eu cuidarei de você.

Ela se tranqüilizou para ouvir o pequeno e quase oculto rastro de emoção em sua voz que pôde captar então. Face à excitação, o prazer absoluto, por debaixo da satisfação dominante havia... tristeza?

—Vou te levantar – disse ele, um segundo antes de que a pegasse em seus braços. —Não tem que fazer nada ainda, Kimber. Só relaxe.

Relaxar-se? Estava cega e ficando paranóica. A voz dele a estava enlouquecendo. O que era essa emoção, esse rastro de algo em seu tom que enviava um rastro de dor perfurante a seu coração?

—Está andando em círculos? —tentou sorrir, mas sentiu seus lábios tremer com o esforço.

—Certamente – ouviu a risada na voz dele. —Onde estaria a diversão se soubesse onde está?

Ele exigia o sacrifício completo de cada pedaço de controle que ela possuía. E ela o estava dando. Esta era a parte que ela achava realmente incrível. Não tinha nenhum escrúpulo em entregar-lhe, em confiar nele para que cuidasse dela, para que a protegesse.

Deixaram de mover-se e, depois de uma pausa, sentiu-o inclinar-se para pô-la sobre a grossa comodidade de um colchão. Ficou imóvel, escutando.

Ouviu os sons dele se despiando enquanto ela mudava de posição na cama que estava deitada. Desejava-o nu, desejava-o tomando-a. Podia ouvi-lo a seu lado, mas podia sentir movimentos do outro lado. Um afundamento no colchão que não tinha sentido.

—Jared? – engoliu em seco quando o chamou.

—Sim, neném – respondeu ele a seu lado, tal como o tinha ouvido.

Ela choramingou ao sentir mãos em seu robe. Confiantes, seguras de si mesmos, começaram a afrouxar seu cinto. E não era Jared.

—Oh Deus – choramingou enquanto o cinto se afrouxava e a borda de seu robe caía a um lado.

Amplas e calosas mãos a levantaram, lhe tirando o tecido enquanto ela se estremecia.

—Fácil, Kimber – era Jared quem acariciava seu cabelo, descendo para seu pescoço, descobrindo seu peito com outra contemplação.

Estava tremendo, tremendo do mais profundo de seu ser com a reação. As mãos que acariciavam seus flancos eram quentes, não ásperas, mas firmes, exigentes. Quando cobriram seus peitos, um grito trêmulo escapou de seus lábios, enquanto seu útero se convulsionava de prazer.

Não havia nada mais que sensações. Nada mais que toque, sons. Suas mãos apertaram o lençol embaixo dela enquanto se arqueava para receber o contato, o nome de Jared escapando de seus lábios em súplica de algo que não estava segura do que era.

—Maldição, você é linda, Kimber. A visão mais linda que tive em minha vida – a voz de Jared estava cheia de adoração enquanto se recostava a seu lado, sua mão emoldurando sua mandíbula, lhe girando a cabeça. —Quero te ver arder, neném. Arde por mim...

Mãos masculinas abriram suas coxas enquanto os lábios de Jared se aproximavam dos seus. Gritou ao ser beijada, enquanto outros lábios, famintos e decididos cobriam as dobras empapadas de sua xoxota.

Kimberly podia sentir seu corpo sacudir-se, estremecer-se de prazer enquanto a mão de Jared acariciava seu cabelo, agarrando as júbas e puxando eroticamente, enquanto sua língua dançava ao redor da sua.

Seu beijo despertou sua excitação, despertou o fogo selvagem, não domesticado que queimava em seu ventre, enviando-a a um lugar de sensações que nunca tinha imaginado que existiam. Quem saboreava seu sexo, lambendo, chupando, sua língua golpeando dentro dela para fodê-la com golpes preguiçosos, era um mestre no que fazia. Mas não havia nenhum prazer maior que o beijo de Jared. Depois, seus lábios baixaram a seus peitos, sua língua acariciou seus mamilos, seus dentes raspavam, puxando os anéis de ouro que os perfuravam.

Abaixo, entre suas coxas abertas, invasores dedos masculinos pressionavam o estreito canal de seu ânus, lubrificando o pequeno e apertado buraco, estirando-a com uma sensual e lenta carícia.

Cega como estava, seus outros sentidos se realçaram, tornando-se mais sensíveis, mais claros do que antes. Levantou seus quadris, empurrando-se para os dedos que a fodiam, enquanto gritava com o prazer que sacudia sua alma.

—Sim, neném – Jared impulsionou seu prazer mais alto. —Arde, amor, me deixe te ver arder.

Suas unhas se enterraram no couro cabeludo dele enquanto ele sugava seus mamilos até que ele agarrou seus pulsos e as pôs de repente sobre o colchão. Estava restringida, indefesa embaixo deles e ardia.

—Me deixe gozar – estava gritando a exigência, arqueando-se para os lábios que chupavam de maneira errática seus clitorís inflamado.

Logo que acreditou que alcançaria o clímax graças aos lábios que a atormentavam, estes diminuíram a pressão e aliviaram os músculos apertados de seu útero.

—Não ainda, querida – a voz era profunda, tão profunda que raspou seus nervos e lhe enviou estremecimentos em resposta. —Eu gosto de jogar, Kimberly. Por um longo momento...

Sua língua golpeou sua exposta fenda antes de começar um diabólico jogo com o pequeno anel que rodeava seu clitóris. Ao mesmo tempo, Jared tirou os anéis de seus mamilos. Um com sua boca, outro com seus dedos atormentadores, fazendo-a emitir chiados de agonia, de um delicioso prazer/dor.

Ela ardia tal como ele queria. Arderia viva com a necessidade de um orgasmo, e muito consciente do fato de que o negariam até que os homens que a mantinham cativa considerassem que era o momento apropriado.

Apesar das tardes que tinha passado no Clube, nunca tinha estado sem seu controle. Sua escolha. Nunca tinha sido assim.

—Jared – se estirou contra a sujeição de seus pulsos, aterrorizada com as emoções e sensações que a engoliam.

Sua cabeça se sacudia sobre o colchão enquanto os dedos que atormentavam seu lugar mais profundo enviavam chamas que se disparavam desde seu ânus para seu clitóris. Dois dedos a separavam, estirando-a por completo.

—Estou aqui, neném – ele a acalmou, apesar da brutalidade de sua voz enquanto seus lábios se moviam para acariciar seu pescoço, sua orelha. —Estou bem aqui.

—Sustente-a para cima – a voz em sua vagina advertiu então. —Vou lhe dar mais aqui. Vamos ver quão quente pode arder.

—Venha aqui, Kimber... – eles a levantaram, colocando-a sobre seus joelhos, mesmo que os dedos que invadiam seu traseiro se mantivessem no lugar.

—O sexo anal pode te trazer satisfação completa, Kimber – sussurrou ele profundamente, enquanto ela sentia que suas nádegas eram separadas quando outro dedo começava a empurrar em seu interior. —Se souber como tomá-lo, como você sabe. Se a pessoa que o faz sabe como fazê-lo, como ele sabe. Pode te levar a lugares que não poderia ir de outra maneira.

Suas costas se arqueou enquanto os dedos a estiravam. Estava agonizando. O prazer e a dor balançavam seu corpo enquanto ela se atirava para trás, desesperada por mais.

Um segundo depois ela gritou ultrajada enquanto uma mão golpeava firmemente sua nádega. Ficou quieta, pensando que isso a aliviaria. Acreditando que o golpe tinha sido por seus desesperados movimentos para empurrar seus dedos mais profundo. Mas veio outra vez, do outro lado.

—Bastardo – chiou, querendo afastar-se, apartar a atadura de seus olhos e confrontar seu atormentador.

—Malvada Kimber – Jared riu quando a mão dela se moveu para a máscara. Agarrou seus pulsos, as sustentando antes de que pudesse alcançá-la, as pondo diante dela enquanto se deitava a seu lado. —Alguma vez foste açoitada, neném? Sinta-o, Kimber. Relaxe com o calor, deixa-o aumentar o prazer. Você gosta da dor, você sabe. Isto é só outra forma dele.

A mão golpeou outra vez, e apesar de sua necessidade de negá-lo, o prazer se uniu a seu ardor. Quase como em recompensa, a mão de Jared se moveu para baixo, metendo-se entre suas coxas, a palma de sua mão exercendo uma pressão firme e sensual contra seus clitóris, enquanto a levantava para fazê-la descansar contra seu peito.

A mão golpeou de novo, e desta vez os dedos que estiravam a entrada de seu ânus se moveram mais profundamente.

—Oh Deus... Jared... não posso suportá-lo – a mão golpeou outra vez, fazendo-a apertar-se contra os dedos que a invadiam e fazendo-a sentir como lanças candentes rasgando através de sua vagina.

—Mais, Kimber... – sua voz era mais áspera, mais exigente. —Você pode tomar mais, neném, sabe que pode.

Outra série de quentes palmadas foi seguida por um suave impulso dos dedos em seu traseiro enquanto Jared tirava o anel que perfurava a capa de seu clitóris. Ela tremia violentamente, estremecendo-se com o prazer e a intensidade enquanto saía em busca de cada impulso.

—Agora, neném... – Ela foi separada do peito dele e posta de joelhos enquanto ele ficava frente a ela. — Te abra amplamente, Kimber. Quero sua boca tão fodidamente que estou a ponto de gozar só de pensar nisso.

Ela sentiu a pressão do pênis de Jared contra seus lábios e se abriu para ele enquanto gemia pelos dedos que lentamente saíam de seu ânus.

Sua boca estava cheia da quente carne masculina que ela tanto amava. Jared, seu pau latejando contra sua língua, seus polegares separando sua mandíbula enquanto sentia que suas nádegas estavam sendo separadas outra vez.

Ficou quieta e choramingou.

Um segundo depois explodiu como em um brilhante caleidoscópio de prazer/dor enquanto era invadida. Não por dedos, mas sim por um pênis que se introduziu dentro dela com um impulso seguro e rápido que a destruiu.

Perdeu a razão. A loucura a consumiu. Seus lábios se apertaram sobre a carne que Jared empurrava, enquanto seu ânus ardia pelo êxtase. Estava sendo tomada, empalada, possuída de um modo que nunca poderia ter imaginado. Podia sentir cada polegada enterrada entre suas nádegas, provar a potente paixão do impulso do pênis entre seus lábios. Estava sendo possuída, tomada, sacrificada a tal prazer que estava segura de que não sobreviveria.

Podia sentir as chamas ardendo sobre ela enquanto o duro corpo detrás dela a cobria. Sua mão estava entre suas coxas, seus dedos movendo seus clitóris um segundo antes de que lhe desse uma série de pequenas e rápidas palmadas que a empurraram sobre um precipício que nunca tinha sabido que existia.

Explorou, só fracamente consciente do sêmen de Jared deslizando-se quente e duro por sua garganta, e o flexível e latejante cacete em seu traseiro liberando-se também. Tudo o que sabia, tudo o que podia processar era o prazer queimando-a, lançando-a às nuvens...destruindo-a.

Caiu de lado, curvando-se em uma bola enquanto seus músculos se estremeciam e sua vagina começava a pulsar em protesto. E ela sabia, apesar do êxtase atormentador que ainda ressonava através de seu corpo, que nunca mais o prazer unido à dor aliviaria a dor terrível de seu corpo. Só tinha provocado uma fome a mais. Uma fome que sabia que só um homem poderia aliviar...

Capítulo 16

Jared estava no chuveiro, sentindo o jato d'água golpeando suas costas enquanto ele permanecia com a testa apoiada contra a parede de azulejos. Tinha os olhos fechados, cada um de seus músculos estava tenso pelo esforço que fazia para controlar a furiosa exigência que latejava seu corpo e sua mente.

Ela era dele, por Deus. A exigência feroz rugia por sua mente. Seu coração. Sua alma de merda. E ele se consumia sob a força da água em lugar de estar com satisfeito esgotamento em seus braços.

O ménage com o Ian deveria ter amainado um pouco a fome, mas tinha resultado pior. Não foi suficiente. Nada do que ele conhecia seria alguma vez suficiente, até que a tomasse como desejava.

Seu pênis estava como uma pedra viva a ponto de estalar pela fúria de suas emoções. Podia saborear Kimberly com sua língua, senti-la em sua pele. Ainda inclusive podia escutar seus gritos enquanto se retorcia embaixo dele. Deu-se conta ela de que tinha gritado? Poderia ela saber do efeito que tinham suas palavras nele?

—...não é suficiente... oH, Deus, Jared, não é suficiente... – as palavras tinham sido um grito desigual, quase incoerente, enquanto ela se estremecia por seu primeiro orgasmo.

Não, não tinha sido suficiente. Nunca poderia ser suficiente.

Poderia viver outros cinco malditos anos antes de poder reclamá-la? Chiou os dentes ao pensá-lo. Era um inferno que ele nunca tinha imaginado antes. Demônios, sim, esperaria. Mas isso o mataria.

—Jared? – sua voz era um sussurro de fome, das necessidades que queimavam também dentro dele.

Ele abriu os olhos, ignorando a água que o golpeava e se voltou para encontrar seu olhar.

Seus olhos verdes estavam escuros pela dor da despedida. Merda. Ainda não. Ele não estava preparado ainda.

—A Agência acaba de chamar – seu coração se apertou para ouvir o tom de miséria da voz feminina. —A ameaça foi considerado um trote. A primeira coisa que eles fizeram foi me chamar de volta.

Ela tinha posto o robe atado fortemente a sua cintura e colocou as mãos crispadas nos pequenos bolsos. Seus dedos estavam apertados para refrear a dor que se refletia em seu olhar.

—Merda.

E agora? Malditos sejam, ele não estava preparado para deixá-la ir, não estava preparado para ficar sem seu calor em sua cama. Filho da puta, ele por fim acabava de conseguir tê-la.

Ela tinha posto o robe atado fortemente a sua cintura e colocou as mãos crispadas nos pequenos bolsos. Seus dedos estavam apertados para refrear a dor que se refletia em seu olhar.

—Merda.

E agora? Malditos sejam, ele não estava preparado para deixá-la ir, não estava preparado para ficar sem seu calor em sua cama. Filho da puta, ele por fim acabava de conseguir tê-la.

Endireitando-se bruscamente, meteu-a na ducha, ignorando seu ofego, esquecendo que não importava quanto o desejasse, quanto o quisesse, tinha chegado o momento da partida dela.

—Sempre estarei aqui – seus braços a envolveram, apertando-a contra seu peito enquanto manobrava para protegê-la com seu corpo da força da água. —Sempre, Kimber. Estarei aqui, neném, sempre que precisar de mim. De qualquer maneira que me queira. Estarei aqui.

Os braços dela se apertaram ao redor dos ombros masculinos, estreitando-se ferozmente contra ele, enquanto ele sentia o calor de suas lágrimas contra o peito. Deus certamente não tinha a intenção de que um homem suportasse esta dor. Ele suplicava piedade porque não podia chorar com ela.

Deixar a fazenda foi a coisa mais difícil que Kimberly teve que fazer em sua vida. Não imaginou que teria a força para fazê-lo. Não depois da noite passada. Não depois das realizações que tinha tido.

Mas o fez. Lançou sua mala no SUV(carro dela) onde Matthews estava sentado esperando-a. Outros se foram horas antes, impaciente por retornar ao escritório, entregar seus relatórios e dedicar-se a missões mais aventureiras. Kimberly não tinha sido capaz de partir tão facilmente.

Jared estava atrás dela em silêncio. Tinha-a visto fazer suas malas com expressão cansada e olhar turbulento. Mas ele não tinha feito nenhuma exigência, não tinha pedido nenhuma promessa, simplesmente a deixava ir. Relutantemente, ela poderia dizer, mas a deixava ir.

Kimber se virou para ele depois de fechar a porta traseira, e o olhou, dando-se conta de que a dor que sentia em seu peito era mais que só pesar. Era um oco, uma ferida profunda que temia que nunca sanaria.

—Lembre-se de avisar a Mãe quando chegar à cidade – disse ele brandamente. — Embora não lhe diga isso, ela se preocupa.

Kimberly assentiu sorrindo, embora com o coração destroçado.

—Será a primeira coisa que farei – ela prometeu.

—E não dirija muito rápido – grunhiu. — Matthews me disse que quase o matou de medo no caminho para cá. O homem tem uma família que alimentar, você sabe. Não ponha em risco a vida dele.

Ela poderia ter rido se não lhe doesse tanto tudo isso.

—E lembre-se, sempre terá um lugar aqui – ele finalizou. —Em qualquer momento, Kimber. Em todo momento.

Ela teve vontade de chorar ao ouvir a suavidade de sua voz.

—Jared... – Havia tantas coisas que ela queria falar...

—Não – ele moveu a cabeça com pesar, tocando sua bochecha em uma carícia tão ligeira, tão terna que ela sentiu que sua alma se estremecia. —Só lembre disso, neném. Você sabe onde estou se precisar de mim. Sempre.

Ela tinha que deixar de olhá-lo ou não poderia reprimir suas lágrimas. Como ia se afastar dele? Ela podia sentir que todo interior dela se rebelava contra sua partida.

—Vá – disse ele então. —Chegará tarde se você não partir agora.

Seus lábios tremiam ao se voltar para ele. Piscou com fúria para conter suas lágrimas, enquanto sua cabeça e seu coração relutavam quando o olhou.

Ela o amava. Podia sentir a emoção explodindo dentro dela, protestando violentamente contra a decisão de deixá-lo, de manter-se firme no voto que tinha feito tempos atrás.

—Eu quero... – ele a interrompeu pondo seus dedos nos lábios dela enquanto ele recuava ligeiramente.

—Não, Kimber – sussurrou. —Não faça que o te deixar partir seja impossível para mim. Ou para ti. Sempre haverá um amanhã. Não nos estamos dizendo adeus, lembra?

Ela lambeu seus próprios lábios sentindo que sua alma se despedaçava. Que Deus a ajudasse. Ele a amava. Podia vê-lo em seus olhos, nesse sorriso torcido cheio de dor que era só dela. Era só dela porque ele a amava.

Ela mal estava consciente de sua lamúria, mas não havia lugar à confusão sobre a força, a necessidade do corpo masculino quando a atraiu para ele, para abraçá-la forte contra seu peito, abrigando-a com seu corpo, enquanto que com uma mão sustentava sua cabeça.

—Me escute – grunhiu ele com ferocidade. —Não tem que dizer nada, Kimber. Não tem que fazer nada. Retorne quando precisar fazê-lo. Sabe que estarei aqui. Isto é tudo. Maldita seja, isto não é para sempre. Não deixarei que seja.

Lhe levantou a cabeça, introduziu os dedos em seu cabelo, destruindo a perfeição da intrincada trança que se foi feito minuciosamente. Mas ela não se importou. Ele a estava abraçando, seus lábios estavam sobre os seus, sua língua tomava posse de sua boca, apagando a destrutiva agonia que perfurava sua alma. Isto não era um adeus. Ainda não.

Tirou-a dos quadris, atraindo-a contra sua ereção, enquanto sua boca devorava a dela, seu gemido vibrando contra seus lábios e a fome que rugia entre eles começava a roer a resolução dela.

—Maldição, vais fazer com que eu me inflame aqui, na entrada da minha garagem, mulher. É este o exemplo que você quer que eu dê para meus empregados? – separou seus lábios dos dela, um débil indício de risada completamente falso saiu de sua boca enquanto a olhava. —Sou muito velho para isto, neném. Agora, saia daqui para que possa trabalhar.

Ele se afastou dela, rasgando o coração dela ao fazê-lo.

—Anda —sua voz era suave ao assinalar com a cabeça o jipe. —Te verei em breve.

Ela retrocedeu. Não podia afastar-se dele.

—Logo? —ela ouviu a súplica desesperada em sua própria voz.

—Muito em breve, neném – lhe prometeu ele. —Em qualquer momento que me necessite.

—E quando você precisar de mim? – perguntou-se ela em voz alta.

Ele se estremeceu. Uma sutil expressão de dor que a fez calar-se com o choro em sua garganta.
—Sempre precisarei de você, Kimber – lhe disse brandamente, com violência. — Sempre.

* * * * *

Ela afastou-se dele. Foi embora. A cada passo que dava sentia que a dor crescia, que o conhecimento pesava em sua alma. Estava tomando a mesma decisão que tinham tomado cinco gerações de mulheres antes que ela. Estava escolhendo o passado em lugar do futuro.

Quanto mais se afastava dele, mais podia compreender o que acontecia. Durante um ano ele tinha debilitado de maneira constante sua resolução, tinha-lhe mostrado a risada, a paciência e uma fome que ela não sabia que podia existir. Tinha preenchido seus sonhos, tanto acordada como adormecida e ele remodelou sua visão de si mesma.

—E agora? – perguntou em voz alta, sem disposição de segurar a dor, incapaz de suportar a separação em silêncio.

—Só você pode responder a isso, Kimberly – Matthews lhe recordou que não estava sozinha e que o resto do mundo não estava cego. —Ele é um bom homem. Espero que saiba disso.

Ela passou os olhos sobre ele, vendo a compaixão e a simpatia em seus olhos.

—Ele é o melhor – disse lentamente e voltou os olhos para a estrada, apertando o volante.

—Meu pai sempre dizia que algo pela que vale a pena esperar, vale a pena ter – disse ele filosoficamente. — Acredito que terá que verificar por si mesma, não?

Valia a pena esperar por Jared, mas por que motivo? Ela sacudiu sua cabeça enquanto observava o caminho, calculando os quilômetros que a separavam da fazenda e do homem que a esperava aí. Valia a pena esperar por ele. Mas e por ela?

Capítulo 17

Briar Cliff. Uma semana depois, Kimberly voltou pelo longo caminho de entrada que conduzia à majestosa fazenda da Pennsylvania. Carvalhos enormes beiravam o caminho pavimentado, fundindo um desenho malhado de luz de sol e sombra sobre o escuro caminho. Tinha-o achado confortante alguma vez, os acolhedores ramos estendidos sobre o caminho, abraçando cada chegada. Agora, ela o encontrava opressor, reprimido.

Arrastada para o longo caminho circular, Kimberly tomou fôlego profundamente enquanto tentava controlar as emoções que a afligiam. Não tinha voltado para a casa em que tinha crescido desde a morte de sua mãe. As condições do testamento lhe teriam permitido viver ali; seu pai o teria preferido porque ele não podia continuar residindo ali sem ela. O qual tinha sido um dos principais motivos pelos que ela tinha recusado ficar.

Doía recordar o passado. Durante anos tinha tentado bloquear as lembranças, tinha tratado de evitar voltar a viver a dor e o medo que conheceu quando menina. Evitar recordar a sua mãe, tão débil e frágil, aconchegar-se em um canto, seus braços rodeando seu corpo enquanto as lágrimas se derramavam por seu rosto.

Sacudiu a cabeça. Não estava aqui para recordar, embora de algum modo sabia que era impossível de se escapar.

Abrindo a porta de seu gasto carro, deu um passo fora e olhou fixamente ao redor com uma sensação de déjà vu. Podia ouvir sua risada infantil, a voz de sua mãe que lhe chamava, cheia de diversão e... amor?

Kimmie, sabe que seu pai não gosta que suba aquela árvore. Era isso risada? Seu peito se apertou com a lembrança do orgulhoso tom da voz de sua mãe. Tinha soado como desafio. E Kimberly o tinha aceito como tal.

Minha doce Kimmie, não se preocupe, neném, não deixaremos que o carrancudo do papai arruíne nossa diversão, neném...

Não tinha havido amor em sua voz, tinha sido satisfação.

Ela sacudiu sua cabeça com ferocidade. Era por isso que ela nunca havia tornado? Por isso cada vez que tinha planejado voltar para Briar Cliff algo dentro de lhe tinha feito mudar de idéia, sempre havia algo mais importante para fazer.

Colocou sua mão no bolso da calça e tirou a chave que levava ali. Abriria as portas de Briar Cliff, e das lembranças que tinha lutado por conter durante mais tempo de que pensava.

A ampla porta de carvalho de dois batentes se abriu facilmente. Não houve rangidos ou hesitação quando se balançaram sobre suas dobradiças bem engraxadas.

Kimmie, isto é tudo seu. Tua e de sua filha e da filha de sua filha. Não deixe que ele tome, Kimmie. Nunca...

Ela tinha seis anos, estava de pé no vestíbulo depois de outra das saídas furiosas de seu pai. Sua mãe estava em lágrimas, seus ombros subiam e baixavam com soluços, seus olhos verdes sombreados pelo sofrimento.

Ficou parada no mesmo vestíbulo de mármore, olhando fixamente ao redor, vendo mais o passado que o carvalho que brilhava e a madeira de teca, ou as antigas mesas de corredor e cadeiras forradas, ou as caras decorações de cristal.

Mais de dois séculos de dedicação à majestosa casa tinham feito de Briar Cliff um fonte para si mesmo. Era bastante simples, em seu conjunto, mas não tinha preço. O testamento estabelecido seis gerações atrás se assegurou de que não houvesse nenhuma venda, nenhuma possibilidade de hipotecas, ou de perda. Isto tinha aumentado seu valor geração após geração.

Mas as antiguidades e as bordas de madeira delicadamente esculpidas estavam somente espiando. Kimberly nunca tinha visto Briar Cliff como uma herança, tinha sido sua casa. Mas agora o via, sentia-o como algo mais. Não era uma casa. Não era uma herança. Tinha sido uma maldição.

Moveu-se devagar pela casa, quarto por quarto, as vozes do passado que ela não queria lembrar vertiam sobre ela.

Deus te amaldiçoe, puta estúpida. Tudo o que te pedi era que fizesse o papel de anfitriã, não de prostituta...

Você maldita cadela, ele se foi... Me ouviu? Ele partiu. Tomou o dinheiro que seu pai lhe deu e correu. É tão malditamente estúpida que não pode recordar que ele não te queria...

Kimberly quis cobrir seus ouvidos, mas não havia nenhum bloqueio às memórias.

As lágrimas de sua mãe, seus gritos de clemência, e a voz de seu pai, cortante e cheia de fúria enquanto permanecia de pé sobre o corpo encolhido de sua mãe.

De quem quer que ela seja?

Kimberly se estremeceu. Como tinha podido esquecer isto? Ela tinha sete anos, e tinha estado escondida fora do salão, tremendo de medo, aterrorizada de que seu pai realmente fizesse mal a sua mãe.

Recordou a voz de sua mãe, gaguejava por embriaguez, orgulhosa e divertida.

Sua mãe não tinha estado chorando. Kimberly estava parada fora do salão agora, olhando fixamente o quarto sombreado, e vendo os fantasmas que tinha sido.

Maldita seja, é uma puta mentirosa, não acreditaria em você não, ele tinha gritado. Ela é sua filha. Sua. E provavelmente tão depravada e pervertida como você sempre foi...

O que tinha feito sua mãe?

Ela se moveu devagar pela casa, quarto por quarto. O salão, o comilão. Em cada área ela voltou a viver as brigas, os gritos, as lágrimas de sua mãe, as palavras orgulhosas e vingativas que enlaçava com seus soluços amargos.

Ele me amava... Ao menos ele me amava...

Por Deus, o bastardo tomou o dinheiro de seu pai e partiu. Está tão insana que esqueceu disso... Ele não te amava, cadela, ele te usou...

Eu poderia haver te amado...

Nunca quis seu amor, puta... Mas a voz de seu pai tinha sido amarga, furiosa... ferida.

Seu quarto. Seu refúgio. Um quarto que seu pai nunca tinha posto um pé. Sua cama ainda estava ali. A ampla, branca abóbada de renda. Era um quarto feito para uma princesa.

Lembre, Kimmie, será livre... Será livre por nós duas, Kimmie...

Cada noite sua mãe lhe tinha sussurrado aquelas palavras até seus dez anos, até que seu pai pôs um fim. Ele tinha enviado Kimberly longe, à escola. Uma exclusiva escola de garotas que com eficácia tinha colocado uma distância entre ela e a mãe que a tinha criado. E que tinha criado um ódio pelo pai.

Por que ela não tinha lembrado disso?

Saiu de seu quarto, caminhou pelo longo corredor, para o quarto onde sua mãe tinha dado seu último suspiro.

Eu estava errada... De tantas coisas... sua mãe tinha ofegado naquele último dia. Não cometa meus erros, Kimmie, me jure que não cometerá meus erros... Eu queria você livre, Kimmie... queria você livre...

Livre do que? Livre de seu pai ou de Briar Cliff?

Cada quarto que visitava era da mesma maneira. Uma mescla interminável de lembranças que inundavam sua mente e seu coração.

Na biblioteca, as paredes estavam forradas com os retratos de todos os que haviam possuído Briar Cliff. Dos primeiros, Horace e Catherine St. Montrose. A primeira família de Briar Cliff. dizia-se que Catherine tinha sido uma criatura de sexualidade, uma mulher tão cômoda com seu corpo e seus desejos femininos como o era com a riqueza que tinha herdado de seu pai, um Lorde do reino inglês. Ela e seu marido tinham construído Briar Cliff.

Sua filha mais velha, Elizabeth St. Montrose Michaels e seu marido, Hugo, tinham as mesmas expressões felizes e contentes dos primeiros dois. Os retratos ordenados ao redor do quarto exsudavam risada, satisfação nos olhos daqueles habitantes até que chegou à Tabitha Elizabeth Montageau e seu marido, Diego Santiago. Havia amargura

ali, nos profundos olhos negros de Tabitha, nos contornos cansados de seus lábios. Havia uma tristeza em seu rosto só acentuada pela arrogância auto-suficiente de seu marido.

Tinha sido Tabitha quem tinha estabelecido o testamento. A que tinha interrompido com bom grado a regra da propriedade inteira para a filha primogênita e tinha posto as restritivas condições sobre a herança. Tinha sido ela, muito provavelmente por decisão de seu marido, quem decidiu que os desejos que as mulheres de sua genealogia possuíam eram depravados e pervertidos e que precisavam ser extintos.

Ela tinha condenado a sua filha e a todas as que vieram depois dela a uma vida de restrição e dor. E Kimberly tinha sido a última esperança de sua mãe de romper o ciclo. O testamento terminava em somente mais cinco anos. Mas esperando, dando as costas ao que tinha visto nos olhos de Jared, o que ela estaria ganhando? E o que estaria perdendo?

O amor aguentaria. Se Jared a amava, se realmente a amava, esperaria. Ele teria que esperar. Tinha-o visto em seus olhos, tinha-o ouvido em sua voz. Faria aquele sacrifício por ela. Mas com que fim?

Vagou por volta da despensa de carvalho fechada da que lhe tinham dado a chave seis anos atrás. Sabia o que continha, mas nunca tinha tido coragem para abri-la. Cinco gerações de periódicos e diários. Descrições das vidas, os amores e, sabia, a dor que as mulheres de Briar Cliff tinham suportado.

Devagar, tirou a chave de seu bolso e abriu a porta a um passado que tinha jurado que nunca visitaria.

Capítulo 18

Papai jurou que Matthew Timmons me salvará dos demônios da luxúria que são a maldição de meu nascimento. Farei o que ele me ordenar, mas meu coração se rompe, já que sei que nunca verei outra vez meu querido Daniel ... Sarah Santiago. Ela tinha sido a filha primogênita de Diego e Tabitha.

Papai tinha razão. Sou amaldiçoada. Minhas necessidades femininas me atormentam tanto dormindo como acordada. James se sente repelido por minha simples presença, é obvio. Não posso culpá-lo por isso. Sou uma desgraça para minha família ... Samantha Fieldings. Seu marido tinha sido James Fieldings, um líder religioso e honrado líder da comunidade então.

Que Deus me salve. Casei-me com Davis Eldon como Papa ordenou. O que fiz? Eu recusei a oferta do amor de minha vida. Uma vida de felicidade, de tudo o que eu sabia que deveria ter sido meu, e para que? Para o sofrimento que agora padeço. O que eu fiz? Meu coração se rompe por meu amor verdadeiro. Minha alma dói... Elissa Fieldings Eldon.

Eles podem me fazer casar como querem, para satisfazer os termos deste absurdo Testamento. Mas não podem me fazer sofrer. Grayson pode ser a escolha de meu pai, mas é seu irmão, Lawrence, a quem meu coração e corpo pertencem. Não sofrerei o destino daquelas antes de mim. Conhecerei o amor, embora seja somente na escuridão da noite e nos protetores braços da decepção... Karen Eldon Marshal.

Se somente eu fosse tão forte como meus pais. Eles amaram, eles riram, e eles conheciam ao menos uma pequena medida da felicidade. O homem que amei, minha preciosa Kimmie, não direi seu nome. Ele não era seu pai, ele nunca foi meu amante, e tal como seu pai era propenso a me recordar, ele preferiu o dinheiro. Sou muito fraca, e sei que não sobreviverei a esta doença. Se eu morrer, então Briar Cliff e sua vigilância recaem sobre ti. Tudo o que as mulheres de nossa família sonharam recai sobre seus ombros, minha preciosa filha. Você pode ter tudo isto. Pode ser todo teu, como se supõe que deveria sê-lo. Mas para que? Você está herdando gerações de dor, cólera, decepções e lágrimas. Isto é realmente uma maldição, e rezo para que você rechace. Ame, Kimmie. Ria. Deixe seu coração ser livre e seu corpo ser só teu. Uma casa, não import o quão bela, ou o quão inestimável que seja, não ocupará nunca o lugar dessas coisas.

Espero que você esteja lendo este diário e que tenha lido a aquelas que foram antes, agora que eu mesma morri. Espero que os anos que passaste longe desta casa, de mim, tenham-lhe dado uma oportunidade para te fazer forte, para te separar da maldição que esta casa traz.

Tantos anos em que recusei dizer a seu pai a verdade que ele freqüentemente me suplicava. Ele queria só saber que você era sua verdadeira filha, e, em meu egoísmo, o neguei. Dou-me conta agora, quando o final se aproxima, de que te deixo sozinha onde antes eu tinha pensado ver você triunfar. Deixo-te sozinha. Sem o pai que possivelmente te teria tratado com bondade se eu não tivesse colocado a cunha entre vocês dois.

Sofro agora por meu egoísmo. Não, não eu, já que morrerei. Mas vou sabendo que nunca descansarei, porque você sofrerá agora.

Briar Cliff é a maldição, Kimmie, não seus desejos ou sua feminilidade ou seu gentil coração. É este imóvel, e o passado que amaldiçoou a todas nós... Claire Marshal Madison. Isto estava datado uma semana antes de sua morte.

Quando Kimberly ergueu os olhos do final do diário viu que a noite tinha alcançado a casa. A luz ao lado dela brilhava surpreendentemente, um só ponto de iluminação no interior que enfatizava a escuridão que rodeava não só o imóvel, mas também sua alma.

Ela tinha estado fora, no colégio, quando sua mãe ficou doente, e não a tinham chamado a casa até o último momento. Tinha acreditado durante muitos anos que tinha sido decisão de seu pai mantê-la sem saber da saúde de sua mãe. Mas agora conhecia a verdade. Tinha sido sua mãe.

Ambos a tinham enganado, tinham-na usado como uma arma, um contra o outro até que não tinha ficado nada da menina em seus olhos. Tinha sido uma espada e tinha sido a que tinha sofrido.

Quis gritar, rabiá, destruir a casa tijolo a tijolo até que nada ficasse da agonia que ressonava por seu corpo. Não queria nada mais que apagar as lembranças de um passado que nunca deveria ter existido.

Estava chorando. Limpou suas bochechas enquanto fechava o diário e o punha ao lado daqueles que tinha olhado antes. Olhou fixamente ao redor da biblioteca. Séculos de livros adornavam as prateleiras e Kimberly sabia que muitos mais estavam no armazém. Livros pelos que os museus salivariam. Em cinco anos, seriam dela. Tudo seria dela.

Sacudiu sua cabeça cansativamente enquanto se levantava da cadeira, olhando fixamente a seu redor ao mesmo tempo que as lágrimas continuavam molhando suas bochechas. Tinham-lhe negado a sua mãe, tanto quanto à seu pai, por culpa deste lugar. As cicatrizes de sua alma que seus pais lhe tinham provocado durante seus primeiros anos nunca desapareceriam completamente. Nunca esqueceria que o ódio de seu pai pelo que sua mãe tinha feito se estendeu a ela. Nunca esqueceria que a mãe a quem ela tinha amado, em que tinha confiado e tinha acreditado, também a tinha usado.

Mas era ela algo melhor?

Tinha sacrificado sua vida, seis longos anos, às linhas de batalha que tinham sido traçadas seis gerações antes.

Ela tinha se afastado de Jared.

Um soluço destroçou seu corpo, tremendo através dela como uma dor que se instaurava em seu peito. Um estalo de agonia, de interminável pena a sacudiu, fazendo que sua respiração se entupisse em seu peito enquanto um baixo e atormentado gemido escapava dela. Enroscou-se em si mesma, rodeando-se com os braços o estômago enquanto sussurrava o nome dele.

Deus, doía. Estendeu-se através dela, ressonando em sua alma e abrindo de par em par a porta que tinha fechado seu coração fazia tanto tempo. Inclusive antes de saber as condições do Testamento. Antes de que seu pai tivesse exigido os exames. Fechou-se a qualquer possibilidade de desgosto ou dor para assegurar que o que sua mãe tinha passado nunca aconteceria com ela.

Ela tinha determinado nunca amar. Mas Jared enfiou-se sigilosamente em seu coração com seu sinuoso sorriso e seus olhos tempestuosos. Sua determinação e sua pura presença masculina tinham derrubado a última de suas barreiras e a tinha marcado para sempre.

Não tinha havido ciúmes quando ele a encontrou no Clube. Houve só ardente calor e fome devastadora. Ele tinha satisfeito cada desejo seu no rancho, lhe dando o presente de seu toque, seu amor tácito, seu desejo... E nunca tinha exigido dela mais do que ela tinha pensado que poderia dar.

—Kimberly, você está quebrando meu coração – a voz dele flutuou sobre seus sentidos, uma fábula de sua imaginação, uma condenação por afastar-se dele?

—Neném, não pode chorar desta maneira, ficará doente.

Ela se sacudiu pela surpresa quando sentiu que as mãos dele agarravam seus ombros e a atraíam para frente. Seus olhos se abriram de repente e ali estava ele. Seu olhar de um milhão de sombras de cor cinza, as linhas que circundavam sua boca, sua expressão de sofrimento enquanto a atraía a seu peito.

—Jared... – ela gritou seu nome, estendendo suas mãos para ele, lhe agarrando enquanto ele a rodeava com seus braços, abraçando-a ao tempo que se levantava para poder içá-la antes de sentar-se em seu lugar na cadeira.

Ela se acalentou em seu colo, com sua cabeça enterrada em seu pescoço enquanto ele a acalmava. Suave, palavras interrompidas, com uma voz rasgada pela emoção.

—Neném, está bem – sussurrou ele em seu ouvido antes de dar suaves beijos ao longo de sua fronte. —Está bem, Kimber. Já não estará sozinha nunca mais.

Ele tinha prometido que sempre estaria ali, e agora, quando ela mais o necessitava, ali estava. Sustentando-a, seus braços protegendo-a, seus beijos acalmando a ferida aberta que tinha crescido em sua alma.

—Por que está aqui? – ela tratou de conter as lágrimas, mas estas recusaram ser mantidas a raia.

Jared suspirou asperamente.

—Minha mãe me avisou quando você foi ontem à noite pegar a chave. Estava preocupada com você.

Kimberly assentiu nervosamente. Carolyn a tinha olhado muito atentamente e Kimberly sabia que não havia nenhuma maneira de ocultar as evidências das noites cheias de lágrimas que tinha passado desde que deixou a fazenda.

Estava ferida de dentro para fora. Não podia dormir pelos sonhos com Jared, não podia passar um dia sem que seu nome saísse de seus lábios. Sem parar de chorar por tudo o que tinha abandonado.

—Não o quero – sussurrou finalmente. —Este lugar. Esta herança, Jared. Não posso... não a quero.

Sentiu-o ficar tenso, sentiu que seus braços se apertavam ao redor dela.

—Cinco anos não é tanto tempo... – ela ouviu a dor em sua voz, ouviu todas as necessidades que ela sentia na alma dele.

Elevando a cabeça, levantou sua mão e colocou seus dedos contra os lábios dele, que a olhava silenciosamente, embora seus olhos cintilavam pela emoção.

—Não pedirei promessas – ela sussurrou. —Não as quero. Ainda. Mas necessito isto, necessito-te agora. Assim. Seu sorriso, Deus, ela amava seu sorriso, inclusive coberta por seus dedos como o estava.

—Eu lhe disse – grunhiu isso ele asperamente. — Estarei aqui, Kimber, sempre e quando você precisar de mim. Isto não é uma promessa. É um fato.

Ele a puxou contra seu peito, colocando sua cabeça sob seu queixo enquanto as lágrimas finalmente cessavam.

—Só descanse, neném – disse ele então. —Aqui mesmo, em meus braços. Só me deixe te segurar...

A noite passou, mas mesmo assim Jared nunca a libertou. Falaram em calmos sussurros, e ele escutou em silêncio enquanto lhe falava de sua infância e de seus solitários anos no internato.

Ele riu com ela quando lhe contou as travessuras que freqüentemente fazia às irmãs que dirigiam a escola. Abraçou-a mais apertadamente quando lhe explicou os castigos que considerava justos pela diversão que tinha conseguido ter naqueles anos. E a balançou meigamente quando lhe explicou o horrível acontecimento de chegar a casa umas horas depois da morte de sua mãe.

Finalmente, seus olhos se fecharam cansadamente e o sono a reclamou. E Jared ainda a sustentava, olhando-a meigamente, com seu coração rompendo-se pela solidão que ela tinha suportado enquanto sua alma jurava que nunca a conheceria outra vez.

Jared a conduziu a sua casa na manhã seguinte depois de conseguir que alguém levasse o carro dela atrás deles. Sustentou sua mão durante a longa hora que durou o trajeto, permitindo ir em silêncio até que chegaram à entrada de sua casa.

Kimberly contemplou a pequena casa de tijolo, dando-se conta de que tinha sido mais um lar para ela nos últimos seis anos do que Briar Cliff alguma vez tinha sido.

—Entre comigo – sussurrou.

Não queria deixá-lo ir. Não queria confrontar a solidão que a esperava.

Jared suspirou cansadamente enquanto elevava a mão dela para seus lábios, colocando um suave e destrutivo beijo no centro de sua palma.

—Eu não tenho muito controle hoje, neném – sussurrou. —Não acredito que nenhum de nós o tenha.

Ela girou sua cabeça, vendo em seu exausto rosto as mesmas necessidades que queimavam seu corpo.

—Não peço seu controle, Jared – sussurrou. —Não o quero...

Ele sacudiu a cabeça, parando a vazão das palavras dela.

—Não, Kimber – replicou ele fragilmente. —Não te deixarei tomar esta decisão enquanto suas emoções estiverem em farrapos. Vá para dentro e descanse. Eu te verei em algumas noites, eu prometo.

Ela poderia ter discutido com ele, poderia ter o pressionado mais, e ela sabia eventualmente, que ele se renderia. Mas se o fizesse, ele nunca estaria certo de que a decisão que ela tinha tomado na parte mais profunda da noite tinha sido com seu coração ou com sua dor.

Assentiu devagar.

—Eu esperarei por isso.

Ele sorriu de um jeito especial.

—Você não será capaz de me manter longe.

Ele se inclinou para ela, seus lábios tocaram os seus, sua contenção era evidente nas tensas linhas de seu rosto e no obscurecimento de seus olhos.

—Logo – sussurrou ela, afastando-se apressadamente do carro.

Ela tinha uma entrevista que fazer, e estava mais que ansiosa por terminá-la e começar a vida que rezava estar esperando por ela.

Ela o enfrentou, seu pai, o Senador Daniel Madison, nos escritórios de Caruthers, Brickley e Morton, os advogados do Estado que tinham administrado o Testamento de Briar Cliff desde o começo. Na realidade, tinha sido o primeiro Caruthers quem tinha redigido o testamento original. Era seu bisneto, Caruthers IV quem agora a encarava na ponta da antiga mesa de conferências de madeira de cerejeira.

Frente a ela se sentavam seu pai e o advogado Brickley. Morton se sentava no outro extremo com um estenógrafo a seu lado

—Deixe-me ver se estou correto, senhorita Madison, você está rescindindo toda reclamação sobre Briar Cliff, com efeitos imediatos? – perguntou Brian Caruthers severamente. —Não é uma decisão para se fazer superficialmente, minha jovem. É de séculos de conservação de que estamos falando. Uma herança que qualquer um se orgulharia.

—Orgulhosa do que? – ela lançou um olhar ao advogado antes de voltar seu olhar à cara silenciosa de seu pai. —Suportei um exame físico cada três meses para provar minha elegibilidade para manter Briar Cliff. Minha vida, cada um de meus movimentos, está sob escrutínio. Não sinto nenhum orgulho por Briar Cliff. —Já o havia dito.

Viu os olhos de seu pai alargar-se ligeiramente antes de estreitar-se em censura.

—Ela obviamente deve ter quebrado as condições e não quer admiti-lo – finalmente disse ele.

Kimberly sorriu tristemente. De algum modo, ela sabia que essa seria sua primeira defesa. Colocou a mão na pasta que levava e tirou o relatório do médico.

—Encontrei o doutor Morgan a primeira hora desta manhã– disse brandamente. —Aqui estão os resultados dos testes.

Deslizou o papel através da mesa. Sabia o que dizia. O hímen estava ainda intacto.

Ele passou o papel ao advogado a seu lado.

—O que está tramando? – grunhiu, seus olhos acusando, censurando. —Um ano atrászombou da minha cara e jurou que eu nunca viveria uma noite em «sua» casa, como a chamou.

Kimberly respirou profundamente enquanto olhava ao homem que deveria ter estado em sua graduação e não o tinha feito. Que deveria haver-se preocupado a primeira vez que foi ferida durante uma missão, mas não o tinha feito. O homem que deveria ter compartilhado suas alegrias e seus medos, e entretanto nunca o tinha feito.

—Desejaria que me tivesse dado a chance de te amar – sussurrou, ignorando o assombro em seu rosto. —Desejaria que a herança não tivesse estado entre nós, e que sua própria moralidade e crenças não tivessem corroído o que poderia ter sido, Pai. Desejaria que eu pudesse ter sido a filha que necessitava, em vez do instrumento de vingança em que você e mamãe me converteram.

Ele empalideceu. Ela viu sua escura expressão branquear-se e sacudiu a cabeça com cansaço.

—O Testamento termina em cinco anos, senhorita Madison – lhe recordou Caruthers. —Algo que tenha motivado esta decisão certamente pode esperar esse tempo.

Fazer Jared esperar? Ela não tinha essa paciência.

—Tenho uma vida que planejar – disse firmemente. —Briar Cliff não será uma parte dela, porque depois de esta noite, nunca mais passarei outro desses estúpidos exames – apontou com seus dedos em direção ao relatório. —Cinco anos é muito tempo para esperar a lhe dizer que lhe amo.

—Não! – A mão de seu pai golpeou imperativamente contra a antiga e polida superfície da mesa, a explosão ressonando pela da sala enquanto Kimberly se estremecia pela fúria do som. —Não te permitirei tomar uma decisão tão tola. É Jared, não é? – Espetou o nome, seus olhos perfurando-a com sua cólera. —O pequeno bastardo de algum modo te corrompeu...

—É suficiente – Kimberly se levantou, empurrando sua cadeira para trás enquanto confrontava a seu pai com sua própria cólera crescente. —Você o tem, Pai. Tudo. Se contente com isso.

—Não te deixarei fazer de puta para ele e seus amigos – ele se levantou também. —Pensa que não sei que ele pertence a aquele clube depravado? – cuspiu. —Que não estou informado de suas práticas, de seu estilode vida. Está louca, moça?

Ela levantou seu queixo, olhando-o fixamente com uma força que nunca tinha sabido que possuía. A raiva dele sempre a aterrorizava; suas palavras ásperas nunca tinham falhado em cortar seu coração. Agora, só sentia dor, só piedade por ter chegado a isto.

—Não, finalmente encontrei minha lucidez – disse brandamente. —Pode você me enviar os papéis por correio, senhor Caruthers – informou ao advogado. —Meu tempo aqui terminou – se voltou para seu pai, permitindo que seu pesar, que toda uma vida digna, enchessem seu rosto e sua voz. — Adeus, Pai.

Afastou-se da mesa, dirigindo-se à porta, para a liberdade. Podia sentir seu coração mais leve, sua alma ficando mais iluminada com cada passo que dava.

—Kimberly – a voz de seu pai a deteve enquanto abria a porta, imperativo, exigente.

Voltou-se devagar, vendo as coisas das que não se deu conta antes. Seu pai tinha envelhecido nos seis anos passados. Tinha só cinquenta, mas parecia muito mais velho, mais amargurado do que ela recordava.

—Se sair por essa porta o perde tudo – lhe recordou ele. —Tudo.

Ela sorriu com cansaço.

—Não, Pai. Ganho – disse simplesmente.

Ele se mofou devagar.

—É igual a sua mãe.

Kimberly ignorou a dor no insulto implícito.

—Não, não o sou – respondeu devagar. —Sou mais forte que ela. Sou mais forte do que vocês dois foram, porque não estou disposta a vender minha alma por um pedaço de terra que nem me manterá quente de noite, nem me amará em troca. Diferente de você e de mamãe, não estou disposta a dar as costas ao amor por um bem material. Isso era sua maldição, não será a minha.

Partiu antes de que ele pudesse responder, antes de que ele pudesse lançar os insultos que ela podia ver reunindo-se em seu rosto. Saiu dos escritórios a um dia cheio da luz do sol e de esperança e correu em direção ao seu futuro.

Capítulo 20

Ele estava esperando-a quando ela chegou. A mãe dele lhe tinha chamado para lhe transmitir a fúria de Daniel quando voltou do escritório dos advogados. Havia dito que o Senador tinha expressado desagrado friamente, mas Jared tinha percebido mais que isso na voz de sua mãe.

—Deveria eu chegar depois da senhora, mãe? – perguntou cuidadosamente, com crescente preocupação.

—Não, querido. Daniel não é um homem violento. Mas eu tampouco me sinto muito satisfeita com ele neste momento – respondeu, com uma veia de irritação. —Cuide de Kimberly. Ela renunciou a Briar Cliff por você. Espero organizar o casamento de vocês, é claro. E isso terá ser em mais do que poucas semanas, rapaz. Ao menos espere seis meses. Eu mereço isso. Você esperou tempo suficiente para encontrar a mulher que faz que seus lábios se curvem no mesmo sorriso que seu pai sempre esboçava comigo – sua voz se tornou nebulosa com as lembranças, embora ele não tinha nenhuma idéia do que ela estava querendo dizer. —Lhe Apresente meus melhores desejos, eu verei a ambos logo.

Ele tinha desligado o telefone e esperado. A noite tinha caído fazia mais de uma hora e ele ainda estava de pé na varanda, com o coração no peito e a garganta apertada com o conhecimento de tudo ao que ela tinha renunciado por ele.

Tinha renunciado a um patrimônio estimado em milhões. Mais do que alguma vez obteria em sua vida, mais do que tinha sonhado que seu amor significava para ela. Ela só teria tido que esperar cinco anos e ele teria estado ali a seu lado. Lhe teria dado esse tempo.

Tudo isso era apavorante e humilhante para ele, por tudo que ela tinha desistido por ele.

Finalmente, quando começava a convencer-se de que ela tinha mudado de opinião, viu as luzes do jipe que começavam a aparecer a um quarto de uma milha de distância. E de repente, ela estava ali. Tudo dentro dele respondeu a aquela visão. Seu peito se encolheu de emoção, e seu ereto pênis palpitou agradecido. A maldita coisa não se relaxou desde que ela tinha saído pela porta mais de uma semana atrás.

Manteve sua posição na varanda, com os braços cruzados sobre o peito, enquanto o jipe avançava para o caminho da garagem e dava a volta pela via de manobra. O motor apenas se apagou quando a porta se abriu e ali estava ela.

Seu cabelo longo, vermelho dourado, ondulou a seu redor, solto, tão selvagem como a paixão que ardia dentro dela. Estava vestida de forma singela, com roupas que ele imaginou que não lhe levaria mais de seis segundos se separar de seu corpo. Um ligeiro vestido do verão de uma suave cor nata e sandálias de couro. Quatro segundos no máximo, calculou.

Moveu-se lentamente para ele, subindo para a varanda, com os olhos escurecidos de emoção.

—Eu te amo – sussurrou. —Não posso esperar, Jared. Não importa o que custar. Não importa por quanto tempo me deseje, não posso esperar.

Ele aspirou o ar forte e decididamente ao mesmo tempo que desviava o olhar dela. Não podia dizer o que tinha que dizer enquanto contemplasse aqueles lindos olhos.

—Posso aliviar o desejo que sinto por ti sem este sacrifício...

—Não – as lágrimas espessaram sua voz enquanto a dor ressonava nela. —Já tentamos isso, Jared, e só o ficou pior. Não entende? Não é a necessidade de liberação. Não é a excitação. É você. Somente você. Preciso tudo de você, não somente um pouco... o preciso tudo de você. Você me ama, Jared. Sei que me ama. Tem que fazê-lo.

Virou-se para ela, a tormenta emocional que rugia dentro dele era tão desconhecida como as lágrimas que enchiam os olhos dela.

—Te amar? – perguntou asperamente. —Não, Kimberly. Isto não é amor. Isto é uma parte de minha alma que se rasga cada vez que devo deixá-la ir. Mas por Deus que não permitirei que renuncie a tudo aquilo pelo que esteve lutando desta maneira. São só cinco anos.

Ela negou lentamente com a cabeça, com uma solitária lágrima caindo do olho dela, e lhe rompendo o coração.

—Cinco anos nos que posso me sentir aquecida a seu lado. Cinco anos nos que posso rir contigo, nos que posso te amar. Cinco anos contra algo que era o sonho de minha mãe, mas não o meu. Quero a você e não à maldição em que se converteu a herança.

Deveria ter discutido muito mais, pensou ele. Deveria lhe haver feito ver exatamente a que estava renunciando, mas não podia lutar mais contra sua necessidade de abraçá-la, de beijá-la. Sua necessidade de abrigá-la e escutar os gritos que tinha a intenção de provocar nela ao fodê-la.

Estendeu a mão, seu corpo clamando por tomá-la e tomá-la até que estivesse tão satisfeito que caísse de exaustão. Mas nada poderia igualar a necessidade que tinha de dar até que visse seus olhos encher-se de felicidade, de satisfação.

Seus dedos acariciaram sua bochecha gentilmente.

—Mas esteja certa – sussurrou. —Por que nunca te deixarei ir, Kimberly. Ter que deixá-la ir novamente mataria um pedaço de minha alma.

Sua mão cobriu a dele, pressionando-a contra seus lábios e acariciando com eles sua palma com um toque de borboleta.

—Tenho que te atar e te violar, Jared? – perguntou com uma risada chorosa. —Ou vai me atar e me amar?

—Sem ataduras – prometeu ele enquanto seus braços a rodeavam, arrastando-a contra seu peito. —Tão somente você e eu, Kimber. Você e eu e os fogos que vão explodir ao redor de nós.

Kimberly ofegou ao sentir o calor e o fogo do corpo de Jared enquanto a levava para dentro de casa e subia as escadas em direção a seu dormitório. Ele não estava exatamente andando; seus movimentos eram muito rápidos, muito satisfeito com o propósito para ser passos tranquilos. Mas tampouco se precipitou.

Os lábios dela se moveram para seu pescoço enquanto ele levantava a vista para as escadas. Seus dentes mordiscaram sua carne, enquanto sua língua acalmava a dor ao mesmo tempo que um grunhido quebrado saiu dos lábios dele. Ela queria lhe dar o prazer que sempre lhe tinha dado. Quis consumi-lo, quis derreter-se tão profundamente em seu corpo que nunca tivesse que preocupar-se de ser afastada novamente dele.

Finalmente, ele abriu caminho para seu dormitório e a deitou sobre a cama enquanto fixava seu olhar nela, seus olhos cinzas turbulentos com as sombras cinzentas que formavam redemoinhos colorindo-os.

Ela se apoiou sobre seus cotovelos, observando como se despia. Rasgou a roupa de seu corpo, deixando-a cair descuidadamente sobre o chão até que cada polegada dura e musculosa se revelou a seu ávido olhar.

—Você gosta de muito esse vestido? – grunhiu então.

Ela deu uma olhada no vestido com surpresa.

—É somente um vestido.

—Bom – ele a alcançou, suas mãos agarraram o decote e diante de seus assombrados olhos, rasgou o tecido do vestido de seu corpo.

A risada borbulhou dentro dela e teria escapado de sua garganta se ele não houvesse coberto seus lábios com os seus, caindo sobre ela enquanto pressionava suas costas contra a cama, suas pernas pressionando exigentemente entre suas coxas.

—Não sei quanto tempo posso esperar – sussurrou no meio do beijo. —Estou morrendo por você, Kimber. Estou tão malditamente faminto de ti que me sinto tão desajeitado como um juvenzinho inexperiente.

—Nunca desajeitado – ofegou ela quando suas mãos rodearam seus seios um segundo antes de que seus lábios se movessem para seus duros e doloridos mamilos.

Pontos de sensações de entusiasmo começaram formigar sobre seu corpo enquanto a boca dele cobria uma das inchadas pontas. A boca dele a sugou com uma fome que ela não poderia haver imaginado. Acreditava conhecê-lo em sua maior paixão, sua maior excitação, mas tinha se equivocado. Este era Jared, rude, descontrolado, mas não menos intenso ou poderoso por isso.

Sua cabeça caiu para trás sobre a cama enquanto movia as mãos sobre os ombros dele, sua cabeça, acariciando os curtos fios de seu cabelo. Desejava, não, precisava tocá-lo. Tinha que sentir os volumosos músculos de seus ombros, sustentar sua cabeça enquanto ele sugava seu seio, deixando-a louca de prazer.

Quando seus lábios começaram a mover-se mais para baixo, sua língua lambendo sua carne, arqueou-se contra ele, sabendo que da mesma maneira que os fogos dentro dela começavam a arder fora de controle, Jared de uma vez por todas apagaria as chamas.

—Amo seu sabor – gemeu ele, enquanto sua boca acariciava as doloridos, úmidas dobras de sua xoxota. Tão doce e quente, Kimber. Poderia comer sua xoxota durante horas.

—Mais tarde – rogou ela. —Deus, Jared, estive no sofrimento durante um ano até o dia hoje. Acabe com esse sofrimento...

Os olhos dela se fecharam enquanto um gemido esmigalhado escapava de seus lábios. A língua dele golpeou entre os lábios sensíveis, rodeou o inchado clitóris e então se moveu para baixo para lambe a entrada de sua ambiciosa vagina.

—Maldito seja, foda-me – exigiu ela asperamente enquanto sua xoxota se umedecia de necessidade. — Já esperei o suficiente, Jared.

Necessitava-o dentro dela, necessitava que enchesse os doloridos lugares vazios, não só de seu corpo, como também de sua alma.

—Camisinha – ofegou ele enquanto se ajoelhava, seus olhos selvagens, seu rosto avermelhado. — ...tenho que encontrar um...

—Não – suas mãos caíram sobre a longitude de seu pênis, fechando-se ao redor dele ao mesmo tempo que ambos gemiam pela carícia. — Estou protegida, Jared. Ocupei-me que isso. Preciso de você assim, Jared. Todo você.

Seus olhos encontraram os dele. Nenhum deles conhecia o toque do outro sem aquela camada de proteção. Mas ela não precisava proteger-se do Jared. Não queria.

Como se as palavras dela tivessem quebrado os últimos fios de seu controle, levantou suas coxas, abrindo-a enquanto caía sobre ela, tirando suas mãos da rígida longitude de sua ereção, e colocando-se com cuidado.

Ele respirava com força e rapidamente, como ela. A transpiração cobria seu corpo, umedecia seu cabelo. Fixou seu olhar nela, seus olhos quase negros enquanto dirigia a grossa e inchada cabeça de seu pênis através da estreita fenda de sua vagina.

Kimberly choramingou de prazer. A crista em forma de cogumelo era suave como o cetim e quente como o fogo enquanto a metia em sua abertura.

—Não quero te machucar – gemeu, apoiando sua testa contra a dela enquanto lutava por conseguir fôlego.

—Eu gosto da dor, lembra? – Ela tentou sorrir, mas seu fôlego se acelerava em seu peito com cada nova e violenta explosão de prazer. —Me tome, Jared. Todinha...

Ele fechou os olhos, movendo a mão para agarrá-la pelos quadris um segundo antes de inundar-se nela.

Os olhos do Kimberly se abriram amplamente, não pela dor, mas sim por estar sendo preenchida. Ele a estirou de maneira impossível, movendo seu pênis dentro dela com duras e fortes estocadas que a fizeram ofegar em busca de fôlego, um grito se formando em sua garganta, mas sem ar para liberá-lo.

—Deus, Kimberly – gemeu desesperadamente ele enquanto ela lutava por tomar a larga grossura de sua ereção. —Merda, está tão malditamente apertada. Fodidamente apertada.

Ela sentiu a penetração da magra membrana que tinha protegido durante tanto tempo. Suas costas se arquearam enquanto um grito escapava dela, suas pernas levantando-se para permitir a seus joelhos apertar seus quadris, para abrir-se muito mais para ele.

As mãos dela agarraram seus ombros, dedos incrustando-se de maneira inconsciente em sua pele ao tempo que a próxima estocada inundava nela de forma mais profunda, estirando-a ainda mais. Cada fôlego era um grito ofegante. Cada pulegada que se afundava dentro dela, outro pedaço de êxtase que ela temia não poder sobreviver.

Finalmente, suas mãos agarraram seus quadris com força enquanto se retirava um segundo antes de empurrar dentro dela forte e pesadamente, um empalamento que a transpassava como uma lança fazendo que se perdesse o grito que se formava dentro dela.

A eletricidade chispou sobre sua carne enquanto tremores sacudiam seu corpo. Podia senti-lo dentro dela, cada dura, palpitante, venosa pulegada de seu pênis enterrada até a última profundidade de sua xoxota.

Olhou-o fixamente enquanto ele abria os olhos, ofegando por ar, os olhos dela arregalados, seus quadris balançando-se contra as dele. E ela só podia dizer uma palavra:

—Mais...

Jared enlouqueceu. Durante um segundo, durante um segundo delicioso acreditou poder aguentar controlar a necessidade de não violá-la. Mas aquela palavra, aquela só palavra, tão cheia de fome, de desespero, deixou-o fora de si.

Caiu totalmente sobre ela, sustentando seu peso sobre seus cotovelos e começou a fodê-la com todo o impulso, ávidez desesperada que tinha preso dentro de sua alma fazia um ano. Enredou suas mãos em seus cabelos ,

mantendo-a quieta enquanto seus lábios caíam sobre os dela, sua língua empurrado entre seus lábios imitando o modo em que seu pênis se inundava repetidamente nas apertadas profundidades de sua xoxota.

Ela era estreita. Tão estreita que o agarrava como um volto de seda, as paredes de sua xoxota deslizando-se sobre seu pênis e conduzindo-o mais e mais perto à beira da realização.

Seus lábios se abriram para ele com a mesma impaciência que o resto de seu corpo, suas mãos movendo-se sobre seus ombros. As chamas açoitaram seu corpo enquanto seu peito se encolhia com uma explosão de proteção e devastadora emoção.

Seus braços a embalaram perto dele ao tempo que sentia que seu escroto se apertava quase dolorosamente na base de seu pênis. Apertou os dentes contra o açoitamento de sensações que começava a subir da base de sua espinha dorsal. A escorregadia suavidade de cetim de sua apertada boceta se flexionava e ondulava ao redor de sua ereção. Diminutos dedos de transbordante sensação atravessaram sua inchada carne, impressionando com destrutivo resultado as profundidades de suas bolas.

Não podia conter-se. Ela ardia entre seus braços, queimando-o com seu prazer, seus gritos urgindo-o a empurrar mais forte, mais rápido, a fodê-la com a última gota de força que possuía. Estava paralisado com sua necessidade, sua fome.

Jared se surpreendeu com o som do áspero gemido que escapou de seu próprio peito quando começou a martelar dentro dela. Investidas rápidas, profundas, enquanto o som de sua xoxota molhada absorvendo seu pênis lhe levava a beira da realidade.

—Jared... Jared... – ela ofegava seu nome, seu corpo apertando-se debaixo dele ao mesmo tempo que sentia as primeiras contrações de advertência de sua xoxota ao redor de seu pênis.

Ela estava perto, tão perto.

—Eu te amo, Kimberly – grunhiu em seu ouvido então, com a emoção fluindo através dele como uma onda gigante. —Venha para mim, neném. Venha para mim agora, doce neném. Aqui entre meus braços

Como se sua voz tivesse sido o detonante necessário, ela se convulsionou em seus braços, com o fôlego estrangulando-se entre seus lábios, enquanto ele levantava sua cabeça para olhar aqueles olhos incríveis no momento em que a tormenta caiu em cima dela.

Estavam quase negros, totalmente abertos mas desfocados, enquanto um grito profundo escapava de seus lábios. Sua doce, doce xoxota apertou seu pênis como o punho mais apertado enquanto estremecimentos duros, espasmódicos começaram a convulsionar dentro dela.

Então ele o sentiu. A urgência de sua liberação vibrou contra sua ereção enquanto suas pernas lhe pressionavam com mais força, sua xoxota flexionando-se, liberando, tomando e sugando sua carne endurecida até que sua cabeça, seu coração, sua alma explodiram em uma liberação que continha um gemido áspero, desesperado que se rasgava em seu peito.

Continuamente, sem pausa. Cada pulso de sua semente dentro do calor líquido de seu corpo era uma chicotada de sensações ardentes. Seus quadris pressionaram mais profundamente, decidido a penetrar no coração ao mesmo tempo de seu útero enquanto derramava cada gota de seu sêmen nas profundidades flexíveis de sua xoxota.

Quando terminou, parecia como um fantoche cortando as cordas de sua criação. Jared se derrubou sobre ela, resistente a retirar-se das profundidades aveludadas de seu corpo. Tinha que estar esmagando-a, mas seus braços se enredaram apertadamente ao redor de seu pescoço, seus lábios sussurrando, suplicando que a abraçasse para sempre.

—Eu te amo, Kimberly – sussurrou ele outra vez, abatido pelas emoções que varriam através dele ao mesmo tempo que o esgotamento reclamava a ambos. —Eu te amo...

Capítulo 21

Três semanas mais tarde.

—Sua mãe está louca – disse acusadoramente Kimberly a Jared enquanto desligava o telefone e escondia a cabeça entre suas mãos. —Seis meses? Seis meses para planejar um casamento? – olhou-lhe suplicante, do lugar onde se sentou na mesa da cozinha, com seu café esfriando-se diante dela. —Tenho que esperar seis meses, Jared? Não é justo.

Ele se levantou, colocando-se frente a ela, recostando-se preguiçosamente contra a bancada, com os jeans caindo de seus quadris com o primeiro botão desabotoado, e seu peito nu. Deus, era tão sexy que queria comê-lo inteiro.

Seu cabelo escuro estava despenteado, seus lábios ainda pareciam estar inchados. Ela apenas recordava morder a curva inferior enquanto a liberação chacoalhava seu corpo aquela manhã cedo. Lhe olhando agora, não podia imaginar como tinha conseguido manter suas mãos afastadas dele como tinha feito.

—Pare de me olhar assim – grunhiu ele sensualmente. —Depois de ontem à noite e destamanhã ,não está em condição de acabar o que está pedindo.

E ele tinha razão. Ainda estava assombrada de que Ian Sinclair tivesse concordado em ser o terceiro em sua relação. Ian raramente participava de qualquer das relações dos membros do clube, e pelo que ela sabia, nunca tinha atuado como terceiro. Primeiro talvez, mas nunca terceiro.

A experiência tinha sido selvagem, erótica, um presente como nunca tinha conhecido enquanto Jared a segurava em seus braços, contemplando seu olhar com a dela no instante em que Ian começava a encher sua insaciável e ensopada xoxota.

Ela tremeu agora com a lembrança, olhando fixamente para Jared enquanto o amor explodia em sua alma. Ainda a surpreendia que ele era verdadeiramente dela.

—Termine o café, querida – sua voz era um suave e sexy murmúrio enquanto a parte dianteira de seu jeans começava a encher-se exigentemente.

Ela estava começando a levantar-se para atacá-lo quando soou a campainha da porta, interrompendo o desejo sexual que começava a criar-se como um fogo incontrolável em sua mente.

Em lugar disso, ficou de pé ao mesmo tempo que Jared lhe oferecia uma mão, lhe convidando a lhe seguir. Sua casa. Ele aproveitava cada oportunidade para lhe demonstrar que a casa que ele tanto amava era a casa de ambos. Não só dele, mas também dela também.

—Espera alguém? – seu sempre presente sorriso se aprofundou ao sentir o braço dele rodeá-la pelas costas.

—Não que eu saiba – grunhiu enquanto alcançavam a grande porta de carvalho. — Anda, vamos nos livrar rapidamente de quem está aí.

Uma gargalhada saiu de sua garganta enquanto ele agarrava a maçaneta e abria a porta.

A surpresa a deixou paralisada.

—Olá, Kimberly – Daniel Madison estava na soleira, com uma caixa alegremente embalada agarrada fortemente em suas mãos de brancos nódulos enquanto a olhava friamente.

Ela ficou rígida, piscando com incredulidade.

—Senador Madison – a fria saudação de Jared foi menos que hospitaleira. —Que deseja?

Ele pareceu estremecer-se com o áspero tom de voz de Jared, mas não deixou de encará-la.

—Eu gostaria de um momento para falar contigo – disse rigidamente. —Prometo não tomar muito de seu tempo.

—Você já disse o suficiente... – começou a grunhir Jared.

—Não – Kimberly pressionou uma mão em seu peito, sem deixar de encarar seu pai. —Falarei com ele, Jared. Agora já não pode me ferir. Eu te prometo.

Ela sentiu sua recusa de que se encontrasse cara a cara com seu pai depois este que tentou controlá-la durante tantos anos.

—Vamos à sala de estar – o convidou ela cautelosamente. —Está um pouco bagunçada. Ainda não colocamos todas minhas coisas em ordem.

Eles tinham esvaziado a casa dela na semana anterior, mas ainda havia caixas sem esvaziar na sala de estar, cheias de toda uma vida de lembranças dos que não poderia desprender-se.

Seu pai assentiu, seu olhar vacilando um momento, mostrando-se frio e dolorido antes de desviar o olhar dela.

Ela o conduziu para a sala de estar, sentindo-se incômoda enquanto ele passava junto a várias caixas, ainda agarrando a brilhante caixa rosa e amarela em seu braço. De repente, ele se deteve, olhando fixamente o conteúdo de uma onde ela tinha guardado lembranças de sua infância.

Com hesitação, colocou a mão dentro e tirou um pequeno livro muito usado. A bela adormecida. Sempre tinha sido seu livro favorito.

Piscou rapidamente ao mesmo tempo que limpava a garganta.

—Eu costumava ler isto para você – ele disse fracamente. —Quando você era somente uma coisinha diminuta. Cada noite antes de você dormir, queria que lhe lesse isso.

Kimberly o olhou com curiosidade.

—Não me lembro disso – disse enquanto pensava no passado, tentando não lembrar da raiva dele contra sua mãe até os anos antes das brigas.

Ele se estremeceu como se ela o tivesse golpeado, e com muito cuidado pôs o livro em seu lugar.

—Era muito pequena – disse. —Possivelmente muito jovem para lembrar. Aqui... – estendeu a caixa que levava para ela. —Tenho um presente para você. Seu aniversário será em breve e assim que vi isto... – Se encolheu de ombros, como se estivesse incomodado.

Confusa, Kimberly pegou a caixa. Este não era o pai que ela se recordava.

—Me desculpe pela embalagem – ele limpou a garganta outra vez. —Não sei onde esteve minha secretária ontem. Tive que embalá-lo eu mesmo.

Podia perceber. O papel estava irregular, amarrado desajeitadamente, mas durante um momento, Kimberly teve que lutar para evitar um soluço ao saber que ele mesmo o tinha embalado. Não o tinha feito desde que ela tinha cinco anos. E ela lembrava disso. As caixas irregularmente embaladas que ele estava acostumado a trazer e o desprezo de sua mãe por isso.

Nem sequer se preocupa de que esteja embalado corretamente, sua mãe o tinha culpado, furiosa. Está tão desajeitado como você, Daniel.

Seus dedos alisaram suavemente a fita torcida enquanto piscava para combater as lágrimas. Com muito cuidado, desatou-o, deixando a fita de lado antes de tirar o papel da mesma maneira. Pensava guardá-lo. Igual a tinha guardado o papel no que ele tinha envolto a bailarina tanto tempo atrás.

Finalmente, ela abriu a grande caixa, olhando o conteúdo cheia de assombro.

—Não é nada na realidade – comentou ele quase grunhindo. —A vi na vitrine de uma loja. O rosto da boneca me lembrou muito de você.

Ele se lembrou dela? Olhou a pequena etiqueta no longo vestido de noiva de cetim branco. Era uma Reme, do desenhista original, e o rosto se parecia com ela porque era justamente a dela. Tinha admirado fazia muito tempo as bonecas de porcelana desse fabricante, mas nunca tinha sido capaz de justificar o escandaloso preço para as possuir.

Os largos cachos de um dourado avermelhado caíam pelos ombros da boneca e por detrás do laço e véu de renda. Tinha umas pérolas diminutas e um cinto de cetim adornando o incrivelmente branco vestido de noiva, e preciosas sandálias de cetim cobriam seus pés de porcelana.

—Por que? – moveu um dedo suavemente sobre uma fila de diminutas pérolas que havia no longo vestido e que estavam cuidadosamente colocadas a um lado.

Elevou o olhar para ele, vendo alguém que não conhecia. Este não era o pai contra o que tinha lutado durante tantos anos. O bastardo puritano, que em mais de uma ocasião, que a tinha chamado de puta.

Ele baixou sua cabeça devagar, sacudindo-a impotentemente enquanto colocava as mãos nos bolsos de suas calças.

—Não tenho sido um pai para você desde que tinha cinco anos – disse, quase tão baixo que ela pudesse ouvi-lo. —Não me desculparei. Porque não há justificativa possível, Kimberly. Não o farei. Mas queria que soubesse... – tragou fortemente. —Eu sempre te amei. Inclusive quando não queria fazê-lo. Quando tentei não fazê-lo. Eu te amava.

Ele encolheu os ombros desconfortavelmente enquanto ela levantava um fino envelope que ela tinha percebido dobrado ao lado da boneca. Curiosa, abriu-o, tirando os papéis que havia dentro. Repassou os documentos legais sem acreditar no que via antes de olhar de novo.

Que diabos estava se passando aqui?

—Sempre pensei que era seu – adicionou ele no momento. —Se tivesse casado com um canalha caça-dotes, não teria lhe entregue isso. Casei-me com sua mãe por dinheiro, admito-o. Mas por Deus, não a deixei grávida por dinheiro, e tampouco foi um acidente.

Ele parecia zangado, como quase sempre. Sua voz era áspera, um pouco mais alta, mas desta vez ela pôde ver algo que compreendeu que sempre havia estado ali no passado. Dor.

—Posso te ouvir – disse suavemente. —Não grite comigo, Pai.

A boca dele se contorceu em uma forte careta, olhando-a outra vez.

—Não tinha intenção de gritar – tratou de apaziguar o som. —Os membros de meu gabinete me castigam sempre por isso. Às vezes, nem sequer me dou conta... —deixou de falar uma vez mais.

—Por que agora? – ela não podia entender essa parte. —Por que vem agora quando precisei de você anos atrás? – sua voz foi um som estrangulado pelas lágrimas, e ela odiou isso. Não deveria lhe doer; não deveria lhe preocupar.

Ele limpou sua garganta outra vez, movendo-se desconfortavelmente.

—Eu li o diário dela. Você deixou isso em Briar Cliff. Quando renunciou à herança, deram-me uma carta que ela escreveu para mim antes de morrer. Fui a Briar Cliff para tentar entender o ocorrido, e encontrei o diário – piscou bruscamente.

—Quando tinha cinco anos, na tarde de seu aniversário, ela me induziu a acreditar que não era minha filha. Isso não é nenhuma desculpa – espetou furiosamente. —Não há desculpas para o que fiz. Mas quando li suas palavras, percebi o quanto a ferimos. Em nossas tentativas egoístas de nos ferir um ao outro, em meu próprio moralismo e fanatismo da crença do certo e errado, cometi inclusive um pecado maior. Neguei a filha que aceitei desde seu nascimento. Não deveria ter me importado se ela tinha mentido para mim, ou se ela tinha me enganado realmente. Tinha aceitado você como minha. E errei depois ao te renegar.

Ficou olhando-a fixamente enquanto dizia tudo isto, seus olhos de cor avelã estavam úmidas, suas mãos apertadas em seus bolsos, enquanto Kimberly o olhava sobressaltada, insegura, confusa. Ela olhou de novo para a boneca. Deve ter levado mais tempo do que poucas semanas para mandar fazê-la. Ele deve ter a encomendado há mais de um ano.

—Não espero seu perdão – sua voz se elevou outra vez. —Não o mereço. Mas queria que soubesse. Sei o que ele faz, refiro-me ao homem com quem vai casar. Sei do Clube que faz parte. Sei o que significa. Eu não gosto. Sabe que eu não gosto de... – se deteve, obviamente tentando controlar o volume em suas palavras. —É minha filha. O que faz em sua intimidade não é de minha conta... Só quero... – deixou de falar outra vez.

Kimberly o olhou fixamente em silêncio.

—Um dia... – continuou — terá filhos. Talvez, inclusive um garotinho. Queria... –ele limpou a garganta bruscamente. —Não quero perder a chance de conhecer seus filhos, como me neguei a chance de te conhecer... Maldita seja, não chore, mulher. Não quero essas lágrimas – berrou então.

Antes que Kimberly pudesse lhe responder, ele tinha tirado um lenço de seu bolso e o estava pressionado contra suas bochechas. Um pouco brusco, enxugou as lágrimas antes de colocar-lhe em suas mãos.

—Enxugue as lágrimas...– ele a repreendeu, apertando os dentes, em voz baixa. —Não suporto te ver chorar. Recorda-me muitas coisas, Kimberly. Toda a dor que te causei no passado. Por favor, não chore. Não queria te fazer chorar.

—Ela tentou me dizer isso ao final – disse fungando. — E o entendi mal.

Ele balançou sua cabeça desoladamente.

—Eu sei. Escutei o que ela te disse e também entendi mal – lhe deu um tapinha na cabeça rudemente. —Tenho que ir. Tenho trabalho a fazer, menina. Não tenho tempo de ficar batendo perna. Só... – trágico fortemente. —Seja feliz, Kimmie. Isso é tudo o que sempre quis para você realmente.

Deu a volta e começou a caminhar para porta.

—Pai – ele se deteve quando lhe chamou. — Vou me casar. Carolyn me informou que o casamento será dentro de seis meses.

Ele lançou um brusco grunhido.

—Mulher intrometida.

Estranhamente, sua voz estava cheia de um carinho que ela não tinha esperado.

—Sim, ela é – assentiu. — Mas precisarei de alguém para me levar ao altar – disse hesitante, perguntando-se se só estaria se machucando a si mesma com essas palavras.

Ele se voltou devagar. Era sua vez de sobressaltar-se, cheio de incredulidade.

Seus lábios se abriram. E se fecharam.

—Não mereço isso – sussurrou finalmente. —Nunca esperei ser capaz de fazê-lo.

—Se você quiser... – disse ela, saudosa dos anos perdidos, pelo pai que acabava de dar-se conta de que não conhecia. —Me ame, aceite meu marido, Pai.

Ele piscou bruscamente.

—Ele roubou a minha filha – grunhiu. —Mas a verdade é que eu não estava fazendo bem a tarefa de cuidar de você. E me sentiria orgulhoso... malditamente orgulhoso, Kimmie, de te levar ao altar e te entregar a ele. Sacrifiquei seu amor por minha maldita vaidade egoísta. Mas me sentiria muito orgulhoso de te entregar a ele.

Ela umedeceu os lábios cautelosamente.

—Nunca te odiei – não pôde dizer nada mais. Agora mesmo, estava atordoada, incapaz de explicar a si mesma o que tinha acontecido.

Ele assentiu bruscamente.

—Sinto-me agradecido por isso. Agora, tenho um país para tentar ajudar a melhorar para quando nascerem meus netos. Você mantenha na linha o homem com quem vai se casar – lhe apontou com um dedo imperativamente. —É muito teimoso e seguro de si mesmo. Deixa os outros em má situação... – pressionou suas mãos nervosamente dentro de seus bolsos outra vez. — Eu te amo, Kimmie.

Virou-se e partiu abruptamente então, saudando rapidamente Jared ao passar a seu lado no vestíbulo.

Kimberly encontrou com os olhos de seu amado. Estava-a olhando com surpresa, seus lábios curvados com repentina diversão.

—Seu pai tem seus assuntos – disse com toda seriedade.

Ela sacudiu sua cabeça, com um sorriso em seus lábios enquanto ele se aproximava para envolvê-la com seus braços.

—Merece cada sacrifício, Kimberly. Ele ao final o compreendeu –disse enquanto a atraía para seu peito um segundo antes de que suas lágrimas voltassem a cair. — Cada sacrifício. E acredite em mim, relacionar-se com esse seu piedoso pai vai ser um sacrifício...

Ela riu entre lágrimas com o tom de brincadeira que havia em sua voz, porque não tinha havido nada piedoso com seu pai. Nenhuma fanático. Ele tinha feito um sacrifício que ela nunca tinha esperado.

Apertou-se mais contra Jared , compreendendo o presente que lhe tinha dado com seu amor. A aceitação, a paciência e uma profunda emoção que agora os unia. Não tinha havido sacrifícios. Inclusive se ela nunca tivesse visto Briar Cliff outra vez. Agora, neste momento em seus braços, valia a pena perder todo o resto.

FIM